

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO**

**MARIA JOSÉ DANTAS SOUZA**

**A COOPERATIVA DE CONSUMO SOLIDÁRIO E SUSTENTÁVEL –  
COOPERSOL, ESPAÇO PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO COM AS/OS  
PROSSUMIDORAS/ES**

**Cáceres/MT  
2022**

**MARIA JOSÉ DANTAS SOUZA**

**A COOPERATIVA DE CONSUMO SOLIDÁRIO E SUSTENTÁVEL –  
COOPERSOL, ESPAÇO PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO COM AS/OS  
PROSSUMIDORAS/ES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso Campus Cáceres – Unemat, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de Pesquisa:** Educação e Diversidade

**Orientador:** Prof. Dr. Laudemir Luiz Zart

**Cáceres/MT**

**2022**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

S719a SOUZA, Maria José Dantas.  
A Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável-Cooperssol, Espaço Pedagógico de Educação com as/os Prosumidoras/ES / Maria José Dantas Souza - Cáceres, 2022.  
138 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.  
Orientador: Laudemir Luiz Zart

1. Economia Solidária. 2. Cooperativismo. 3. Práticas Pedagógicas. 4. Comercialização. 5. Consumo Solidário e Sustentável. I. Maria José Dantas Souza. II. A Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável-Cooperssol, Espaço Pedagógico de Educação com as/os Prosumidoras/ES: .  
CDU 334.73



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos doze dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e dois, às 14 horas, realizou-se por meio de videoconferência do Mestrado em Educação/UNEMAT a banca de Defesa de dissertação de mestrado da estudante Maria José Dantas Souza intitulada: *“A Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável – COOPERSSOL como um espaço pedagógico de educação com as/os prossumidoras/es”*. A Banca Examinadora foi constituída pelo Prof. Dr. Laudemir Luiz Zart (Orientador), pelo Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria (Avaliador Externo), pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (Avaliadora Interna) e Prof. Dr. João Ivo Puhl (Avaliador Interno). Após apresentação da discente e arguição dos membros da banca o trabalho foi considerado ‘Aprovado’, devendo a mestranda proceder às adequações recomendadas pela banca. Ao final foi lavrada a presente ata, que segue assinada por mim, Prof. Dr. Laudemir Luiz Zart e pelos demais membros da Banca Examinadora.

**Observações da Banca Examinadora:**

A pesquisa possui relevância científica e social pela implicação da pesquisadora no contexto da construção social da realidade e do conhecimento a partir da observação e da análise do processo do trabalho concreto nas experiências da Cooperssol. Indicamos os esforços acadêmicos e científicos da pertinência da publicação do trabalho elaborado.

---

**Prof. Dr. Laudemir Luiz Zart**

Orientador

*Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT*

**Cáceres/MT, 12 de Agosto de 2022**



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO



---

**Prof. Dr. Mauricio Sardá de Faria**

Avaliador Externo

*Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE*

---

**Prof.ª Dr.ª Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira**

Avaliadora Interna

*Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT*

---

**Prof. Dr. João Ivo Puhl**

Avaliador Interno

*Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT*

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que compartilham comigo os saberes que constituem a base da ciência humanizadora desse tempo.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou infinitamente grata a minha Mãe Divina, ao Divino Pai, ao Sacratíssimo Espírito Santo e a todas as divindades que inspiram minha espiritualidade, fonte inesgotável de amor;

A minha família de origem e constituída que compartilhar comigo o exercício cotidiano de viver em cooperação;

Aos sujeitos desta pesquisa que compartilharam comigo seus saberes e experiências;

Ao meu admirável orientador, com quem aprendi entre tantas coisas, muito sobre práxis, economia solidária, cooperativismo e humanidade;

Ao meu filho Joaquim, companhia inseparável dessa jornada de conhecimento e amadurecimento humano e científico;

E a todas as pessoas que fizeram parte dessa pesquisa direta e indiretamente.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Paulo Freire



## RESUMO

O presente estudo é resultado da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, na linha de pesquisa: Educação e Diversidade, tem como temática “A cooperativa de consumo solidário e sustentável - COOPERSSOL como um espaço pedagógico de educação com as/os prossumidoras (es)”. Teve como objetivo principal analisar como se desenvolve a relação prossumidor no processo de comercialização nas práticas pedagógicas, nas experiências de consumo solidário e sustentável no âmbito da cooperativa de consumo, buscando responder à questão investigada nessa pesquisa. Como o envolvimento dos produtores/consumidores na Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável se constitui em prática pedagógica, capaz de promover mudanças de práticas sociais de consumo e de produção na geração da cultura de prossumidores? A realização deste estudo embasou-se em autores que fundamenta nossas discursões sobre cooperativismo, economia solidária, trabalho e trabalho associado, incubação, educação e comercialização solidária, educação popular, ciência, pesquisa, métodos e metodologias, como é o caso de: Andaloussi (2004), Freire (2005; 2015; 2017), Marx (2008), Singer (2013), Zart (2012; 2013; 2014; 2016; 2019), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uma perspectiva epistemológica da pesquisa-ação visando à transformação do conhecimento sistematizado a partir da realidade e da produção social do conhecimento dos sujeitos da pesquisa. Foram realizados círculos de conversas online pelo aplicativo *goole meet*, aplicação de questionários pelo *google formes* e entrevistas online via *goole meet e whatsapp* e observação presencial com as devidas regras de distanciamento, com utilização de máscaras e álcool em gel, para coletar os dados, analisados em processos temáticos históricos e dialéticos que relacionam as partes ao todo para compreender as múltiplas determinações do objeto da pesquisa. Os dados produzidos foram codificados e interpretados conforme os eixos temáticos fundamentados nas percepções de mundo, apreendidos nos círculos de conversas, nos questionários e nas entrevistas. Na análise averiguou-se que o espaço da COOPERSSOL vem se constituído um lugar de diálogos, interações, aprendizados e propagação de uma cultura de transformação da realidade de cada pessoa e da coletividade, os processos educacionais, de reflexão levam a ações concretas de tomada de consciência de responsabilidade e comprometimento com os grupos produtivos da agricultura familiar, indígenas e quilombolas, e com a economia solidária, possibilitou a produção social do conhecimento, em um processo dialógico e dialético entre o saber popular e o científico. A análise demonstrou que a cooperativa é um espaço de encontro, de resistência e de mobilização para as pessoas e em tempos de pandemia com o distanciamento social, mantiveram-se integradas encorajadas e em movimento de articulação e solidariedade uns com os outros. Em vívida expressão dos valores humanos da solidariedade, cooperação, ajuda mútua, organização e resistência às ameaças externas, aos processos políticos de auto-organização. Conclui-se que os sujeitos envolvidos nesse movimento com quem realizamos a pesquisa estão experienciando práxis que os colocam em contextos de ação e transformação de si mesmo e da realidade histórico material em que estão inseridos.

**Palavras-Chave** Economia Solidária; Cooperativismo; Práticas Pedagógicas, Comercialização; Consumo Solidário e Sustentável

## ABSTRACT

The present study is the result of research carried out in the Postgraduate Program in Education of the University of the State of Mato Grosso-UNEMAT, in the line of research: Education and Diversity, with the theme "The cooperative of solidary and sustainable consumption - COOPERSSOL as a pedagogical space of education with prosumers". Its objective was: to analyze how the prosumer relationship develops in the commercialization process in pedagogical practices in the experiences of solidary and sustainable consumption in the context of the consumer cooperative, seeking to answer the question investigated in this research: How the involvement of producers/consumers in the cooperative of Does Solidary and Sustainable Consumption constitute a pedagogical practice capable of promoting changes in social practices of consumption and production in the generation of prosumer culture? This study was based on the following authors: Andaloussi (2004), Faria (2005), Singer (2013), Zart (2012; 2013; 2014; 2016; 2019). It is a research with a qualitative approach, with an epistemological perspective of research-action-participant aiming at the transformation of systematized knowledge from the reality and social production of knowledge of the research subjects. Online conversation circles were carried out using the goole meet application, questionnaires were applied through google formes and online interviews via goole meet and whatsapp and face-to-face observation with the appropriate distancing rules, using masks and gel alcohol, to collect the data, analyzed in historical and dialectical thematic processes that relate the parts to the whole to understand the multiple determinations of the research object. The data produced were coded and interpreted according to thematic axes based on the perceptions of the world learned in conversation circles, in the questionnaires and in the interviews. In the analysis it was found that the space of COOPERSSOL has been constituted as a place of dialogues, interactions, learning and propagation of a culture of transformation of the reality of each person and of collectively, the educational processes, of reflection lead to concrete actions of taking of awareness of responsibility and commitment to the productive groups of family, indigenous and quilombola agriculture, and to the solidarity economy, enabled the social production of knowledge, in a dialogical and dialectical process between popular and scientific knowledge. The analysis showed that the cooperative is a space for meeting, resistance and mobilization for people and in times of a pandemic with social distance they remained integrated, encouraged and in a movement of articulation and solidarity with each other. In vivid expression of the human values of solidarity, cooperation, mutual help, organization and resistance to external threats to political processes of self-organization. It is concluded that the subjects involved in this movement with whom we carried out the research are experiencing praxis that place them in contexts of action and transformation of themselves and the material historical reality in which they are inserted.

**Keywords** Solidarity Economy; Cooperativism; Pedagogical Practices, Marketing; Solidarity and Sustainable Consumption.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ACI** - Aliança Cooperativista Internacional

**ADS/CUT**- Agência de Desenvolvimento Solidário da Central Única dos Trabalhadores

**ANTEAG** - Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão

**CDH** - Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennés

**CMSES** - Conselho Municipal de Socioeconomia Solidária

**CONCRAB** - Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil

**COOPERSOL** - Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável

**CRDH** - Centro de Referência de Direitos Humanos

**CTA** - Centro de Tecnologias Alternativas

**EES** - Empreendimentos Econômicos Solidários

**ES** - Economia Solidária

**FASE** – Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional

**FBES** - Fórum Brasileiro de Economia Solidária

**FEISOL** - Feira de Economia Solidária e Agroecologia

**FNAS** - Fundo Nacional de Assistência Social

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ITCPs** - Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares

**OCB** - Organização das Cooperativas Brasileiras

**PAA** - Programa de Aquisição de Alimentos

**PACs** - Projetos Alternativos Comunitários

**PRONAS** - Programa Nacional de Agricultura Familiar

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**SENAES** - Secretaria Nacional de Economia Solidária

**SESCOOP** - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

**SIES** - Sistema Nacional de Informação de Economia Solidária

**STTR** – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

**TEM** - Ministério do Trabalho e Emprego

**TS** – Tecnologia Social

**UNEMAT** - Universidade do Estado do Mato Grosso

**UNICAFES** - União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária

**UNITRABALHO** - Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resposta em percentual das alternativas da pergunta .....	60
Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa .....	94
Quadro 3 - Síntese do balanço financeiro do ano de 2020 .....	105
Quadro 4 - Síntese do balanço financeiro do ano de 2021.....	105

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Evento sobre o dia do Meio Ambiente.....	58
Fotografia 2 - Mosaico de fotografias da COOPERSSOL, fachada e espaço interno.....	64
Fotografia 3 - Reunião das organizações sociais com a administração municipal .....	70
Fotografia 4 - Fotos da tenda da COOPERSSOL na Amostra Cultural de Cáceres/MT.....	70
Fotografia 5- Fotos do evento de comemoração ao dia do Rio Paraguai.....	71
Fotografia 6 - Fotos da reunião de articulação com a UNICAFE.....	73
Fotografia 7 - Fotos dos cooperados/as com os agricultores/as em atividades a campo.....	74
Fotografia 8 - Fotos das agricultoras com sua produção de milho e mandioca respectivamente.....	75
Fotografia 9 - Fotos do evento “Trocas de sementes” no Assentamento Vale do Mangaval, Cáceres/MT.....	76
Fotografia 10 - Sementes de arroz e rama de mandioca.....	81
Fotografia 11 - Colheita do arroz.....	82
Fotografia 12 - Produtos vindos da ARPA para confecção das cestas.....	85
Fotografia 13 - Entrega de kits de higiene na UBS – Bairro Jardim Guanabara.....	86
Fotografia 14 - Centro Comunitário São Jerônimo no Bairro Empa de Cáceres/MT a entrega das cestas básicas.....	87
Fotografia 15 - Entrega das cestas básicas a comunidade do EMPA em Cáceres/MT.....	87
Fotografia 16 - Entre das doações no Acampamento Renascer.....	88
Fotografia 17 - Fotos dos preparativos da galinhada gerenciada por D. Dionice.....	89
Fotografia 18 - Doação de alimentos e material para construção de um poço no Assentamento Renascer – Cáceres/MT.....	90
Fotografia 19 - Doação de alimentos da cesta básica na comunidade do Empa – Cáceres/MT.....	91
Fotografia 20 - Doação de alimentos da cesta básica no Assentamento Cascalheira no município de Cáceres/MT.....	92
Fotografia 21 - Cartão digital de divulgação do evento “Feijoadada do Trabalhador”.....	93

Fotografia 22 - Pessoas na frente da COOPERSSOL aguardando a entrega da feijoada.....	93
Fotografia 23 - Logo do projeto e organizações articuladas.....	99
Fotografia 24 - Entrega do veículo a diretoria da COOPERSSOL.....	107
Fotografia 25 - Reunião <i>online</i> de planejamento das atividades e reunião presencial de avaliação e retomada das atividades.....	107

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
2 COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO.....	29
2.1 Das experiências originárias ao cooperativismo empresarial.....	29
2.1.2 Cooperativismo solidário e a metodologia da incubação solidária .....	33
2.2 A Economia Solidária: movimento social e política pública.....	39
2.2.2 Educação solidária: prática e pedagogia social nos espaços não escolares ...	48
3 TRABALHO ASSOCIADO E CONSUMO SOLIDÁRIO .....	53
3.1 O trabalho associado como base da organização social .....	53
3.1.1 O trabalho associado como processo constitutivo das relações de trabalho ..	54
3.1.1.1 O consumo solidário como instrumento integrador da produção e comercialização solidária .....	60
3.2 A experiência da COOPERSSOL .....	61
3.2.1 A COOPERSSOL: desenvolvimento econômico e social, socioeconomia solidária e um recorte com a agricultura familiar no município de Cáceres/MT ...	67
4 A RELAÇÃO CONSUMIDOR/PRODUTOR NO PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS EXPERIÊNCIAS DE CONSUMO SOLIDÁRIO E SUSTENTÁVEL .....	79
4.1 A COOPERSSOL como espaço de práticas pedagógicas .....	79
4.1.1 As práticas de produção, comercialização e consumo solidário .....	95
4.1.1.1 Como se constitui a relação para a cultura do bem-viver? .....	101
4.1.1.1 A experiência com a cultura do prossumidor.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110
REFERÊNCIAS .....	115

## INTRODUÇÃO

Iniciamos essa seção introdutória da dissertação falando sobre as experiências vivenciadas nas relações estabelecidas para a consolidação e viabilidade da Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável – COOPERSSOL, um empreendimento econômico solidário que nasceu das demandas de grupos sociais que passaram por processos formativos realizados pelo Núcleo de Estudos e Praxiologias da Universidade e do Mundo do Trabalho - Núcleo Unitrabalho - Unemat. A partir dessas experiências analisamos as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos no projeto e investigamos o modo com que a produção social do conhecimento é gerada por esse coletivo de sujeitos no âmbito desse espaço de relações sociais.

Assim, conduzimos o processo de análise para explicar como se desenvolve a relação prosumidor<sup>1</sup>, ou seja, a livre associação entre produtores e consumidores que, democraticamente, se articulam e se ajustam sobre suas demandas de produção e consumo. Isto no processo de comercialização nas práticas pedagógicas nas experiências de consumo solidário e sustentável no âmbito da cooperativa de consumo COOPERSSOL, o que faz com que se desdobre nos seguintes objetivos:

a) Identificar na cooperativa de consumo solidário e sustentável como é promovido o desenvolvimento econômico e social da economia solidária e da agricultura familiar;

b) Verificar como os consumidores têm vivenciado a perspectiva de consumo solidário no seu dia a dia e se essa prática ocorre na perspectiva da educação popular e do trabalho associado;

c) Examinar como se desenvolve a relação consumidor/produtor no processo de comercialização nas práticas pedagógicas nas experiências de consumo solidário e sustentável.

Esse estudo revela o protagonismo de um grupo de sujeitos em viabilizar a primeira cooperativa de consumo no município de Cáceres/MT, constituída nos moldes da economia solidária e de características associativas peculiares e diferenciadas no mundo do trabalho.

---

<sup>1</sup> Nesta economia de prosumidores, a regulação ocorre através de debates públicos no espaço associativo, num exercício de democracia local em que os próprios moradores planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços (ou seja, a criação das atividades socioeconômicas), em função de suas próprias demandas, que são identificadas previamente (FRANÇA FILHO, 2007, p. 161).



Por considerar o cooperativismo solidário uma alternativa para a propagação do desenvolvimento sustentável e para a consolidação de práticas econômicas e sociais que se distingue das práticas capitalistas de mercado, é que voltamos nossa atenção para a COOPERSSOL.

Uma organização coletiva constituída por vinte e três sócios cooperados, desses, sete são membros da diretoria executiva com os cargos de presidente, vice-presidente, tesoureiro/a/operador/a de mercado e mais quatro conselheiros/as vogais, e um conselho fiscal composto por três membros titulares e três vogais, com mandato de dois anos para os membros da diretoria executiva e um ano para os membros do conselho fiscal. O conselho administrativo e fiscal tem participação contínua e permanente na elaboração e articulação das atividades e ações da cooperativa, e também em ações e atividades com a rede de colaboração e parceiros. Essa diretoria cuida da gestão do empreendimento, realizando atividades e ações como: aquisição de produtos junto aos produtores até a chegada dos produtos na loja, realiza pagamentos das despesas fixas (aluguel, energia, internet, telefone, contadora, sistema de vendas, produtores, etc); despesas eventuais/ocasionais (a cada ano alvarás de funcionamento, dos bombeiros vigilância sanitária, registro de atas na junta comercial), compra ou autoriza a compra de equipamentos e material de uso permanente entre outros, organiza eventos, articula parcerias, faz e participa de projetos e ainda se encarrega de faz comunicação interna (com os sócios cooperados e colaboradores) e externa (coma a comunidade etc.).

Na perspectiva de compreender se esse lugar de comercialização da cooperativa de consumo é um espaço de resistência e de práticas pedagógicas, com troca de saberes, onde as pessoas se relacionam a fim de ressignificar as práticas de consumo, produção e comercialização, que se faz para além da obrigação de suprir uma necessidade material, é que propomos a reflexão sobre esses moldes de consumo, produção e comercialização, para entender como essas ações impactam o meio ambiente, a sociedade e a vida das pessoas.

Sabemos que a reflexão gera a percepção e a tomada de consciência da realidade que pode ser transformada com o comprometimento de sujeitos com a prática da solidariedade, da sustentabilidade e do cooperativismo. O cooperativismo solidário tem se apresentado como estratégia que busca estruturar um novo modelo de sociedade, constituída por sujeitos associados, empoderados, autogestionários, includentes, cooperantes e democráticos. E o fortalecimento desses espaços de consumo solidário — possibilita um processo educativo e reeducativo dos sujeitos que, comprometidos com

sua existência individual e coletiva e, principalmente, com o impacto de sua ação de consumo, produção e comercialização na vida deles, na do outro e na do planeta, viabiliza outra cultura de consumo, produção e comercialização, além de fortalecer o pequeno produtor, a economia familiar e a produção agroecológica.

O termo consciência é utilizado nesse estudo na perspectiva freireana, como sendo a capacidade em que o indivíduo desenvolve ao passar por um processo educacional dialógico e ativo, voltada para a responsabilidade social e política. Na qual substitui as explicações mágicas por princípios causais, e também:

Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisão. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não recusa ao velho, só porque é velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições (FREIRE, 1987, p. 6161).

Em seus escritos Freire (1987) faz a diferenciação entre consciência ingênua e consciência crítica. A primeira como sendo a fase que se caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas, com forte inclinação ao gregarismo, característica da massificação. E a consciência crítica ou transitiva crítica,

caracteriza-se pela profundidade com que interpreta os problemas e pelo engajamento sociopolítico. Por conta de ser estruturalmente intencional (ZITOSKI, 1994, p. 55), a consciência crítica caracteriza-se ainda pelo pensar autônomo e comprometido, que leva ao engajamento. Mas ela jamais é sectária, ao contrário, quanto mais crítica, mais democrática e dialógica é a consciência (p. 95). A consciência transitiva crítica substitui as explicações mágicas e no seu lugar adota princípios e relações causais para interpretar a realidade. Ela tem a pré-disposição para rever sua posição e se dá conta dos pré-conceitos que deformam as interpretações (Dicionário Paulo Freire, p. 171).

Estamos dizendo com isso que, o processo educativo experienciado pelos sujeitos nesse estudo revela a superação da consciência ingênua para a consciência crítica, uma vez que, o engajamento ocorre pelo pensar autônomo e comprometido.

Um exemplo disso é o meu envolvimento com essa pesquisa que, surgiu das experiências vivenciadas no âmbito da Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável – COOPERSSOL. Esse empreendimento foi viabilizado a partir da associação de um grupo de sujeitos envolvidos nos processos formativos de trabalhos/pesquisas e incubação no Núcleo Unitrabalho-UNEMAT e no curso de Pós-Graduação Economia

Solidária e Políticas Públicas, ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, realizado no período de 06/2015 a 07/2017. Desse engajamento nasceu meu compromisso com o movimento, com os sujeitos e, inevitavelmente, com a causa que propõe esse repensar sobre a existência humana nesse espaço-tempo histórico.

No curso desses engajamentos a pesquisa passa a ser uma atividade necessária e intrínseca as ações, e é no cotidiano dessas experiências que nasce em mim a pesquisadora. Como cooperada fundadora da COOPERSSOL, envolvida no processo de constituição desse empreendimento desde o início assessoriei e assinei todo o processo de formalização da cooperativa, assim como vivenciei o processo de mobilização e organização dos sujeitos para concretização do projeto. Como mulher nordestina, migrante, mãe, trabalhadora, filha de camponês, aprendi no percurso desse processo a ampliar meu olhar, minhas percepções e sensibilidades para ver e perceber as pessoas, o modo como se relacionavam, os fenômenos e o pensamento que nasce dessa inter-relação para entender que isso é produção social do conhecimento.

Sabemos que, para a classe trabalhadora, estudar é um ato de rebeldia, e para mim isso não foi diferente, toda minha trajetória estudantil foi vivenciada no ensino público, até os dias atuais. No percurso das minhas formações acadêmicas e engajamento social fui me identificando com as lutas anticapitalistas, antirracistas e feministas etc., fiz graduação em “Direito”, especialização em “Economia Solidária e Políticas Públicas” e agora mestrado em Educação pela mesma Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Nessa jornada, venho alinhando minha atuação humana a constantes reflexões sobre a realidade e como podemos transformá-la com os processos educacionais.

Nesse sentido, é que nos propomos a analisar o modo como ocorre o processo de educação, organização e cooperação desses sujeitos no município de Cáceres/MT, além de identificar se a organização dos/as prosumidores/as ocorre na perspectiva da economia solidária e do trabalho associado.

A cooperativa popular, um espaço de práticas educativas, reflete o mundo do trabalho como constitutivo de processos educacionais críticos, emancipadores e transformadores das realidades sociais. Isto porque, nesses ambientes, os sujeitos têm a possibilidade de ressignificar o consumo, a produção, a comercialização, as relações entre quem produz e quem consome, com o objetivo de promover a economia local, as relações sociais, o fortalecimento da agricultura familiar, os empreendimentos e a economia solidária. Nessa perspectiva, buscamos, esse grupo de sujeitos — os que

produzem e os que consomem — identificar o processo educacional vivenciado e os reflexos desse processo nas ações e atuação em sociedade.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de sistematizar, estruturar, cientificar e cientificizar os saberes dos grupos populares, no âmbito das organizações coletivas e do trabalho associado, que se articulam de forma contra-hegemônico à cultura capitalista, e que estão embasados em outros valores socioeconômicos, e se propõem, conseqüentemente, ao exercício de outra cultura econômica, social e política, na qual se deseja viver e exercitar a cidadania e a democracia participativa para além dos contornos e conceitos burgueses. São maneiras de se reunir coletivamente em torno de um projeto com objetivos comuns e práticas sociais distintas das do sistema capitalista, as quais provocam os sujeitos envolvidos a refletir sobre suas práticas e a ressignificar saberes para ascensão de outra economia.

Nessa pesquisa, de natureza qualitativa, visamos compreender a realidade em um nível que não pode ser simplesmente quantificado, pois se trabalha com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Por essa razão, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, pois se trata de um processo articulado entre teoria e prática, ordem e desordem, simples e complexo, objetivo e subjetivo, quantitativo e qualitativo, distanciamento e implicação da pesquisadora, conforme afirma Andaloussi (2004, p. 115). Utilizamos os procedimentos de análise documental, aplicação de questionário para a caracterização dos sujeitos pesquisados, rodas de conversa, reuniões administrativas e entrevista semiestruturada para coletar os dados, os quais foram categorizados e analisados tendo como base a técnica da análise temática de conteúdo.

Porque a nossa pesquisa é uma pesquisa-ação? A primeira consideração que fazemos para responder a essa pergunta é sobre a COOPERSSOL, objeto dessa análise, um empreendimento da economia solidária, que nasce da demanda de grupos de sujeitos comprometidos, implicados entre si e determinados a unir esforços em uma experiência coletiva. A pesquisa é uma análise histórica de uma prática social. Nesse sentido, a “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447).

Para Thiollent (1987), a pesquisa-ação, por sua vez, pressupõe uma participação não apenas dos pesquisadores, mas também dos pesquisados em torno de uma ação, ação planejada, na forma de uma intervenção com mudanças na situação investigada.

Desse modo, esta metodologia é vista como um tipo de investigação-ação, processo que segue um ciclo em que a prática é aprimorada pela oscilação sistemática entre o agir por meio dela e o investigar a respeito (TRIPP, 2005). Conforme o autor, este ciclo consiste no planejamento, implementação, descrição e avaliação da mudança adotada para melhorar a prática, e o aprendizado constante no decorrer do processo, tanto a respeito da prática, quanto de sua própria investigação.

Como já dito anteriormente, a COOPERSSOL é fruto de uma construção coletiva sistematicamente planejada, em que todo o processo é objeto de análise, reflexão, ajustes e constantes aprendizagens para todos os envolvidos.

No percurso que vai da identificação do problema, planejamento das ações, escolhas dos métodos de coleta de dados até a execução e avaliação das ações essa pesquisa alinhou-se aos métodos da pesquisa-ação.

Thiollent (2011) pontua que a fase de coleta de dados é realizada pelos grupos constituídos sobre o controle do processo, na qual os sujeitos procuram as informações necessárias para dar andamento à pesquisa. Emprega-se como principais técnicas a entrevista coletiva nos locais de moradia ou de trabalho e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado. Junto com estas técnicas, também se podem utilizar questionários convencionais e técnicas antropológicas como: observação participante, diários de campo, histórias de vida, dentre outras.

Nossa pesquisa sofreu restrições devido à pandemia do Covid-19, mas adaptamos todos os recursos disponíveis para manter nossa investigação alinhada as técnicas da pesquisa-ação, como metodologia de análise das práticas sociais como pressuposto de geração e socialização de conhecimentos. Realizamos encontros coletivos e individuais pela plataforma do *google meet*, observações participantes, entrevista semiestruturada que orientou as entrevistas individuais, o caderno de campo com registros de observações pontuais do cotidiano dos sujeitos na COOPERSSOL e etc.

Veja que, Thiollent (2011) apresenta uma estratégia metodológica para a pesquisa social que se encontra estruturada da seguinte forma: i) amplia e explicita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; ii) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; iii) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; iv) o objetivo da

pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; v) durante o processo há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; vi) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Diante disso, nossa pesquisa contempla os itens dessa estratégia metodológica assim como buscou manter um alinhamento com um referencial teórico utilizado em cada capítulo dessa dissertação.

Ao privilegiarmos autores regionais e nacionais contemporâneos, cujas pesquisas são exemplos dessa ciência social democrática e inclusiva fortalecemos esse campo fértil de produção social do conhecimento ao mesmo tempo em que reconhecemos o valoroso trabalho realizado por estes pesquisadores.

É importante reiterar que esta pesquisa ocorreu no contexto da pandemia do Covid-19, uma crise sanitária vivenciada pelo mundo todo. No Brasil, as medidas preventivas de distanciamento social foram decretadas em março de 2020, e o risco iminente de contaminação pelo covid-19 imputou mudanças e adequações aos procedimentos de coleta de dados: as rodas de conversa, reuniões administrativas e questionário de caracterização foram realizadas via *Google Forms*, *Google meet* e *WhatsApp*. A entrevista semiestruturada, devido ao momento de pandemia, também foi realizada mediante aplicativos tecnológicos escolhidos pela pesquisadora — *Google meet* e *WhatsApp* — para garantir a segurança dos participantes e a validade da coleta de dados. Ou seja, o cenário pandêmico nos imputou mudanças, na pesquisa e na vida, e de todas as mudanças procedimentais, as de coleta de dados foram as que mais sofreram impacto, considerando o fato de que o acesso à internet não ocorre de modo homogêneo e democrático e que parte significativa dos sujeitos dessa pesquisa vivem na área rural onde o acesso é ainda mais precário e restrito.

O distanciamento social, como medida de proteção e de desaceleração da propagação do contágio, redirecionou-nos para atividades *on-line*, aulas, reuniões, eventos, trabalhos entre outros. Num primeiro momento, os encontros virtuais nos causaram estranhezas, saudade da presença do outro, do calor humano, dos abraços, com o passar dos meses, esses mesmos encontros, os virtuais, tornaram-se um alento. O rosto na tela e o som da voz acalentaram tantas vezes os corações aflitos e solitários. A

tensão, o medo, a dor da perda, as restrições, o cenário de caos, tudo foi agravado pela inaptidão do governo federal frente a crise em curso.

O ano de 2020 acabou e a pandemia não terminou. Mais mortes, mais restrições, mais violência, mais fome, mais corrupção, mais caos. A rotina digital causou fadiga, ansiedade, e ainda assim foi um privilégio, porque, na guerra desencadeada ou evidenciada por este vírus mortal, a grande maioria dos trabalhadores continuou saindo de suas casas para trabalhar, porque a economia não podia parar.

Em 19 de junho de 2021 o Brasil atingiu a triste marca de 500 mil mortos pelo covid-19, marca essa já superada, atualmente são 685 mil mortos, com a sociedade brasileira devastada saiu às ruas em protesto pelas mortes, por vacina, por comida e contra o governo e sua conduta mortal frente à pandemia.

Tempos difíceis! A sociedade capitalista, em colapso, revela sua estrutura e desnuda seu poder de morte. A necropolítica<sup>2</sup> nunca fez tanto sentido como no momento atual. O Estado, pelas ações ineptas, decide quantos morrem pela contaminação do covid-19, quantos morrem pela fome, quantos pela falta de assistência médica, e assim sucessivamente.

A presente dissertação está estruturada em quatro seções: a primeira — a introdução — contém as informações iniciais sobre a investigação, os sujeitos com quem foi desenvolvida, a pesquisadora, a temática e a indicação do espaço e tempo em que ocorreu. Na segunda seção — *Cooperativismo e Economia Solidária: organização e formação* — contextualizamos o marco histórico para o surgimento do cooperativismo no mundo e no Brasil, discorremos sobre o cenário onde se originaram as lutas sociais e sobre o que serve de base para a estruturação do cooperativismo e para o movimento da economia solidária. Tratamos também dos fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa, e apresentamos o problema, os objetivos, o *locus* em suas dimensões territorial, histórico-social e política, e também os sujeitos, estes classificados em três grupos distintos: cooperados/consumidores, produtores/fornecedores e consumidores não associados.

E, na mesma seção, apresentamos o problema da pesquisa e seus elementos relevantes: de que modo o envolvimento dos produtores/consumidores na Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável - COOPERSSOL se constituiu em prática

---

<sup>2</sup> Necropolítica é um conceito filosófico que faz referência ao uso do poder social e político para decretar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer; ou seja, na distribuição desigual da oportunidade de viver e morrer no sistema capitalista atual, desenvolvido por Mbembe Achille (2003).

pedagógica capaz de promover mudanças das práticas sociais de consumo e de produção na geração da cultura de prossumidores?

O lugar da pesquisa, uma estrutura comercial, com desdobramento sociopolítico, cultural e científico, foi a Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável - COOPERSSOL, inserida num contexto territorial, social, econômico e político. O território é um espaço social de relações humanas, e como diz Zart, “o território é o espaço social que dá o sentido da complexidade das inter e retrorrelações que configuram a existência social” (2014, p. 218).

Assim, apresentamos o município, fundado no século XVIII, com 243 anos, banhado pelo Rio Paraguai: a histórica cidade de Cáceres/MT, localizada na mesorregião Centro-Sul do estado e na microrregião do Alto Pantanal. Tem uma população acolhedora, estimada em 94.861<sup>3</sup>, segundo dados do IBGE/2020. Um município que acolhe gente vinda de vários outros estados brasileiros. O município faz fronteira seca com a Bolívia e é a principal cidade mato-grossense abrangida pelo Pantanal situado dentro da Amazônia Legal, rica em belezas naturais e com grande potencial turístico. E foi nesse cenário que, em 2019, se constituiu, legalmente, uma Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável - COOPERSSOL, após cerca de dois anos de articulação e mobilização de sujeitos envolvidos no movimento da economia solidária. Esse grupo, então, se desafiou a alinhar a teoria à prática em torno de um projeto comum, e formalizou a cooperativa de consumo no município de Cáceres/MT.

Na dimensão educacional, a pesquisa analisa as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos sujeitos no processo da organização do trabalho associado para produção, comercialização e consumo nesse espaço comum de inter-relações e no contexto de aprendizagem da cultura solidária da “práxis pedagógica, isto é, de uma didática que envolve ao mesmo tempo a reflexão teórica e a reflexão sobre as práticas” (ZART, 2014, p. 219). É importante reconhecer, nessa dimensão, que a pedagogia histórico-crítica assume o compromisso com a transformação social em defesa dos interesses dos grupos populares/oprimidos/desfavorecidos.

O processo educacional com esses sujeitos tem natureza emancipatória e dialética, na qual o conhecimento ocorre na relação de um sujeito com o outro e não de um para o outro. Portanto, trata-se de uma relação horizontal, afinal, “ao revolucionário cabe libertar e libertar-se com o povo, e não conquistá-lo” (FREIRE, 2005, p. 97/98).

---

<sup>3</sup><https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/panorama> - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 29 de agosto de 2020. Consulta em 18 de fevereiro de 2021.



E esse ir e vir entre teoria e prática organiza o processo de transformação social onde se pretende gerar a cultura do prossumidor. A palavra prossumidor é um neologismo criado por Alvin Toffler, escritor inglês, para indicar o novo papel do consumidor na sociedade pós-moderna, e revela certa postura exigente de quem consome, com reflexos diretos na produção do que se vai consumir. Contudo, nesta pesquisa, o sentido que incorporamos ao termo prossumidor é o definido por França Filho (2007, p. 161): sujeito que, de modo democrático, planeja e decide sobre ofertas e demandas de produtos e serviços, “ou seja, a criação das atividades socioeconômicas” em função de suas próprias demandas previamente identificadas. Definição também baseada na relação sincrônica estabelecida em espaço comum de experiência de retroalimentação social, política, econômica e cultural.

O terceiro elemento apresentado na primeira seção são os sujeitos da pesquisa, identificados em três grupos distintos: cooperados/as, produtores/as e consumidores/as. De cada grupo escolhemos 20 participantes, e, destes, consideramos os dados coletados de 15 cooperados/as, de 12 produtores e de 11 consumidores. Os outros foram desconsiderados porque o questionário ficou incompleto e não foi possível realizar a entrevista virtual pela dificuldade de acesso a internet ou indisponibilidade de tempo de alguns desses sujeitos, que em alguns casos estavam sobrecarregados de atividades e ou jornadas de trabalho, sendo este um dos maiores desafios encarado nessa pesquisa. Houve um momento em que questionamos se seria realmente possível concluir a coleta de dados e, qual seria a qualidade desses dados obtidos por meio do uso dessa tecnologia digital. Afinal nossa pesquisa é coletiva exigia proximidade, afetividade, relacionamento e convivialidade. Exatamente o que o distanciamento social inviabilizava naquele momento.

O grupo de cooperados/as são as pessoas que se associaram com o objetivo de fundar a cooperativa de consumo, e apresentam, entre si, algumas características comuns, por exemplo: 40% do grupo são pessoas vindas de outros estados brasileiros, ou seja, são migrantes, que residem no município de Cáceres há mais de dez anos; 100% têm ensino superior; 90% são funcionários públicos efetivos; 99% participam de movimentos sociais e/ou sindicais de sua categoria profissional, e 100% dos/as entrevistados/as são professores/as.

Os/as produtores/as são as pessoas que produzem e entregam na cooperativa seus produtos para comercialização. Destas, 90% são assentadas da reforma agrária;

100% produzem em regime de economia familiar; 90% fizeram alguma formação na perspectiva da economia solidária.

E os/as consumidores/as são: os sujeitos que adquirem produtos na loja para consumo de modo regular, mas ainda não são associados da cooperativa. Destes, 66,7% são mulheres; 91% têm ensino superior; 66,7% consomem na COOPERSSOL porque é um empreendimento econômico solidário. Esses dados foram retirados dos questionários de caracterização dos sujeitos da pesquisa aplicados pela plataforma do *Google Forms* entre 13/04/2021 e 28/04/2021.

Na terceira seção, intitulada *Trabalho associado e consumo solidário*, iniciamos com um breve contexto histórico sobre o surgimento do cooperativismo no mundo e no Brasil. Discorremos sobre o marco legal que sustenta o cooperativismo empresarial até os dias de hoje e como a economia solidária se constituiu fundamento epistemológico e como ocorre sua relação direta com o cooperativismo solidário, com o consumo solidário e com o trabalho associado, elementos integradores dessa prática social. O conceito de economia solidária provém dos movimentos históricos de resistência e proposição da classe trabalhadora e no Brasil, da sistematização teórica fundamental de Paul Singer, e da ideia de que ela pode ser uma alternativa de superação da economia capitalista porque resgata valores humanos fundamentais: a solidariedade, a cooperação, a igualdade, a apropriação coletiva dos meios de produção entre outros. Essa concepção é ainda mais ampla, segundo Zart (2013), porque é também transformadora quando determina condições materiais e espirituais satisfatórias para as pessoas viverem bem, sem amarras aniquilantes e em condições de fazerem suas escolhas.

O cooperativismo solidário corrobora essas características e aperfeiçoa a dinâmica do trabalho associado, pois tem como centralidade o bem-viver das pessoas, o desenvolvimento da comunidade, a coletividade, a cooperação a solidariedade e a reciprocidade como valores fundantes das relações humanas, afirma Zart (2013).

E o trabalho associado, sendo uma estratégia político-pedagógica no campo da economia solidária, é considerado uma pedagogia da produção associada que visa à ação, pesquisa, produção, mobilização e à sistematização de saberes voltados ao fortalecimento das atividades econômicas, em uma perspectiva de autogestão do trabalho e vida em sociedade (FISCHER E TIRIBA, 2009, p. 297).

O consumo solidário ocorre na perspectiva da necessidade de praticarmos novos hábitos; é uma contribuição voluntária, cotidiana e solidária para garantir a

sustentabilidade da vida no planeta e a vida do próprio Planeta Terra, de modo a reconectar as relações humanas entre quem produz e quem consome e vice-versa.

Inevitavelmente, isso nos leva ao compromisso de adquirir produtos dos grupos com iniciativas de responsabilidade socioambiental, dando preferência àqueles produtores e fornecedores de produtos e serviços que se alinhem a essa prática no cotidiano, principalmente para fortalecer a cadeia produtiva viabilizada pela agricultura familiar, com produções agroecológicas e/ou agroflorestais. Incluem-se, aí, a produção artesanal, o comércio solidário praticado por grupos de sujeitos e/ou grupos familiares que vivenciam os valores e as práticas do movimento da economia solidária e do cooperativismo solidário.

A quarta e última seção, *A Relação Consumidor/Produtor no Processo de Comercialização nas Práticas Pedagógicas nas Experiências de Consumo Solidário e Sustentável*, contempla a COOPERSSOL na condição de experiência, de espaço de práticas pedagógicas e de produção social do conhecimento, pela ressignificação das relações de trabalho, de produção, de comercialização e de consumo; processo educativo para geração de outras culturas: como a do bem-viver e a do prossumidor.

A relação consumidor-produtor-consumidor nos remete à proximidade e o modo como se constituem no processo educacional, nas trocas de saberes e nas práticas cotidianas desses sujeitos. Saber quem é o produtor e o modo com que ele produz esse ou aquele produto dá ao consumidor autonomia de escolha e responsabilidade para o consumo como ato político, e caso seja desempenhado de modo solidário gera cultura. Saber quem consome e por que consome esse e não aquele produto ou serviço, possibilita ao/à produtor/a fornecedor/a aperfeiçoarem sua produção ao mesmo tempo em que gera uma cultura ativa e de fortalecimento de valores humanos.

O consumo solidário tem uma lógica distinta da lógica capitalista, livre da alienação e do fetiche do consumo de acumulação, e assume outros contornos nos quais sua prática tem por base a consciência crítica, o ato político de fortalecimento dos grupos produtivos da economia solidária e da agroecologia, do trabalho associado, do respeito às relações de trabalho, da prática do preço justo, entre outras.

Segundo Mance,

[...] o consumo é a última etapa de um processo produtivo e as escolhas de consumo – feitas pelos indivíduos em particular e pela sociedade como um todo – podem influenciar tanto na geração ou manutenção de postos produtivos em uma dada sociedade, na preservação de ecossistemas, na

reciclagem de materiais, no combate à poluição, na promoção do bem-estar coletivo da população de sua comunidade, de seu país e do planeta, quanto pode, também, gerar desemprego, colaborar na destruição de ecossistemas e na extinção de espécies vegetais e animais, na produção cada vez maior de lixo não biodegradável, no aumento da poluição e na piora da qualidade de vida da população de sua comunidade, de seu país e do planeta como um todo (MANCE, 2007, p. 29).

Nesse sentido, sabemos que as escolhas de consumo têm impacto direto na qualidade de vida das pessoas. Somada a essa prática existe a perspectiva da comercialização solidária que decorre dessas relações de proximidade entre quem produz e quem consome e vice-versa. A comercialização solidária reúne esses dois grupos de sujeitos e estabelece com eles conexões de encontro, de trocas, de conhecimentos e reconhecimentos de si e do outro, de ação e interação para vivência da cultura do prossumidor. Nesse processo, os sujeitos envolvidos desenvolvem tecnologias sociais para atuar no mercado capitalista sem se igualar a ele, mas contrapondo-se de modo crítico e responsável. Assim, inevitavelmente, esbarram nos limites e são desafiados a resistir, a se reinventar e a seguir descobrindo outras possibilidades.

E nesse contexto, as lutas sociais que, historicamente, têm protagonizado a expansão e a democratização de direitos, travam batalhas nos mais diversos campos sociais, ganham relevo e diversificam seus sujeitos sociais que são os mais diversos possíveis. Também contemplam uma gama enorme de protagonistas de luta, ou de conteúdos de luta, que vai desde os movimentos sociais às associações de desenvolvimento local, desde os intelectuais aos projetos de educação popular, dos sindicatos às associações de moradores, de um grupo de técnicos independentes a um grupo de mulheres agricultoras e/ou aos pescadores artesanais e por aí seguem.

Desse modo, é o que faz sentido aos sujeitos sociais agirem nos seus contextos sociais, de modo a formar um cenário difuso de lutas por direitos, numa tempestuosa dinâmica de estratégias e ações, que culmine também numa luta pela diversidade e democratização de direitos e acesso a outras formas de se relacionar e existir no mundo.

As lutas coletivas ensinam os sujeitos sociais, entre outras coisas, a se organizarem, a perceberem e a compreenderem seus lugares e seus papéis na sociedade contemporânea; ajudam a ter uma perspectiva crítica de suas realidades e os impulsionam à mudança e à transformação daquilo que limita, segrega e exclui.

O movimento da economia solidária vem se constituindo com suas práticas pedagógicas, experiências educativas, práticas sociais emancipadoras e,

inevitavelmente, como luta política e epistemológica que promove a aproximação dos sujeitos envolvidos ao saber científico, de modo a reinventarem metodologias sociais em campo historicamente afastado de qualquer possibilidade de acesso, por exemplo, da economia e da educação.

O acesso a esses campos acontece como estratégia para melhorar e qualificar a atuação dos sujeitos e a produção social do conhecimento que, segundo Zart,

[...] se refere ao pressuposto gnosiológico que o conhecimento é uma construção social, da capacidade de interação de sujeitos sociais, de diferentes conhecimentos (científico e senso comum) e das práticas sociais (2019, p. 158).

São também um modo de reivindicar o valor dos saberes populares no cenário acadêmico e de produção científica:

Este esforço conjunto de aliar a luta política à luta epistemológica, articulando estratégias de ação com saberes científicos e militantes tem produzido avanços significativos na forma de atuação dos movimentos, tanto no que diz respeito à sua capacidade de negociação com o Estado quanto no enfrentamento do debate político com as forças conservadoras (LAGE, 2008, p. 09).

E, desse modo, a pesquisa se mostra também um caminho de democratização do discurso científico, de inclusão dos saberes sociais e da legitimação da produção social do conhecimento em interação com a academia nos cursos de pós-graduação.

## 2 COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO

### 2.1 Das experiências originárias ao cooperativismo empresarial

O cooperativismo, movimento social e econômico, de pessoas com o objetivo comum de promover o desenvolvimento econômico e social, como fundamentos na participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. Surge no mundo no pós-Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no século XVIII. Esse período seria o marco histórico para o surgimento das primeiras experiências cooperativistas, ou seja,

o Cooperativismo, enquanto doutrina, teoria, sistema ou movimento associativista de trabalhadores, é um fenômeno moderno oriundo da oposição operária às consequências do liberalismo econômico praticado na Inglaterra e na França do século XVIII e XIX (COSTA, 2007, p. 58).

O cenário onde se articularam as primeiras experiências cooperativistas de que se tem notícia foram de lutas por direitos, por dignidade em meio ao desenvolvimento industrial que gerou transformações profundas na sociedade. A produção de mercadorias no modelo manufatureiro foi substituída pelo modo de produção da maquinofatura. Essa mudança impactou diretamente nas relações de trabalho em que um contingente populacional ficou desempregado, e outro, em condições aviltantes de trabalho pelas longas jornadas, pela baixa remuneração, desproteção legal e instabilidade, entre outros (MELO, 2012).

Nesse panorama de crise, que também foi campo de mobilização da classe trabalhadora, que, em meio à crise econômica e ao processo de exclusão e segregação de muitos trabalhadores e trabalhadoras de seus postos de trabalho, é que se iniciam processos de organização desses sujeitos por mudanças no sistema político e econômico.

Como exemplo disso citamos a grave crise econômica inglesa de 1836 que gerou elevados níveis de desemprego, e daí surgiu a Associação dos Trabalhadores (*Working Mens Association*), que dois anos mais tarde escreveu a Carta do Povo, um importante documento que reivindicava fundamentalmente direitos políticos, entre os quais: representação proporcional no parlamento, renovação anual da Câmara dos Comuns, fim do voto censitário e adoção do sufrágio universal. Essa associação teve um importante papel nesse processo de mobilização e organização da classe operária, desse período (MELO, 2012, p. 27). Ou seja, foi nesse campo de lutas que o cooperativismo

nasceu como instrumento de superação da crise econômica e política. Foram os trabalhadores que buscaram novas formas de superar as dificuldades que afligiam a população frente ao capitalismo que avançava e segregava cada vez mais a classe trabalhadora. A ideia de criar uma organização formal, denominada cooperativa, em que regras, normas e princípios próprios seriam praticados com o intuito de respeitar os valores do ser humano, foi o modo com que os trabalhadores desse período encontraram para conquistar para si as dignidades e os direitos que lhes foram negados pelo sistema econômico desumanizador: o modo de produção conduzido pelo capital.

Segundo Schar (1967), “criar uma comunidade econômica que subordina a produção dos bens às necessidades do consumo e que os reparta de acordo com as regras da justiça” (p. 4) foi um modo de se contrapor ao modo operante do sistema capitalista.

É importante reconhecer que os empreendimentos cooperativistas se apresentam como um instrumento alternativo e com bases distintas das empresas do sistema capitalista, porque tem como centralidade as necessidades dos sujeitos e não a mais-valia. Ou seja, ideologicamente, as cooperativas deveriam ser criadas como espaço real de organização da humanidade, baseado na democracia, participação, direitos e deveres iguais para todos, sem discriminação de qualquer natureza para todos os sócios.

Nesse sentido, a Sociedade dos Probos de *Rochdale*, reconhecida como a primeira cooperativa moderna, constituída por 28 tecelões (27 homens e uma mulher) que conseguiram abrir as portas de um pequeno armazém cooperativo, em 21 de dezembro de 1844, no bairro de *Rochdale-Manchester*/Inglaterra.

Foram os Probos de *Rochdale* que criaram os princípios universais, até hoje considerados a base do cooperativismo autêntico/originário, como: direito a um voto independente do valor integralizado; livre adesão de membros; taxa de juro fixo sobre o capital emprestado da cooperativa; divisão das sobras entre os membros proporcionais à operação de cada um; vendas à vista; comercialização de produtos puros; empenho nos incentivos à educação cooperativa e neutralidade em questões religiosas e políticas (SINGER, 2002, p. 40).

Apesar da sua base constitutiva, a cooperativa dos Probos de *Rochdale* se apresenta ao mundo como uma cooperativa empresarial, isso porque, em 1864, a Assembleia de *Rochdale* decide: quem tem poder na cooperativa é quem tem capital, ou seja, quem só trabalha não tem poder e, conseqüentemente, o trabalhador é subordinado ao capital (SINGER, 2003, p. 120). O que se verificou nesse processo é que o

capitalismo se apropriou do cooperativismo, e essa apropriação repercute até hoje no cenário mundial, inclusive no Brasil, o que é possível observar quando analisamos a legislação nacional que regulamenta as organizações cooperativas. O cooperativismo empresarial é, aquela organização empresarial que utiliza a estrutura jurídica da cooperativa para atuar no mercado, mas, efetivamente, no interior de sua estrutura separa o direito da empresa do direito do trabalhador, ou seja, a partilha das sobras cabe apenas aos detentores do capital que é quem se beneficia dos resultados, e ao trabalhador cabe o trabalho e uma remuneração.

Revolução Industrial, segundo a narrativa histórica, é o marco histórico desse período de efervescer de lutas e de mudanças que marca profundamente a história da sociedade humana no mundo. É também nesse período que muitos intelectuais se dedicaram a compreender os fenômenos sociais desse contexto enquanto vão pensando alternativas viáveis para superar as desigualdades sociais já evidentes nesse período. Destes, destacamos alguns nomes que, influenciaram o movimento cooperativista, pelo modo como pensaram a dinâmica social da época. Os ditos socialistas utópicos, entre os quais o francês Saint-Simon, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon e Robert Owen, em oposição aos rumos dos processos civilizatórios e as transformações decorrentes da modernização tecnológica vividas no período pensam outros modos de sociedade. (MELO, 2012).

Saint-Simon, e a ideia da “terra promissora”, visão que tinha da América, livre dos privilégios da classe dominante e da exploração dos trabalhadores pensa idealiza uma sociedade industrial composta por cientistas, intelectuais, banqueiros, inovadores tecnológicos e trabalhadores, combatentes da desigualdade social e da pobreza, com base nos princípios da produtividade e da cooperação. Além disso, ressalta os valores amor, harmonia e fraternidade, cujo objetivo era o desenvolvimento de melhores condições de vida para todos (MELO, 2012, p. 40/41).

Por outro lado, Fourier, crítico da sociedade industrial, opunha-se às ideias de Saint-Simon, pois, para ele, a humanidade seguia pelo caminho errado ao adotar a civilização. Fourier rompe com as influências positivistas de sua época, segue o pensamento de Rousseau e Newton e aspira à criação de uma organização societária, “o Falanstério”, em que os meios de produção seriam de todos os membros, sob a forma de propriedade acionária. Segundo Singer, o sistema de Fourier “é uma variedade de socialismo de mercado, centrado na liberdade individual, na livre escolha dos trabalhos,



organizados em equipes e na propriedade por ações dos meios de produção, ou seja, estrutura a ideia das comunidades autogeridas” (SINGER, 2002, p.37).

Outra influência relevante ao movimento cooperativista mundial foi a de Pierre-Joseph Proudhon. Declaradamente anarquista, e de origem humilde, idealizador do banco popular (Banco do Povo), “que tinha como objetivo a abolição dos juros e a promoção da livre circulação de valores entre os clientes” (MELO, 2012, p. 56). Proudhon, filósofo e economista político do século XIX, crítico da propriedade estatal e da sociedade capitalista,

destacou-se ao propor uma “ciência da sociedade”, em que questiona todos os esquemas autoritários, dogmáticos e absolutos, caracterizados por proposições exclusivistas, unívocas e, segundo suas interpretações, consequentemente equivocadas da realidade, em nome de uma compreensão pluralista do mundo, na qual as realidades físicas, sociais, políticas e econômicas são concebidas como composições horizontais de elementos, ao mesmo tempo, autônomas e interdependentes (MELO, 2012, p. 56).

Contemporâneo de Marx (1883) Proudhon, entre outras influências importantes de seu legado teórico, nos deixou essa compreensão da pluralidade do mundo que se constitui em composições horizontais, autônomas e independentes em todas as suas dimensões.

Seguindo nessa cronologia de influenciadores do cooperativismo no mundo, o último a ser citado, aqui, é Robert Owen, que inspira o movimento cooperativista a partir de suas “aldeias cooperativas”. Owen buscou suprimir os desequilíbrios entre produção e consumo, característico da economia capitalista. Seu objetivo era organizar a produção cooperativista na base da propriedade comum dos meios de produção, ou seja, pretendia modificar radicalmente a estrutura econômica de sua época.

Owen, filho de artesãos, se tornou um industrial respeitado em toda Europa pelo modo como revertia às despesas com a promoção do bem-estar do trabalhador em lucratividade. Contudo, não se limitou a essa experiência, criou os jardins de infância para os filhos dos operários, propôs o auxílio desemprego, articulou, com os trabalhadores, o movimento sindical, entre outros. Sem dúvida, Owen realizou significativas contribuições para o cooperativismo em todo o mundo. Nas palavras de Singer, foi também um “grande protagonista dos movimentos sociais e políticos na Grã-Bretanha nas décadas iniciais do século XIX” (SINGER, 2002, p. 38).

Vale ressaltar que a influência desses pensadores sobre o cooperativismo se estende à economia solidária, que, a partir desses fundamentos, segue fazendo seu

próprio caminho. Segundo Singer, pelo “único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro” (2002, p. 38). Isso porque, o cooperativismo foi e continua sendo considerado essencial para a superação das desigualdades asseveradas pelo sistema capitalista, e como instrumento fundamental para que a economia solidária se constitua e seja a mudança que a sociedade precisa.

Podemos dizer, portanto, que o desafio posto ao movimento cooperativista brasileiro é o que muitos nomeiam de resgate das bases do cooperativismo originário, pois, somente assim seria possível criar a identidade do cooperativismo solidário.

### **2.1.2 Cooperativismo solidário e a metodologia da incubação solidária**

No Brasil, o cooperativismo, enquanto movimento social e econômico teve suas primeiras iniciativas no século XIX, com alguns empreendimentos no estado de São Paulo e em alguns estados do Sul do país, na modalidade de consumo, produção agrícola e de crédito. Sem regulamentação até 1932 quando se registrou a primeira lei básica sobre o cooperativismo no Brasil, Decreto nº 22.239/32, que tinha como parâmetro a doutrina rochdaleana, e gozava de certa liberdade de constituição e funcionamento (MELO, 2012, p. 90).

A década de 1960 foi considerada por alguns estudiosos “um dos auge do cooperativismo na história do país, chegou a quatro mil cooperativas em todo o território nacional com um número de sócios 1.873.150 (MOREIRA, 2003, p.204). No entanto, o avanço retrocedeu com a promulgação do Decreto nº 60.597/67, que implementou um forte controle estatal nas cooperativas, e eliminou quase que completamente os incentivos fiscais a elas destinados (MELO, 2012, p. 91).

Após isso, em 1971, foi promulgada a Lei nº 5.764/71, que passou a definir a Política Nacional do Cooperativismo e instituiu o regime jurídico das sociedades cooperativas. E o ponto mais criticado dessa lei foi à regulamentação da representatividade única do cooperativismo brasileiro, com a fundação da Organização das Cooperativas Brasileira – OCB. Talvez, na tentativa de padronizar ou homogeneizar o cooperativismo nacional.

Essa regulamentação reafirma o caráter empresarial das sociedades cooperativas e excluiu todas as outras que não corresponderam a esse modelo, deixando de fora e sem amparo ou representatividade as organizações de origem popular, constituídas por

grupos de sujeitos que viviam e ainda vivem às margens da sociedade capitalista. Ou seja, a Política Nacional do Cooperativismo foi pensada para atender os interesses dos detentores do capital, para promover o desenvolvimento econômico do país e não para superar as desigualdades sociais geradas pelo modelo capitalista vigente.

Aqui vale mencionar duas outras legislações brasileiras que influenciam negativamente o movimento cooperativista nacional, reforçando, por um lado, a cultura empresarial das cooperativas, ao mesmo tempo em que consolida a separação do direito da empresa do direito do trabalho: o Código Empresarial - CE e a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). O CE serviu de base para estruturar a Lei nº 5.764/71, ou seja, transmite toda natureza empresarial para as sociedades cooperativas, e a CLT porque enquadra o trabalhador no âmbito do emprego e da subordinação, enfraquecendo o movimento revolucionário dos trabalhadores.

É possível, portanto, visualizar, nesse todo complexo, a aparência do movimento cooperativista nacional. Aparência difusa e contraditória, distinta da essência revolucionária, emancipadora, de superação das desigualdades, de inclusão e autonomia dos trabalhadores/trabalhadoras e da propriedade coletiva dos meios de produção.

Nesse contexto de emergencialidade da hora atual, o movimento da economia solidária e as experiências do cooperativismo solidário, protagonizado por grupos populares, em contextos urbanos e rurais que, em comum, têm a realidade material de exclusão, desemprego e miséria, se desafiam a produzir e a reproduzir a existência com a perspectiva do bem-viver.

Desse modo, o cooperativismo solidário tem a missão de promover desenvolvimento econômico e social da agricultura familiar e economia solidária, fortalecendo a visão do cooperativismo como ferramenta para o desenvolvimento local, a partir de bases diversificadas e sustentáveis.

O Cooperativismo Solidário tem como principal diferencial a difusão das ações educativas focadas na gestão participativa e autogestionária (SINGER, 2004).

Esse modelo organizacional, aqui no Estado do Mato Grosso, é articulado e representado pela UNICAFES - União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária, entidade que constrói, de maneira permanente e progressiva, estratégias para o fortalecimento das redes de cooperação, e o programa nacional de educação cooperativa, constituindo novos ciclos de formação junto à base

associada, objetivando ampliar ações de inclusão e empoderamento socioeconômico dos/das cooperados/das.

Para ampliar o entendimento de que, a concepção de bem-viver supera o conceito de bem-estar,

o Bem-viver questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar. É uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder. Sem minimizar a contribuição indígena, temos de aceitar que as visões andinas e amazônicas não são a única fonte inspiradora do Bem-viver. Em diversos espaços no mundo – e inclusive em círculos da cultura ocidental – há muito tempo têm se levantado diversas vozes que poderiam estar de alguma maneira em sintonia com essa visão, como os ecologistas, as feministas, os cooperativistas, os marxistas e os humanistas (COSTA, 2015, p. 34).

Compreender isso redimensiona as relações sociais e o processo educacional que possibilita aos sujeitos o poder da ação consciente, libertadora e, conseqüentemente, transformadora da sua condição humana existencial material e social.

Na pesquisa, quando questionamos os/as cooperados/as sobre o porquê de se tornarem um/uma associado/a, obtivemos as seguintes respostas:

“pelos princípios de solidariedade coletiva e cooperação social, com perspectivas de mudança do modelo de econômico” (Edson);

“[...] da teoria a práxis ser cooperada da COOPERSSOL me torna melhor no meu dia a dia, esse espaço me faz compreender a utopia viável, e que vale a pena buscar alternativas de viver, comer melhor e estar em grupo” (Cristiane).

“Para poder contribuir com pequenos agricultores” (Rita);

“Porque são os consumidores que decidem sobre o que é como produzir. Consumidores organizados podem estimular a produção agroecológica e orgânica de alimentos saudáveis” (João);

“Por concordar com os princípios da economia solidária e do cooperativismo, e entender que "fazer parte de" é uma forma de contribuir para tentar subverter a lógica do capital, e fortalecer espaços de relações sociais e econômicas emancipadoras” (Ilma);

Ou seja, a perspectiva de mudança está explícita nas falas desses sujeitos, e o comprometimento com a transformação é pessoal e também coletivo.

Isso é cooperativismo solidário, que busca por em prática a real dimensão da cooperação. Nesse exemplo de cooperação, os associados se preocupam uns com os outros e se ajudam mutuamente. E a proposta é recuperar os elementos essenciais do cooperativismo originário/utópico, onde as pessoas constroem um projeto de mudança social, juntas e para si.

A reconfiguração do movimento cooperativista no Brasil, em meio a uma conjuntura de crise, é similar à da Revolução Industrial, de empobrecimento e desemprego da população. Essa reconfiguração tem início na década de 1990, com os movimentos e articulações de grupos de trabalhadores e trabalhadoras no interior das empresas falidas que, na tentativa de não perder seus empregos, apropriam-se dos meios de produção e se articulam em um modo de produção coletivo. Para alguns estudiosos, desse processo surgiu o “novo cooperativismo” no Brasil, movimento cujas bases buscam resgatar os princípios owenistas, dos pioneiros de Rochdale e de experiências mais atuais como as dos kibutzim, em Israel, e de Mondragón, na Espanha (MOREIRA, 2003, p. 206).

Segundo Sardá (2005),

no Brasil, essas formas alternativas de produção surgem em grande parte por iniciativa dos trabalhadores e conformam um campo, cuja multiplicidade de práticas nos setores econômicos mais diversos, vem sendo identificado pela expressão economia solidária. Devido ao curto período de existência, a emergência dessas experiências alternativas na esfera econômica encontra geralmente outras denominações, dependendo do país em que são prosseguidas e das suas características predominantes. Economia social, popular, solidária, do trabalho, plural, socioeconomia, são alguns dos termos em que o fenômeno se apresenta (SARDÁ, 2005, p.21).

E, assim, ocorreu a construção da teoria da economia solidária ou sua reinvenção, que se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta à do modo de produção dominante (SINGER, 2002, p. 112). Esse movimento é diverso e criativo e busca diferentes alternativas para superar a crise econômica, o desemprego e a exclusão dos grupos produtivos do mundo do trabalho.

Nesse contexto, destacamos o papel fundamental de duas redes estratégicas: as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCPs e a Rede Unitrabalho, que, a partir do financiamento do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC, uma política pública que teve seu início em 1998, mas passou a ser executado com regularidade a partir de 2003. O objetivo principal do programa era apoiar e fomentar as Incubadoras Tecnológicas de Economia Solidária – ITES, e as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) para que essas realizem a incubação de empreendimentos de economia solidária (EES), fornecendo também assessoria, qualificação e assistência técnica. As ITCPs devem atuar também como

espaço de estudos, pesquisas e desenvolvimento de tecnologias voltadas para a organização do trabalho com foco na autogestão.

Por este programa foi viabilizada a Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários e Sustentáveis – INCUBEES, experiência desenvolvida na UNEMAT, por meio da Rede Unitrabalho. As incubadoras desempenham no Brasil o papel educativo na sociedade com atividades práticas e políticas, de disseminação da socioeconomia solidária que visam potencializar a organização, a produção e a geração de renda a partir das capacidades das pessoas nas suas comunidades, nos assentamentos, nos bairros e nos grupos coletivos de pertencimento.

Em diversas universidades do Brasil estão distribuídas incubadoras que desenvolvem atividades formativas essenciais para o desenvolvimento social, econômico e educativo de uma coletividade muitas vezes marginalizada, pelo modelo econômico hegemônico. A INCUBEES na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, desenvolve tecnologias sociais - TS, que são estratégias, conforme Bocayuva e Varanda (2009), que buscam identificar e solucionar os problemas sociais, possibilitando a superação das desigualdades através dos processos de organização experienciados na coletividade, em associações e cooperativas populares, cada vez mais utilizadas no âmbito das ações de geração de trabalho e renda. São espaços de convivência que agregam professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento para desenvolver pesquisas e fortalecer os empreendimentos da economia solidária. Isso com os processos de incubação desses empreendimentos em fase embrionária ou em processo de reestruturação tendo o objetivo de tornar essas organizações produtivas em unidades cooperativas autogestionárias.

O Núcleo Unitrabalho da Universidade do Estado de Mato Grosso foi institucionalizado em outubro de 2003 pela Resolução 139 do CONEPE, e desde então assume essa missão no município e no território de Cáceres/MT.

É importante destacar que, nesse cenário, a extensão popular e a tecnologia social são elementos complementares fundamentais no processo educativo que ocorre com a interação entre Universidade e movimentos sociais, em que se tem como objetivo um modelo de desenvolvimento que priorize a inclusão social.

Na reflexão de Addor e Franco (2020), a tecnologia social é um movimento que se contrapõe a ideia dominante de que as tecnologias são trabalhos só de especialistas. A TS é uma construção coletiva articulada entre técnicos, trabalhadores ou militantes

dos movimentos sociais. Em uma dinâmica dialógica impregnada pelos princípios e valores de quem as praticam cotidianamente.

O exemplo disso é o trabalho desenvolvido por essa incubadora ocorre na perspectiva da incubação solidária, esse conceito nasce dos diálogos e reflexões realizados por trabalhadores/as, estudantes e professores/as pesquisadores/as no âmbito do Núcleo Unitrabalho. A incubação, adjetivada de solidária,

rompe com a racionalização predominante nas ciências modernas. Ela é a relação dialógica e aprendente de saberes diversos e de práticas sociais que representam o universo de linguagens, simbologias e tecnologias que condizem e promovem a existência das pessoas nos seus territórios e em conformidade com suas organizações e institucionalidades. Nesse sentido, afirmam as identidades culturais, promovem os direitos fundamentais e a igualdade social, reconhece as culturas locais, articula intercâmbios, cria novas institucionalidades, desenvolve conhecimentos adequados com os grupos sociais. Decorrem destes pressupostos éticos e políticos aceções e ações metodológicas que configuram a incubação solidária como um processo de produção social solidária (ZART, 2019, p. 160).

Desse modo, a incubação solidária,

é a responsabilidade política e epistemológica com os grupos sociais à margem de possibilidades de formação, de trabalho, de renda e de desenvolvimento. As metodologias são participativas, as proposições e ações compartilhadas. As aprendizagens dialógicas são provocativas de possibilidades geradoras de respostas a problemas e questões econômicas e ecológicas que configuram a existência dos grupos sociais (ZART, 2016, p. 06).

Nesse sentido, a incubação solidária se consubstancia também em processos educativos simbólicos que gera entre os participantes um comprometimento coletivo com a promoção do bem-viver na perspectiva filosófica que nos afirma Acosta (2015),

o Bem-viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis (ACOSTA, 2015, p. 40).

É importante ressaltar que, a proposta da consolidação de um espaço de comercialização alinhado a esses processos formativos não se restringe a rotina comercial de um empreendimento comercial comum, a proposta é muito mais ampla, pois se dispõe a desenvolver uma filosofia de vida que abre caminhos a um projeto emancipador que é o reflexo de lutas sociais históricas que reivindicam uma sociedade mais justa e democrática.

A incubação solidária retoma os princípios da educação popular em um processo que articula e integra elementos imprescindíveis para a constituição e consolidação de organizações coletivas com perfis emancipadores.

Segundo Zart (2017), esses elementos são: a ação mobilizadora que reúne uma coletividade disforme e conflituosa em torno de um direcionamento comum, ou seja, é a força política movida par unir pessoas; o reconhecimento da realidade cultural, econômica, política, ecológica, social etc., de inserção dessas pessoas. Para desenvolver ações educativas e de organização desses sujeitos sociais. A formação, como instrumento de qualificação técnica e política para interpretar criticamente a realidade e a competência organizativa dos processos coletivos.

A organização como processualidade gerencial das atividades coletivas institucional, por exemplo: registro e controle contábil, elaboração de estatutos e regimentos, registro de atas de reunião e assembleias entre outras demandas gerenciais. O desenvolvimento de o empreendimento estar no campo da capacidade financeira e econômica de investimento para gerar trabalho, renda e variabilidade de oferta de produtos e serviços aos associados e a comunidade.

Em outras palavras a incubação solidária é uma tecnologia social como processo a serviço das organizações coletivas populares para constituir, estruturar e viabilizar os empreendimentos da economia solidária.

## **2.2 A Economia Solidária: movimento social e política pública**

Historicamente, os movimentos sociais no Brasil ganham e perdem forças, mudam as necessidades sociais e as lutas ganham novos contornos: os operários, os assalariados, os analfabetos, os sem-terra, os sem teto, os trabalhadores rurais, os estudantes, as mulheres, os indígenas, os quilombolas, os negros, os catadores de recicláveis, os LGBTQIA+, os ribeirinhos e tantos outros. Estes, por uma situação de exclusão, organizaram-se e passaram a reivindicar voz e vez na sociedade capitalista, e lutam por direitos ou pela sua efetivação, constitucionalmente garantidos, mas ainda carentes de regulamentação para sua devida aplicação na sociedade.

As organizações sociais consideradas com “novos contornos” compõem a categoria dos novos movimentos sociais. O termo “novo” é utilizado para diferenciar os movimentos sociais que surgem a partir da década de 1960, que se diferenciam dos



movimentos sociais tradicionais que se organizavam por questão da identidade, aqueles, por sua vez, se organizavam e se ligavam em relação a questões materiais, com contornos emancipatórios para questionar a capacidade do Estado, para remediar os efeitos do mercado, por exemplo, o movimento social pelos direitos humanos, ou os relacionados a questões ambientais (CUNHA, 2003, p. 50).

E tanto nos movimentos tradicionais quanto nos novos, a economia solidária ganha força e recebe influências, por exemplo: da igreja católica, dos sindicatos e partidos políticos de esquerda e, por conseguinte, ganha contornos de proposta socialista, pois tem como princípios a autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário.

Essas influências, de uma ou outra forma, convergem de modo a buscar uma sociedade justa, livre e solidária, cuja prática de trabalho, social, econômica, política e cultural colabore com e para o bem-viver de todas as pessoas, ou ainda,

[...] ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade [...] (MANCE, 1999, p. 178).

Contudo, segundo Gohn (1999), os movimentos sociais são forças produtivas essenciais na sociedade moderna inclusive por serem agentes construtores de uma nova ordem social. Destaca que os movimentos sociais têm sua importância assinalada na história, embora marcados por ciclos de alta e baixa expressividade, sem, contudo, macular sua incontestável força sociopolítica e a capacidade que tais movimentos têm de impulsionar significativas mudanças sociais.

Entendemos a categoria economia solidária, como movimento social que, recoloca o ser humano no centro da vida econômica, procurando conciliar produção e circulação de riqueza com emancipação humana em direção a uma sociedade mais justa e igualitária (BARRETO, 2003). Buscamos compreender as iniciativas e práticas econômicas, no contexto da economia capitalista, mas que apresentam outra lógica.

Para alguns autores, a economia solidária possui uma finalidade multidimensional, isto é, envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as

experiências de economia solidária se projetam no espaço público, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável.

É fundamental ressaltar que a economia solidária não se confunde com o denominado "terceiro setor", que substituiu o Estado nas suas obrigações legais e inibe a emancipação de trabalhadoras e trabalhadores, enquanto sujeitos protagonistas de direitos. A economia solidária reafirma, assim, a emergência de atores sociais, ou seja, a emancipação de trabalhadoras e trabalhadores como sujeitos históricos.

Compreendemos a economia solidária como uma alternativa inovadora na geração de trabalho e na inclusão social, que se consolida na forma de rede que integra, de quem produz, de quem vende troca e compra, como prática de bem-viver. A economia solidária, como política pública, considera o processo de articulação dos movimentos populares, no sentido de viabilizar junto ao governo brasileiro instrumentos de garantias de direitos constitucionais com pouco ou nenhuma efetividade no contexto social.

No final da década de 1980 surgiram os movimentos: a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão – ANTEAG, criada em 1994, durante o Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores em empresas de autogestão, inspirada na experiência da indústria de calçados Makley em Franca/SP, que se converteu em cooperativa autogestionária e prosperou significativamente; a Agência de Desenvolvimento Solidário da Central Única dos Trabalhadores – ADS/CUT, criada no final de 1999, que se constituiu um importante polo do movimento da economia solidária a dialogar diretamente com o governo e as entidades sindicais, com contribuições importantes na Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES; as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – ITCPs, que oferecem formação, assistência e consultoria a empreendimentos solidários, além de serem grandes unidades de estudo e difusão de cooperativas e grupos de trabalho solidários. Essas Incubadoras foram criadas em meados da década de 1990, cujo objetivo era envolver as pessoas com referenciais teóricos, técnicos e os conhecimentos das universidades, na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores em atividades autogestionárias visando à inclusão e a transformação social.

Além dessas, outras instituições foram criadas. A Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil – CONCRAB, que auxilia no planejamento, organização e comercialização dos produtos e serviços presentes nos assentamentos rurais; a ONG Cáritas do Brasil, entidade não governamental, de cunho religioso, que

incorporou princípios do empreendedorismo popular como forma alternativa ao capitalismo, atuando de modo cooperativo aos movimentos solidários e atualmente, vem atuando na formação de Projetos Alternativo Comunitário - PACs; e, mais recentemente, a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Criada dentro do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, a secretaria é fruto de uma história de mobilização e articulação do movimento da economia solidária existente no país, que também constituíram o Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES, o Sistema Nacional de Informação de Economia Solidária – SIES, e a Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho - UNITRABALHO.

Nesse processo, a economia solidária ganha contorno de política pública, aqui entendida como diretriz para enfrentar um problema público, qual seja, a marginalização dos trabalhadores excluídos pelo capitalismo. Contudo, é relevante compreender que a economia solidária enquanto política pública é o resultado das lutas sociais e foi constituída por múltiplos atores governamentais e não governamentais. Ao mesmo tempo, ao se tornar uma política pública, não deixou de ser um movimento social, pois, afirma Gadotti, “a economia solidária, mais que um modelo de produção, é um modo de vida” (2009, p. 14).

Desde 2010, o Projeto de Lei que dispõe sobre a Política Nacional de Economia Solidária tramitava no legislativo brasileiro, e finalmente em 03.05.2022 a (PEC 69/2019) que inclui a economia solidária entre os princípios da ordem econômica nacional foi aprovada no Senado e segue para votação na Câmara, ainda enfrentando inúmeros desafios. Mas apesar da resistência e da demora do legislativo nacional em aprovar o referido projeto de lei, alguns estados e municípios brasileiros não esperaram a aprovação da legislação federal para aprovarem sua legislação estadual e municipal que regulamenta a Economia Solidária a exemplo: o Mato Grosso que em 17 de julho de 2008 sanciona a Lei nº 8. 936 que inclui a política estadual de fomento à economia popular solidária.

No Brasil, atualmente, há mais de 40 entidades estaduais e municipais com legislação própria que regulam a economia solidaria como política pública em: Apicás/MT; Belo Horizonte/BH; Cachoeirinha/RS; Camaçari/BA; Campinas/SP; Carapicuíba/SP; Caxias do Sul/RGS; Itapira/SP; João Pessoa/PB; Limeira/SP; Lins/SP; Londrina/PA; Maceió/PE; Monte Carlos/MG; Novo Hamburgo/SP; Osasco/SP; Pedro II/PI; Porto Velho/RO; Recife/PE; Rio de Janeiro/RJ; Salvador/BA; Santa Maria/RGS; Santo André/SP; São Bernardo do Campo/SP; São Caetano do Sul/SP; São Carlo/SP;

São José do Rio Preto/SP; São José dos Pinhais/SP; Cáceres/MT; São José dos Quatro Marcos/MT; São Paulo/SP; Tangará da Serra/MT; Varginha/MG; Vitória da Conquista/BA, entre outros locais.<sup>4</sup>

Segundo Praxedes (2009),

compreender a economia solidária como estratégia e política de desenvolvimento solidário pressupõe concebê-la como instrumentos e ferramentas instituídos como direitos perenes dos trabalhadores e trabalhadoras e dever de um Estado republicano e democrático. Para a Rede de Gestores, a economia solidária compõe a agenda pública nessa perspectiva significa o reconhecimento de novos sujeitos sociais e novos direitos de cidadania, o reconhecimento de novas formas de produção, reprodução e distribuição social, propiciado aos bens e recursos públicos (PRAXEDES, 2009, p. 39-40).

Vale sublinhar que política pública nesse segmento é uma realidade que compõe um cenário recente e em construção no país, mas tem encontrado aporte nos estados e municípios e merece registro o empenho desses em aprovar leis, instituindo políticas de apoio e fomento à economia solidária.

A efetivação dessas ações tem se consubstanciado em conquistas do movimento ES e em melhoria de vidas de muitas pessoas. Como exemplo citamos o estado da Bahia que criou um fundo estadual de combate à pobreza, o que vem possibilitando um conjunto de iniciativas e apoio a empreendimentos econômicos solidários, como a participação e acesso a outros programas: Fundo Nacional de Assistência Social - FNAS; Programa Nacional de Agricultura Familiar – PRONAF; e Programa de Aquisição de Alimentos – PAA (PRAXEDES, 2009, p. 59).

Sob a perspectiva dos movimentos sociais populares e da sua força pulsante se construiu um cenário econômico, político e social mais inclusivo, justo e democrático. A dinâmica social com aporte no pluralismo jurídico<sup>5</sup>, fenômeno decorrente da complexidade humana que nasce, a partir da inadequação da concepção unitária e centralizadora do direito, e das exigências da nova realidade complexa dos conflitos humanos. Também se baseia na existência de mais de uma realidade social, dando

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www.economiasolidarias.org.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>5</sup> O pluralismo jurídico consiste em uma corrente doutrinária que insiste na pluralidade dos grupos sociais correspondem sistemas jurídicos múltiplos compostos com relações de colaboração, coexistência, competição ou negação.

**Notas sobre a história jurídico-social de Pasárgada.** 1987. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura1d.html>>.

atenção às várias formas de ação prática e à complexidade de áreas sociais com características próprias que compõem o mundo jurídico ao qual estamos imersos<sup>6</sup>.

Compreendemos o fundamento jurídico das políticas públicas de fomento à socioeconomia solidária que vinha sendo promulgada no país nas últimas décadas e que retrocedeu desde o golpe ao governo Dilma Rousseff. A SENAES foi extinta em 4 de novembro de 2016, após treze anos de atuação, em seu lugar foi criada uma Subsecretaria de Economia Solidária dentro da Secretaria do Trabalho, no âmbito do Ministério da Economia. Essa mudança representou uma redução da participação e financiamento público federal nas ações de desenvolvimento que pautam a economia solidária. Não demorou muito e esta Subsecretaria deixou de existir após a mudança de governo com as eleições de 2018 e ascensão da extrema direita no Brasil. Atualmente, o movimento segue sem incentivo federal, contudo, resistindo no âmbito estadual e municipal.

Segundo alguns pesquisadores, o que temos, atualmente, no país, são empreendimentos econômicos solidários que representam modalidades de organizações econômicas, originadas da livre associação de trabalhadores e trabalhadoras, movidos/as por suas convicções ou excluídos do mercado de trabalho formal, à procura de alternativas coletivas de sobrevivência. Esses empreendimentos combinam as atividades econômicas com ações de cunho educativo e sociocultural, valorizando o sentido da comunidade de trabalho e o compromisso com a coletividade social em que surgem, buscando gerar resultados materiais efetivos e ganhos extraeconômicos. As virtudes desses empreendimentos não estão [pré] determinadas, mas constituem tendências que se concretizam em menor ou maior intensidade de acordo com as condições objetivas e subjetivas em que se desenvolve cada experiência (GAIGER, 2003).

### **2.2.1. A economia solidária como base epistemológica e educacional**

A economia solidária, como base epistemológica e educacional, se fundamenta no modo como o movimento social vai se configurando ao longo do processo de lutas, conquistas e retrocessos vivenciados pelos sujeitos históricos. Essa base epistemológica se consubstancia na processualidade de uma teoria experienciada e na prática

---

<sup>6</sup>Disponível em: <[http://ambito-juridico.com.br/site/?nlink=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=16159](http://ambito-juridico.com.br/site/?nlink=revista_artigos_leitura&artigo_id=16159)>  
Acesso em: 20 out. 2020.

cientificada, refletida, questionada, dialogada, aprimorada, e ressignificada pelos sujeitos envolvidos.

O movimento do ir e vir entre teoria e prática, prática e teoria, nos remete às múltiplas dimensões desse processo de práxis pedagógica que é a Economia Solidária.

Gadotti (2009), ao escrever “Economia Solidária como Práxis Pedagógica” afirma,

as pedagogias clássicas não dão conta da riqueza dessa nova realidade econômico-política que está se constituindo hoje. O ensino da autogestão é um exemplo prático. Como ensinar a autogestão? Só pelo exemplo. Não dá para ensinar autogestão com “lições de autogestão”, como não dá para ensinar democracia com “lições de democracia”. Essa é uma pedagogia a ser construída com a prática. [...] Trata-se de construir valores, uma cultura, juntos (GADOTTI, 2009, p. 36).

Ou seja, os implicados nesse processo vão se constituindo e coletivamente se consolidam valores que corroboram uma cultura solidária, cooperativa, política, inclusiva, libertária, sensível, sustentável, diversa, justa, etc. Alinhando as dimensões da vida humana para essa utopia viável.

Sua base epistemológica é constituída na dinâmica do movimento social em que reproduz a vida humana na perspectiva do trabalho associado, autogestionário, na propriedade coletiva dos meios de produção, na participação democrática, nas tomadas de decisão coletivas, entre outros instrumentos.

O trabalho associado é uma categoria importantíssima nos empreendimentos econômicos solidários, uma forma de organização que promove a autonomia dos sujeitos e produz saberes a partir de suas experiências nas relações de trabalho. Segundo Fischer e Tiriba,

“o conceito tem relação com a ideia de práxis, saber popular, saberes da experiência, conhecimento tácito, trabalho como princípio educativo, produção de saberes em situação de trabalho, produção e legitimação de saberes do/no trabalho” (2009 e p.186).

Para Fischer e Tiriba, são,

[...] os saberes produzidos pelos trabalhadores nos processos de trabalho que se caracterizam pela apropriação coletiva dos meios de produção, pela distribuição igualitária dos frutos do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes (sobras) e aos rumos da produção (FISCHER E TIRIBA 2009, p. 293/8).

O trabalho associado é uma forma de organização do trabalho coletivo, a qual se constitui base na apropriação coletiva dos meios de produção, na distribuição igualitária dos frutos do trabalho, gerando cooperação, solidariedade, capacidade de deliberação e tomada de decisão em coletivo, para que seja possível o efetivo exercício da democracia no espaço de trabalho.

Compreendemos o trabalho associado ainda, como estratégias político-pedagógicas no campo da economia solidária. Por se tratar de uma pedagogia da produção associada que visa à ação, pesquisa, produção, mobilização e à sistematização de saberes, voltado ao fortalecimento das relações de trabalho, em uma perspectiva de autogestão e de criação de uma nova sociabilidade pautada em valores e conceitos diferentes ao da lógica dominante, se considera, portanto, o trabalho associado,

[...] como perspectiva político-pedagógicas distintas do capital, a pedagogia da produção associada apresenta-se como campo teórico-prático que visa ao estudo e à concretização dos processos educativos cujos objetivos de ação e pesquisa são a socialização, produção, mobilização e sistematização de saberes voltados ao fortalecimento de atividades econômicas fundadas na autogestão do trabalho e da vida em sociedade, contribuindo para a formação humana omnilateral [...] (FISCHER; TIRIBA, 2009, p. 297).

Nesse sentido, há uma interligação desses processos sempre na perspectiva de transformação dos sujeitos individuais e coletivos para uma atuação autônoma e consciente na vida na sociedade.

Compreende-se esse movimento como parte fundamental da formação do homem omnilateral, compreendendo o desenvolvimento integral do indivíduo, em todas as potencialidades e em todos os sentidos, pois, “[...] o homem desenvolvido é precisamente aquele que tem necessidade da totalidade das manifestações da vida humana[...]” (MARX; ENGELS, 1978, p. 238).

Esse princípio formativo implica diretamente o processo de mudança e de transformação social, porque se inicia no sujeito que toma consciência de si, do seu papel no mundo e se reconhece e se localiza em seu tempo histórico.

Nas palavras de Freire (2005, p.104), “a existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente”. O mundo para o/a homem/mulher é um espaço físico e histórico. E essa existência histórica e cultural do ser humano no mundo, sobre como nos constituímos seres da práxis pela ação-reflexão, capaz de transformar o mundo e a si mesmos e, ao mesmo tempo, determinada socialmente, parte

da organização coletiva em torno do mundo do trabalho que irá repercutir na produção e reprodução humana.

Assim, a partir da perspectiva de Marx, ratificada por Arroyo (1998), de conceber o trabalho como princípio educativo,

o trabalho como princípio educativo situa-se em um campo de preocupações com os vínculos entre vida produtiva e cultura, com o humanismo, com a constituição histórica do ser humano, de sua formação intelectual e coletiva, sua emancipação. Situa-se no campo de preocupações com a universalidade dos sujeitos humanos, com a base material (a técnica, a produção, o trabalho), de toda atividade intelectual e moral, de todo processo humanizador (ARROYO, 1998, p.152).

Desse modo, o campo formativo trabalho-educação-trabalho exige uma articulação desafiadora entre conhecimento e ação que redimensione a racionalidade dos processos educativos e dos processos de trabalho, que tem como um de seus objetivos o de materializar a cultura do trabalho associado. Esse movimento dialético, conforme afirma Tiriba (2001), é,

o desafio – de relacionar teoria e prática, de articular o técnico ao político, de vislumbrar uma cultura do trabalho que não fique apenas nas nuvens, mas que possa, paulatinamente, materializar-se no chão da produção associada (TIRIBA, 2001, p. 05).

Entendemos, portanto, que o trabalho associado se constitui em cultura do trabalho coletivo, que se contrapõe ao modo capitalista, mas que se forma dentro dessa estrutura de sociedade e que seus protagonistas são sujeitos cuja existência foi e é forjada também pela cultura capitalista, porque esse modelo de sociedade ainda não foi superado.

E existir, nesse contexto, com a pretensão de se contrapor aos modelos de mercado, ao atuar com outras práticas e outros valores: cooperação, solidariedade, gestão democrática, apropriação coletiva dos meios de produção etc., vai, indubitavelmente, evidenciar as contradições e as “situações-limites” no cotidiano das relações. São desafios a serem superados, e essa superação acontece no processo da ação-reflexão-ação das experiências do dia-a-dia.

Para ilustrar a nossa perspectiva nos embasamos na interpretação de Zart ao evidenciar que “a interação dos sujeitos sociais é também a comunicação de conhecimentos científicos e dos conhecimentos ordinários, ou dos que provém das



experiências cotidianas das pessoas relacionadas às suas práticas sociais” (2019, p.158/159).

Constituir relações produtivas na perspectiva humanista e humanizadora na sociedade contemporânea que tem como valores a competição, a meritocracia, a hierarquização das relações e a coisificação dos sujeitos, exige dos/as trabalhadores/as associados/as o superesforço de se tornar “homem/mulher novo/a”, que, segundo Freire, “nasce da superação das contradições libertando-se das condições: opressor/oprimido e move-se em ação libertadora” (FREIRE, 2005, p. 38).

### **2.2.2 Educação solidária: prática e pedagogia social nos espaços não escolares**

A temática educação solidária nos remete à origem da palavra “solidário” e “solidariedade”, vocábulos formados em nosso próprio idioma em meados do século XIX, a partir do adjetivo “sólido”, que significa algo que tem solidez é firme, consistente. Nas palavras de Mance “significa algo forte, que dificilmente se deixa destruir por uma força externa” (2000, p.17).

E é com essa compreensão que discorreremos sobre educação solidária, em que o sentido desse termo fixa suas raízes no campo sólido das relações sociais humanizadora, em evidente contraposição ao sentido conservador da palavra.

Conforme pondera Zart (2012),

conceituar a solidariedade no sentido da construção social da solidez das relações humanas, portanto das práticas sociais e da consciência superior humana. Esta assertiva leva à contraposição de atitudes e de concepções que traduzem a solidariedade como um fenômeno cultural e econômico que se coloca no cenário político de reprodução das dependências sociais. São as práticas que se limitam ao ato de dar algo a alguém em momentos de extrema necessidade. Caracterizada por atitudes paternalistas, reproduzem a servidão e a escravidão social. A solidariedade neste sentido é uma atitude conservadora, mantenedora das estruturas de dominação e de exploração, tanto nas relações sociais políticas quanto nas econômicas. A solidariedade conservadora é geradora da cultura do quietismo, do silenciamento, da desesperança, do esperar, da passividade (ZART, 2012, p. 116).

Nossa atitude, no processo educativo, é contrária ao silenciamento e à servidão social e, para tanto, tomamos como base a pedagogia freireana, em que os processos formativos educacionais envolvem “gentes” em comunicação sobre a inteligibilidade do mundo, no movimento cognitivo complementar do ensino-aprendizagem e em crescimento interpessoal permanente.

Freire é incisivo ao dizer: “[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 1996, p. 33). Enquanto a educação tradicional centra-se no treinamento técnico, a concepção freireana concebe o processo formativo em sua integralidade e “... respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar” (FREIRE, 1997, p. 37).

Para Freire, a educação formativa permite que o aprendiz se torne autor do seu próprio conhecimento, curioso diante daquilo que se encontra nas frestas do conhecimento apresentado, e também se sentindo crescentemente instigado diante daquilo que lhe parece obscuro e que exige uma iniciativa de compreensão mais criativa e criadora. Para o autor, “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 1997, p. 161).

A pedagogia freireana é um dos campos do conhecimento que possibilita o processo formativo crítico, libertador e acima de tudo humanizador. Educa-se como o outro demonstra a vocação ontológica para a humanização que lança o ser humano para a busca permanente e livre de se conhecer, conhecendo o mundo e nele atuando ativa e conscientemente. Essa é a máxima expressão da sua filosofia educacional, também conhecida por Pedagogia da Humanização.

Quando consideramos o processo formativo nas relações de trabalho, especialmente no âmbito dos empreendimentos econômicos solidários, nos dispomos a vislumbrar formas alternativas de trabalho e de aprender com o outro nesses processos.

Sobre isso, Machado afirma que,

a relação trabalho-educação tem como um de seus propósitos lutar pela criação de formas alternativas de trabalho, em contraposição à forma de trabalho capitalista, e essa não é uma tarefa simples quando se fala e age a partir da sociedade capitalista ou se vive no seio dessa sociedade. Pelo contrário, esse é um campo extremamente complexo, carregado de contradições, dúvidas, e aberto, ainda, a muitas construções (MACHADO, 2010, p. 14).

As implicações desse processo de formação, já mencionado anteriormente, é um desafio de todos os dias, mas, diz Freitas,

[...] Este é um desafio coletivo, que envolve a compreensão de que é necessário fazer de nossos espaços, nos limites da estrutura da universidade e das condições históricas que temos, um local de trabalho, a fim de que façamos deste trabalho a fonte do processo de conhecimento (FREITAS, 1996, p. 236).

A busca pela compreensão do que é necessário fazer de/em nossos espaços de trabalho para que seja um lugar de formação, de transformação e de propagação de uma cultura dialógica, dialética, crítica reflexiva e de práticas conscientes, exige dos sujeitos envolvidos no processo o constante ir e vir entre a teoria e a prática, a ação e a reflexão. E esse ir e vir aguça nossas percepções, nosso olhar crítico e nos revela as denominadas “situações-limites”. Essas condições, na maioria das vezes, inviabilizam o crescimento e a humanização, pois se encontram circunscritas a limites dentro dos quais operam a desatenção, a aceitação, a subserviência às práticas autoritárias, alienantes e dominantes da sociedade capitalista. São obstáculos que precisam ser transpostos.

Segundo Freire,

ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmo, ao terem o ponto de decisão de sua atividade de si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassaram as “situações-limites”, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais nada existisse. No momento mesmo em que os homens as apreendem como freio, em que elas se configuram como obstáculo à sua liberdade, se transformam em “percebidos destacado” em sua “visão de fundo”. Revelam-se, assim, como realmente são: dimensões concretas e históricas de uma dada realidade (FREIRE, 2005, p. 104).

Significa dizer que ter consciência das “situações-limites” lança os sujeitos no campo das possibilidades, “a fronteira entre o ser e o ser mais”, na literalidade do que fala Vieira Pinto (2005)<sup>7</sup>. Em outras palavras, a identificação das “situações-limites” nos conduz aos processos de superação e de libertação das condições até então consideradas aniquilantes. É mais ou menos como tomar consciência do que limita, onde limita e como limita, e a partir dessa compreensão podemos buscar os caminhos para a libertação ou superação desses limites.

A ação dos seres humanos sobre si mesmo e sobre o mundo cria o domínio da cultura e da história, porque só os humanos são seres da práxis. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2006, p. 106).

---

<sup>7</sup> Nota de rodapé “14” do livro “Pedagogia do Oprimido”, p. 104.

Desse nodo, as experiências nos empreendimentos econômicos solidários são a viva expressão desse processo crítico/libertário em que se colocaram esses sujeitos que, dando-se conta das “situações-limites” impostas pela sociedade do capital, propuseram-se a viabilizar outros modos de produzir e existir no mundo.

Ao considerarmos a COOPERSSOL um lugar de práxis, certamente é também um campo fecundo de troca de saberes, de articulação de processos educativos. Principalmente se ressaltarmos à natureza pedagógica do trabalho, considerando a sua essencialidade no processo de constituição do ser social, pois, como nos ensina MACHADO (2003) o trabalho,

é mecanismo fundante da práxis social, contendo uma subjetividade, e representando ao mesmo tempo, uma nova objetivação do ser social, o salto da animalidade para o ente social. O que equivale a dizer que a gênese do ser social se baseia no trabalho, com a diversidade de relações e interações que comporta, seja do homem com a natureza, seja do homem com outros homens. Parece compreensível, pois, que o trabalho ocupe uma posição de centralidade na análise das práticas sociais, políticas e econômicas das sociedades modernas e contemporâneas (MACHADO, 2003, p. 101).

Nesse sentido, o trabalho como prática livre e espontânea dos sujeitos assume uma perspectiva positiva e, conseqüentemente, significativa para as pessoas no âmbito do movimento da socioeconomia solidária que experienciam,

o processo de trabalho como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana [...] (MARX, 1983, p. 153).

Ou seja, o trabalho, como atividade realizada para produzir valor de uso é significativo, pedagógico, emancipador; é processo criativo e educativo de construção e reconstrução da existência material. Assim, durante o trabalho de campo perguntamos aos sujeitos da pesquisa o que era trabalho para eles/elas, e obtivemos as seguintes respostas.

“É um conjunto de atividades que fazemos para conseguir algo ou alguma coisa” (Alcilene);

“Trabalho são ações que desenvolvemos diariamente individualmente ou no coletivo para atingir nossos objetivos e nossas necessidades, mesmo não sendo remunerado” (Eliane);

“É toda ação realizada com o objetivo de promover a existência humana”  
(Neuzo);

“O trabalho faz parte da nossa vida, ocupa nossa mente, nosso pensamento, dá conforto para nossa família para suprir nossa necessidade, paga nossas contas...” (Jandira).

As respostas dos sujeitos da pesquisa, com perfis distintos, sejam pela idade ou pela realidade cultural, territorial e de trabalho, demonstram a consciência do que é trabalho para elas e ele no sentido que Marx dá à categoria trabalho na sociedade não capitalista. Ou seja, as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa demonstram, de modo contundente, o valor do trabalho na sua dimensão existencial emancipadora, não alienada. Revelam a percepção das pessoas que vivenciam os processos educativos nos movimentos sociais contra-hegemônicos.

As falas acima representam três gerações distintas de produtores, a juventude, os adultos e os idosos, cada qual traz consigo a experiência da sua caminhada e remetem a natureza existencial do trabalho. É possível que, a maioria deles/as jamais tenha ouvido falar em Marx, mas, em todas as falas identificamos o conceito marxista da categoria trabalho.

Assim sendo, identificamos nas respostas dos sujeitos a intrínseca relação do saber empírico com o saber científico conceitual da categoria trabalho. O trabalho é para os homens e mulheres uma ação que marca sua existência na história da sociedade.

E mais, resposta como essa: “é toda ação realizada com o objetivo de promover a existência humana”, e essa: “trabalho são ações que desenvolvemos diariamente individualmente ou no coletivo para atingir nossos objetivos e nossas necessidades, mesmo não sendo remunerado”, contemplam todas as formas de trabalho humano, ao mesmo tempo em que, implicitamente ressalta o valor da ação do trabalho do/da homem/mulher histórico provendo sua existência no mundo.

### 3 TRABALHO ASSOCIADO E CONSUMO SOLIDÁRIO

#### 3.1 O trabalho associado como base da organização social

No subtítulo em que tratamos da economia solidária como base epistemológica, conceituamos trabalho associado e destacamos algumas de suas dimensões extremamente relevantes: modelo de organização do trabalho coletivo, estratégia político-pedagógica e cultura do trabalho coletivo.

Neste tópico, buscamos abordar a temática a partir dos dados coletados sobre a dimensão que os sujeitos têm/dão ao que é e de como vivem o trabalho associado

“É uma atividade pensada, discutida, planejada e desenvolvida por um grupo de pessoas que se juntam, se associam com objetivos comuns [...]” (Catarina).

“É um trabalho que a gente tem que estar sempre unida, junto, então é uma união é um meio da gente trabalhar” (Dionice);

“Trabalho associado onde se reúne duas ou mais pessoas juntas com o mesmo objetivo” (Argentina);

“O trabalho associado visa um trabalho coletivo, sabemos que ao desenvolver um trabalho em grupo temos mais sucesso em nosso objetivo, o trabalho associado e cooperado, vai para além de um trabalho coletivo e sim uma atividade solidária, cooperada de forma a pensar no bem do próximo sem exploração e sim pensando no bem-viver dos seus companheiros” (Eliane);

“O trabalho associado é feito por um grupo de pessoas por um objetivo comum [...]” (Mariah).

As falas demonstram um nível de consciência dessas pessoas sobre o tema, elas sabem o que significa e compreendem a importância desse modelo de organização para o trabalho.

Ressaltamos que todas essas pessoas já desenvolvem atividades produtivas nos moldes do trabalho associado, no campo e na cidade, seja no grupo de mulheres cervejeiras ao qual pertencem, seja na associação rural do seu território, ou com a comunidade religiosa. Portanto, fazer algo juntas, com o objetivo comum para além de uma atividade laboral é também uma busca pelo bem comum em todos os aspectos da vida em comunidade.

E o que isso nos revela? Valores humanos, um processo de humanização desses sujeitos, uma marcha em direção ao inédito viável, à utopia freireana?

A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si próprio”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 2015, p.20).

Revela o ser humano no mundo, com o mundo e com o outro se constituindo como ser histórico, pois “a história é tempo de possibilidades e não de determinismo” (FREIRE, 2015, p.20). E o trabalho associado é um modo de superar as relações de subordinação, é estar junto, em união, lado-a-lado com o outro, promovendo a existência humana. E nesse processo de aprimoramento das sensibilidades e sentidos humanos, gerenciado pela vida em convivialidade com os outros, o fazer, ação do cotidiano, é um processo criativo exigente, criterioso, reflexivo que conduz à mudança.

Ao mudar o processo produtivo, muda-se também o modo de consumo, pois certas práticas perdem o sentido de ser do modo que eram compulsórios e alienados. O consumo solidário é a mudança necessária e urgente a ser feita por todas as pessoas. E isso ocorre no processo educativo e consciente de estar no mundo com o outro e com a natureza. As escolhas de consumo mudam quando se enxerga além das próprias necessidades e quando há comprometimento com o bem-viver coletivo.

Essa consciência nos localiza no tempo histórico e no espaço/lugar geográfico, social e cultural em que nos encontramos; o global nos distancia, o local nos aproxima, nos dá o sentido de pertencimento, de reconhecimento e da realidade tangível.

### **3.1.1 O trabalho associado como processo constitutivo das relações de trabalho**

Para compreender o trabalho associado como processo constitutivo das relações de trabalho na perspectiva da economia solidária como outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (SINGER, 2002, p.10), é preciso horizontalizar e democratizar as relações e por isso o trabalho associado e a autogestão são categorias centrais nesse processo.

Puhl (2014) afirma que “vivemos numa cadeia cultural de dependência”, em que as relações se estabelecem de modo desigual e dependente, que divide as pessoas em dois grupos: o grupo dos que mandam e o grupo dos que obedecem. A autogestão desconstrói isso, rompe definitivamente com esse padrão de relação e propõe a participação de todos, na qual as decisões são tomadas coletivamente.

Contudo, é imprescindível considerar que, no âmbito de um empreendimento econômico solidário, no qual as relações se estabelecem e se afirmam em torno de objetivos comuns, a autogestão é um escopo desejável e, portanto, um desafio a ser enfrentado todos os dias.

Esse,

[...] projeto de organização democrática privilegia a democracia direta. Esta constitui um sistema em que voluntariamente, sem perceberem remuneração e sem recorrerem a intermediários, os cidadãos debatem todas as questões importantes, em assembleias (MOTHÉ, 2009, p. 26/30).

Ou seja, o exercício da democracia direta e a tomada de decisão coletiva, em assembleia, exigem dos sujeitos envolvidos a libertação dos padrões de dependência, o que não é tarefa fácil.

Assim, a autogestão é um processo pedagógico pelo qual passam os sujeitos para se reeducarem enquanto sujeitos sociais, ocupando espaço na gestão, execução e monitoramento das atividades no âmbito do empreendimento econômico solidário. Trata-se de um processo de educação e/ou reeducação cultural para atuação nas vivências coletivas e, conseqüentemente, em sociedade, que exige desses sujeitos um superesforço para superar uma cultura de subordinação para alcançar a cultura da autonomia.

E, por isso, a autogestão é,

[...] uma ferramenta pedagógica de formação e educação de todos os envolvidos, pois a autogestão exige a participação dos sujeitos em relação de igualdade não só no processo de produção, mas igualmente no processo de tomada de decisão do empreendimento, ou, em grau, mais elevado, na sociedade (SGUAREZI, 2011, p. 64).

A autogestão é também uma tomada de consciência e um compromisso individual com o coletivo e no coletivo, o que só é possível com a transformação pessoal dos sujeitos que vivenciam essas experiências associativas para produzir, comercializar e consumir numa respectiva contra-hegemônica.



Sabemos, no entanto, que estando inseridos e sendo educados em uma sociedade capitalista estamos muito mais familiarizados e acostumados com as relações de subordinação e alienação dos processos produtivos do que dispostos a planejar, organizar e executar coletivamente as atividades de um empreendimento. Afinal, obedecer a ordens e cumprir determinações é muito mais simples. Isso difere bastante no que se entende por cooperativa ou por ações cooperativas, em que não se cumprem exatamente ordens, mas decide-se em conjunto o que fazer, isto é, afirmar a autogestão.

Desse modo, a experiência com a COOPERSOL nos tem revelado diuturnamente o desafio prático da autogestão. Nos fragmentos a seguir constam as respostas dos cooperados para a seguinte pergunta: “Você entende e sabe como funciona uma cooperativa?”

“Bom, tenho algumas leituras, mas somente teorias, do funcionamento de ser democrática, estar trabalho autogestão, em consonância com seus cooperados ter uma transparência enquanto diretoria e cooperado... estou tentando entender na prática” (Cristiane).

“Tenho alguma noção...O funcionamento de uma cooperativa passa pelo exercício do trabalho coletivo, do diálogo, dos debates e deliberações colegiadas, pelo compartilhamento de responsabilidades, da autogestão, entre outros...é constante fazer e refazer-se...” (Ilma)

“Sim. A cooperativa é uma sociedade de cooperados que não tem como objetivo básico o lucro desses sócios. Com isso a cooperativa se diferencia de qualquer outro tipo de sociedade dos mercados capitalistas. Na cooperativa os sócios se esforçam para que os pequenos trabalhadores que participam dessa cooperativa se desenvolvam, cresçam, mas de forma coletiva e não individual” (Aparecido).

Nessas respostas, os próprios cooperados reconhecem que têm mais conhecimento teórico sobre como deve ser direcionada a gestão da cooperativa do que como funciona na prática, o que nos permite fazer as seguintes reflexões: qual grau de participação e envolvimento desses cooperados no dia a dia da cooperativa? Eles têm conseguido colocar em prática a autogestão? E para completar essa reflexão perguntamos: “Qual o seu papel na COOPERSOL?”

Selecionamos as seguintes respostas: “Vice-presidente e secretária” (Cristiane); “Membro, participante - na medida do possível...” (Ilma) e “Eu faço parte como sócio da COOPERSOL. E como sócio procuro colaborar pelo melhor desenvolvimento da cooperativa. Também procuro interagir com os produtores/as, aprender com eles/as e ajudar no que for possível. Procuro levar a público sobre a importância da

COOPERSSOL na produção de alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxicos”  
(Aparecido)

Aqui, dois elementos se destacam: o sentido de pertencimento e o comprometimento com o coletivo. Na prática, o sentido de pertencimento gera uma postura proativa do/a cooperado/a, que, desafiado/a a sair do lugar de espectador, se assume comprometido com o grupo. Isso nos leva a acreditar que o processo de transformação é inevitável, pois ele ocorre de dentro para fora e de fora para dentro na sua dimensão cultural constitutiva.

Vejam o que Zart (2017), pontua sobre autogestão nesse processo,

**Autogestão:** quando os empreendimentos econômicos solidários estão organizados ou em processo de institucionalização, desenvolvendo a cultura autogestionária. Está embasada nos princípios éticos da autonomia, da transparência, da consensualidade, da honestidade e da alteridade. Opõe-se aos processos de heterogestão, quando alguém com poder externo e separado do grupo social impõe as normas a serem ética e política da agremiação e na configuração da organização social em forma de comunidade. É a afirmação da proximidade gerando a cultura do compartilhamento de costumes, interesses, crenças, valores. O estar em comum em todas as necessidades e possibilidades: materiais e espirituais. Na reciprocidade coletiva ocorre a construção de estruturas, organizações e relações sociais de corresponsabilidade para a elevação da humanidade do humano, portanto, da existência com bases de igualdade social e de reconhecimento das diferenças culturais, ou seja, nos valores e nas práticas sociais de participação integral do homem e da mulher nas organizações sociais (ZART, 2017, p. 04).

E nesse movimento de reciprocidade coletiva os/as cooperado/as vão tecendo as relações sociais de corresponsabilidade, tomando consciência das contradições para alcançar a superação.

Voltamos às falas dos/as cooperados/as para identificar os referidos elementos: “Cooperada, participo das assembleias, tenho direito a voz e voto nas tomadas de decisão” (Dinairan); “Sócio Cooperado em formação” (Admilson) e “Estou na direção atual com pouca participação” (Eliel).

As declarações: participa das assembleias com “voz e voto nas tomadas de decisão”, diz que está “em formação”, e que tem “pouca participação”, mesmo ocupando função na diretoria, esses sujeitos se colocam no campo da processualidade pedagógica que o trabalho associado e autogestionário se configura no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, eles revelam os desafios que é se organizar e empreender na perspectiva do trabalho associado e autogestionário.

E, ao mesmo tempo revelam uma situação-limite vivenciada por eles na condição de cooperados/as: a participação. Ou seja, a participação desses sujeitos no

cotidiano dessa cooperativa está limitada. Seja pela indisponibilidade de tempo, seja pelo processo formativo inconcluso ou em curso, ou por não ser colocado como prioridade nas atividades do dia a dia.

Diante disso, é importante expor que a COOPERSSOL é uma cooperativa de consumo que viabiliza a comercialização de produtos da agricultura familiar e artesão local, e que os cooperados/as não a têm como fonte de renda principal ou secundária, pelo menos até o momento, todos/as são profissionais que trabalham em outros espaços.

Nesse sentido, a COOPERSSOL para os/as cooperados/as é um empreendimento coletivo de atuação e práxis onde estabelecem relações sociais de corresponsabilidade para a elevação da humanidade do humano e da mulher, como experiência de vida e propagação de uma cultura de valorização das pessoas e de tudo que contribui para uma existência mais justa e solidária.

E nesse processo esses sujeitos precisam compartilhar o tempo existencial e se desafiar para participar conjuntamente da gestão do empreendimento, bem como, das atividades de mobilização e atuação em que precisam e devem atuar como espaço de coletivo de práticas solidárias e sustentáveis.

Nesse sentido, o tempo de participação e integração de cada um desse/as cooperados/as é processualmente diferente e acontece dentro da possibilidade de cada um dele/as. E também numa escala livre de revezamento, similar as que ocorrem com os integrantes dos movimentos sociais. Conforme a composição da diretoria/liderança o grau de mobilização e atuação dos membros se modificam, como maior ou menor expressão, em cada momento.

Essa constatação, nos guia ao seguinte entendimento, o grupo tem entre si um comprometimento recíproco e dinâmico que se retroalimenta e se afinam com as causas indenitárias da atuação de cada um, no coletivo e em seu cotidiano. E a COOPERSSOL tem se tornado um espaço comum para essas vivências e diálogos.

Na COOPERSSOL, o trabalho ganha a dimensão de luta social e política etc. o movimento é uma espécie de ciranda pedagógica, em que o aprendizado é constante é lúdico e é cíclico.

É constante porque ocorre no dia a dia das experiências coletivas, é lúdica porque incorporamos elementos criativos a esse processo, como exemplo disso temos os encontros realizados aos sábados, com música, declamação de poesia, dança, degustação de alimentos e cervejas artesanais entre outros, e é cíclico porque se realiza periodicamente.

A fotografia a baixo registra um desses momentos e revela essa ambiência múltipla, diversa e imensamente pedagógica.

**Fotografia 1-** Dia do Meio Ambiente na COOPERSSOL



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2022.

Essa imagem expõe bem essa ciranda pedagógica, aqui temos o registro de um encontro realizado na COOPERSSOL, que mobilizou as pessoas para refletir o dia do meio ambiente. Eram consumidores/as, cooperados/as e produtores/as, membros do MST, do Instituto Gaia, da FASE/MT, da comunidade acadêmica, UNEMAT, IF, etc. que se dispuseram numa perspectiva dialógica a uma reflexão crítica emancipadora sobre tema, a partir da realidade local, das demandas que envolvem nossos rios, nossos biomas: cerrado e pantanal, entre outras. Nesse dia além de reflexões relevantes sobre o referido tema, tivemos música, dança, risos e celebração por estarem juntos, ainda que usando máscaras.

A COOPERSSOL como espaço de comercialização, trabalho associado em um processo constitutivo das relações de trabalho no mundo do trabalho tem possibilitado o redirecionamento da ação desses sujeitos frente a existência humana nas suas múltiplas dimensões.

Esse processo é educativo e reeducativo, pois acontece na dinâmica do cotidiano dos sujeitos implicados em causas que convergem entre si para a cultura do bem-viver. Essa iteração pedagógica revela as relações comunitárias, as relações de afeto, de ajuda mútua, de cooperação e solidariedade.

### **3.1.1.1 O consumo solidário como instrumento integrador da produção e comercialização solidária**

Inicialmente, é importante compreendermos a dimensão da categoria consumo solidário para essa pesquisa que, em linhas gerais, se contrapõe ao consumo alienado e ao consumo compulsório, prática comum e corrente da sociedade capitalista.

Ao falar sobre o consumo alienado estamos refletindo sobre uma prática abusiva e fetichista utilizada pelo sistema capitalista para seduzir o consumidor a comprar produtos “agenciados pelas peças publicitárias, *merchandisings* e modismos”, e assim, “muitas pessoas passam a conferir aos produtos certas qualidades virtuais” (MANCE, 2000, p. 26). Ou seja, o consumidor é deslocado de sua realidade e racionalidade para o “campo da realidade ideal” criada pelo sistema capitalista para fazer com que consuma os produtos que esse sistema põe no mercado.

E, conseqüentemente, consuma de modo compulsório “aquilo” ou “o quê” o mercado oferece. Nessa dinâmica, o consumidor compra movido, na maioria dos casos, pelo sentimento ilusório de satisfazer uma “carência emocional”, da qual sequer tem consciência, e não como uma atitude livre e consciente. Por outro lado, o consumo solidário é justamente o oposto disso porque problematiza essa prática comercial e esses modelos de consumo e provoca a reflexão sobre o espaço tempo em que estamos: como olhamos, como percebemos, como nos relacionamos nesse lugar?

Muitas vezes nos encontramos identificados com uma realidade global que nada tem a ver com nossa realidade local e perdemos a oportunidade de conhecer, experienciar o que a vida em comunidade nos proporciona em signo de pertencimento, de reconhecimento de si e do outro, de identificar demanda e possibilidade, entre tantas outras experiências, e especialmente de tomar consciência crítica de que o consumo é um ato político e interfere substancialmente na produção, comercialização e manejo dos recursos naturais da vida do Planeta Terra.

O consumo solidário possibilita o bem-viver da coletividade porque todas as pessoas com consciência solidária compreendem que, ao escolher, para seu consumo, certos produtos e serviços, estão distribuindo renda, fortalecendo a produção ecologicamente sustentável, o comércio justo e solidário, a economia local, promovendo inclusão social, diminuindo os impactos ambientais e dando destinação correta ao lixo, entre tantas outras coisas (MANCE, 2000, p. 31).

Nesse sentido, aplicar o questionário aos consumidores da COOPERSSOL, lançamos a seguinte pergunta de múltipla escolha: “Consumir os produtos da

COOPERSSOL significa: contendo cinco opções de resposta, sendo facultado ao entrevistado marcar quantas delas quisesse, nenhuma delas ou escrever seu próprio significado na opção “outros”. Nesta questão obtivemos o seguinte resultado:

**Quadro 1** - Resposta em percentual das alternativas da pergunta

<b>Opções:</b>	<b>Respostas %</b>	<b>Total/pessoas:</b>
Contribui para o fortalecimento da economia familiar, agroecológica e artesanal.	75%	9
Prefere consumir produtos frescos e sem agrotóxicos.	50%	6
Tem consciência de que o consumo é um ato político e deve ser realizado com responsabilidade e com proximidade entre quem produz e quem consome.	66,7%	8
Fortalece a rede de produção e comercialização de empreendimento da economia solidária.	66,7%	8
Outros	0%	0

**Fonte:** Elaboração própria – dados extraídos do questionário aplicado aos sujeitos na pesquisa.

Na indicação de 75% das respostas marcadas, a primeira opção refere-se ao compromisso de consumo na COOPERSSOL, ou seja, contribuir para o fortalecimento da economia familiar, agroecologia e artesanal, isso demonstra a implicação desses sujeitos com a causa, à responsabilidade com o outro e como o que querem constituir conjuntamente; 66,5% têm consciência de que o consumo é um ato político e fortalece a rede de produção e comercialização de empreendimento da economia solidária, e 50% consomem no referido espaço porque preferem produtos frescos e sem agrotóxicos. As respostas revelam que essas pessoas fazem suas escolhas na perspectiva do consumo solidário.

É possível identificar, no conjunto de respostas, o consumo solidário como instrumento integrador da produção e comercialização solidária. Principalmente porque, nesse movimento de ressignificação dos valores e princípios que coloca a vida no centro da importância e faz essa interpelação entre o humano, à natureza e o manejo responsável dos recursos naturais para prover a existência, possibilita, igualmente, a ressignificação das práticas de produção e de comercialização dos bens de consumo.

### **3.2 A experiência da COOPERSSOL**

A Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável – COOPERSSOL é o resultado concreto dos processos formativos decorrentes dos projetos de pesquisa e extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, projetos estes especialmente executados pela incubadora e a rede de entidades de incubação solidária

denominada de Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários e Sustentáveis – INCUBESS.

A COOPERSSOL é primeira cooperativa de consumo do Estado de Mato Grosso, filiada à UNICAFES, é um empreendimento econômico solidário, com sede no município de Cáceres/MT. Foi fundada em 27/06/2018 a partir das ações de mobilização, formação e organização, metodologia de educação popular promovida pelo Núcleo da Unitrabalho – Unemat, como projeto de extensão universitária a partir dos recursos do Programa Nacional de Incubação de Cooperativas Populares (PRONINC), por um grupo de vinte pessoas que desejavam viver uma experiência de consumo solidário e sustentável, dispostas a investir no empreendimento econômico como uma oportunidade e experiência científica e social.

O empreendimento foi gestado e está em desenvolvimento na perspectiva da incubação solidária, e, segundo Zart é,

[...] a responsabilidade política e epistemológica com os grupos sociais à margem de possibilidades de formação, de trabalho, de renda e de desenvolvimento. As metodologias são participativas, as proposições e ações compartilhadas. As aprendizagens dialógicas são provocativas de possibilidades geradoras de respostas à problemas e questões econômicas e ecológica que configuram a existência dos grupos sociais (ZART, 2016, p.06).

E é nessa perspectiva que a COOPERSSOL vem se constituído em um espaço de experiências econômicas pedagógicas e de fazer ciência a partir da democratização das relações sociais e epistemológicas, pois,

é a ciência que se faz presença no seio do povo e que aprende com os saberes populares, e por isso se inova, e momentaneamente ensina novos conhecimentos para aqueles que aprendem a partir das experiências e das práticas sociais cotidianas e estes renovam e ampliam seus conhecimentos, que formulado a partir de racionalidades distintas, se complementam enriquecendo-se (ZART, 2012, p.27).

Na dinâmica da produção social do conhecimento, o discurso científico brota nos campos férteis das mãos e das mentes de homens e mulheres que se dispõem as experiências sociais de aprendizagem e ao trabalho associado, aliando teoria e prática, além de observar, sistematizar e analisar os limites e as possibilidades do desenvolvimento de práticas sociais de economia solidária.

O processo de mobilização dos sujeitos para constituir esse empreendimento iniciou em 2015, após um grupo de professores e acadêmicos empreender esforços convidando pessoas para uma reunião cujo tema era a constituição de uma cooperativa. Somente no referido ano aconteceram três encontros de articulação com o grupo de interessados, consubstanciados por diálogos, rodas de conversa e grupos de estudo.

Em 2016 os diálogos se intensificaram, com o objetivo de apresentar alguns resultados: conclusão do estatuto, definição das cotas partes e organização da documentação para protocolo na Junta Comercial, entre outros.

No processo de fundação, os/as sócios/as fundadores/as elaboraram o estatuto social da COOPERSSOL e elencaram como seus principais objetivos,

Art. 2º A COOPERSSOL tem como objetivo desenvolver concepções e práticas sociais fundamentadas nos princípios da economia solidária e da agroecologia, tendo como valores orientadores a cooperação, a mutualidade e a comercialização solidária.

I - Promover o consumo solidário e sustentável integrando produtores e consumidores para gerar a cultura de prosumidores.

II - Estabelecer redes de cooperação e colaboração solidária para iniciativas de cooperação e de sustentabilidade.

III - Prestar serviços aos cooperados, congregando-os com base na reciprocidade e colaboração mútua.

IV - Satisfazer necessidades de consumo, bem como, o fomento ao consumo consciente<sup>8</sup> e a organização de cadeias produtivas solidárias e ecológicas.

VI - Integrar e fortalecer redes de colaboração de empreendimentos econômicos solidários.

VII - Atuar na formação da consciência social solidária e sustentável.

VIII - Participar em espaços públicos para a difusão da filosofia e da ética solidária e sustentável.

IX - Estabelecer processos educacionais para a cultura da autoorganização e autogestão.<sup>9</sup>

Os objetivos do empreendimento refletem suas pretensões inclusivas e de fortalecimento de um movimento anticapitalista e de valorização da cooperação, mutualidade e solidariedade. Incluem-se ainda a ética e a cultura da auto-organização e da autogestão.

Os cooperados fundadores são professores, pesquisadores e simpatizantes da socioeconômica solidária que, juntos, pensaram em constituir uma cooperativa de consumo com o objetivo de viabilizar essas relações ecológicas de consumo solidário, sustentável, de fomento à produção agroecológica, extrativista e artesanal no território de Cáceres no estado de Mato Grosso.

---

<sup>8</sup> O consumo é solidário o termo consciente foi usado equivocadamente e será devidamente alterado no estatuto.

<sup>9</sup> Estatuto Social da COOPERSSOL



Assim, em 07/01/2019, o procedimento legal foi concluído e aprovado na Junta Comercial/MT, e a cooperativa recebeu sua identidade jurídica com a emissão do CNPJ nº 32.366.425.0001/05, e, portanto, formalizada legalmente.

Apta a operar no mercado local, a COOPERSSOL abre suas portas com uma loja em 17/07/2019 e inaugura seu espaço de comercialização numa avenida comercial bem movimentada do município de Cáceres/MT (Av. Talhamares, nº 1.171, Jardim do Trevo). E a partir daí um novo processo de mobilização ocorreu junto aos/os produtores/as e aos/as consumidores/as em torno daquele espaço, no sentido de viabilizar o abastecimento e o consumo dos produtos comercializados.

A loja vem se constituindo em um espaço pedagógico de trocas e aprendizados. As relações são práticas comerciais e do exercício contínuo fortalecer a agricultura familiar, os/as artesãos/ãs e os grupos que produzem em regime de economia familiar. O trabalho aqui é pela consciência de ser e existir; é pela crítica ao que compõe a realidade humana em seus aspectos degradantes da vida humana, animal, vegetal e de todo o planeta.

A existência material da cooperativa em articulação com agricultores (as) e artesãs tem procurado ofertar, de modo prioritário, os produtos da agricultura familiar (legumes, verduras, frutas, etc.) e produtos artesanais (pão, biscoitos, doces, cervejas, licor, tapetes, sabão, etc.) produzidos por grupos e/ou sujeitos que produzem na perspectiva da economia solidaria e da agricultura familiar.

As fotografias abaixo dimensionam fisicamente o espaço da loja e os produtos a disposição para a comercialização, que são produtos inatura como é o caso das bananas, do coco, laranja, batatas etc., produtos artesanais, como tapetes, guardanapos, caixas de madeira, sabão, farinha de mandioca, doces, cervejas etc. e tem também produtos industrializados que compõem o consumo doméstico.

**Fotografia 2** – Mosaico de fotografias da COOPERSSOL, fachada e espaço interno



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020.

Ou seja, é um espaço criado para atender uma demanda local de quem produz e de quem consome e livremente essas pessoas se associam e estabelecem outra lógica de produção, comercialização e consumo, segundo França Filho,

Neste tipo de economia, perde sentido a consideração da oferta e da demanda como entidades abstratas, supostamente vocacionadas a harmonizarem-se graças à ação da mão invisível, num processo mais conhecido como autorregulação do mercado. Do mesmo modo, a competição também deixa de ter importância nesta lógica. O objetivo da rede é a ruptura com a dicotomia habitual dos regimes de mercado, supostamente autorregulados em relação à produção e o consumo (por seus efeitos danosos em termos sociais), e o estímulo à livre associação entre produtores e consumidores (ou prestadores de serviços e usuários), permitindo a criação do conceito de prossumidores. Nesta economia de prossumidores, a regulação ocorre através de debates públicos no espaço associativo, num exercício de democracia local em que os próprios moradores planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços (ou seja, a criação das atividades socioeconômicas), em função de suas próprias demandas, que são identificadas previamente (FRANÇA FILHO, 2007, p. 161).

Nesse sentido, a COOPERSSOL é um espaço onde se promove a cultura de prossumidores/as, e aqui usamos esse termo na perspectiva de França e Filho e não na lógica liberal de Alvin Toffler, escritor inglês, que cria esse neologismo para indicar o novo papel do consumidor na sociedade pós-moderna, revelando certa postura exigente de quem consome como reflexos diretos na produção do que se vai consumir.

O processo de interação e troca entre produtores/as e consumidores/as ocorre de modo dinâmico, interativo e comprometido em promover o desenvolvimento local, em fortalecer/resgatar/propagar a cultura solidária e sustentável nas ações do dia-a-dia, nos encontros na própria loja e também nos debates virtuais no grupo de *WhatsApp*. As temáticas postas em debate têm relação com a produção e o consumo, complexo denominado de comercialização solidária. As relações sociais solidárias implicam pessoas, em sua totalidade, nos processos comerciais. Para além da troca de mercadorias, na troca de produtos têm-se o intercâmbio de identidades sociais e culturais, o homem e a mulher na sua integralidade.

As relações da comercialização solidária fazem os sujeitos sociais pensar sobre suas existências a partir de fatos da vida diária. De um ou outro modo, os acontecimentos no cenário político, econômico, educacional, etc., possibilita que homens e mulheres em formação e conscientização se posicionem de modo crítico frente às suas existências. No movimento de interação intersubjetiva, de certo modo eles continuam tomando consciência das contradições sob as quais se encontram os/as trabalhadores/as associados/as e quais são os movimentos e as atitudes organizacionais para superar as condições materiais de freiam a historicidade organizacional coletivizada.

O modo com que a COOPERSSOL tem interligado pessoas em torno de temas geradores, entre os quais consumo solidário, agricultura familiar agroecológica, extrativista ecológico, segurança alimentar, economia solidária, tem impactado diretamente na ação e atuação das pessoas envolvidas. Há uma caminhada conscientizadora, de entendimento e de compreensão das relações sociais e do desenvolvimento socioeconômico das organizações do trabalho associado.

Esses impactos se traduzem primeiro no interesse pelos produtos, depois pela identificação com as causas, e, na sequência, pela decisão de ficar e participar porque desejam fortalecer, apoiar e contribuir para a proposta e para a economia solidária. E ao ficar, seja na condição de membro do grupo de “consumidores/as solidários” ou de “cooperados/as” e/ou “produtores/as” da COOPERSSOL, participam dos debates formativos, consomem produtos da cooperativa, colaboram com ações de solidariedade, na socialização dos fundamentos e da funcionalidade do cooperativismo solidário.

A organização das relações sociais de cooperação se constitui em uma dinâmica que movimenta as pessoas para fora do campo do individualismo e da competição, e as leva para o campo da pronúncia, do reconhecimento de si e do outro, da ação conjunta.

São dinâmicas pedagógicas e sociais de constituição e de fortalecimento da cultura da solidariedade.

E, assim, a COOPERSSOL, um espaço de práticas pedagógicas em espaços não formais, de intercâmbios sociais e de relações ecológicas é uma construção social necessária e viável em um contexto global de mudanças, de ressignificação de valores e de urgência de escolhas que contemplam o bem-viver individual e coletivo. Desse modo, vai subvertendo a lógica do mercado capitalista, e continua enfrentando, cotidianamente, desafios gigantescos para se manter e se tornar um empreendimento autossustentável e também um palco de resistências e proposições. Por isso, um espaço político de ação, reflexão e práticas sociais que se contrapõem ao modelo dominante da sociedade capitalista.

Nesse lugar, são acionados os princípios e as práticas sociais de modo efetivo para atuar em coletividade, constituindo relações democráticas, participativas, para: reduzir os impactos ambientais das ações humanas, exercitar o consumo solidário, estabelecer relações de cooperação de trabalho, praticar o preço justo, aprender sobre produção agroecológica, defensivos naturais, tecnologias sociais, receitas e técnicas, produção e comercialização, compreender as relações comerciais para definir como queremos realizar as nossas, entre tantas outras práticas que vão se constituindo no cotidiano.

Nesse espaço pedagógico, de convivialidades e diversidades nos confrontamos com as contradições e somos levados a reconhecê-las e a superá-las. Uma delas é a estrutura presidencialista do Conselho Diretor, esse modelo medonho que reforça a cultura de hierarquização das relações de trabalho e atribui à figura do presidente a expressão máxima do poder, o oposto do que buscamos fazer, pois, para nós, o presidente é liderança representativa e as decisões são coletivas.

### **3.2.1 A COOPERSSOL: desenvolvimento econômico e social, socioeconomia solidária e um recorte com a agricultura familiar no município de Cáceres/MT**

Nosso objetivo neste subcapítulo é refletir sobre o papel da COOPERSSOL no desenvolvimento econômico e social local, na socioeconomia solidária e o fomento a agricultura familiar nesse município com características tão peculiares, por se situar a margem esquerda do rio Paraguai e ser considerado o “Portal do Pantanal”.

O Pantanal é, desde 2000, considerado patrimônio da humanidade pela UNESCO (Moreno e Higa, 2005). Esse bioma é constituído um mosaico formado pela convergência dos domínios: floresta Amazônica, Cerrados e o Pantanal.

É importante entender que estamos falando de um município bicentenário, com características urbanas bem coloniais e uma estrutura fundiária caracterizada pela posse da grande propriedade rural, segundo o Plano Diretor do Município de Cáceres (2010).

A estrutura fundiária de Cáceres, não difere muito da estadual. As grandes propriedades ocupam mais de 70% do total da área dos imóveis cadastrados pelo INCRA em Cáceres e, no MT são 73,6%. O tamanho médio da grande propriedade em Cáceres é de 4.973 ha, maior do que no MT, que é de 4.472 ha. Na categoria minifúndio, os mesmos ocupam 2,3% da área total de imóveis em Cáceres e no MT apenas 2,0%. Os minifúndios em Cáceres têm um tamanho médio de 35,2 ha e no estado é de 38 ha (PREFEITURA MUNICIPAL DE CÁCERES, 2010).

Ressaltamos ainda que somente a partir da década de 1980, ocorreu à implantação de assentamentos rurais, atualmente são 21 nesse território, os quais têm possibilitado aos camponeses gerar alimentos e renda em espaços que antes eram apenas destinados aos grandes latifúndios (SILVA, 2014).

O Núcleo Unitrabalho-Unemat desenvolve um percentual significativo de seus projetos de pesquisa e extensão com esses camponeses e o vínculo com a COOPERSSOL acontece nos processos de formação antes mesmo da própria cooperativa existir.

O processo de mobilização para constituir a COOPERSSOL teve início em 2015 e a ideia inicial era fazer uma cooperativa de natureza mista com a participação de produtores e consumidores. Ocorre que, ao longo da caminhada de mobilização e em decorrência do burocrático processo constitutivo, os produtores não se associaram juridicamente ao empreendimento, mas de forma prática se comprometeram com ele.

E independentemente de não serem sócios cooperados são e se sentem membros desse coletivo, sua parceria em ações concretas no dia a dia os coloca no campo do pertencimento e do comprometimento com esse projeto. E eis o que os participantes responderam ao serem perguntados: “Qual a sua relação com a COOPERSSOL?”

Sou fornecedora e consumidora. (Aucilene)  
Minha relação com a cooperativa é excelente, eu forneço produtos e também consumo produtos de lá. (Mariah)  
Parceiro e pretendo sócio. (Saguio)  
Lá eu exponho meu artesanato para vender. (Jandira)  
Sou fornecedora e consumidora. (Catarina)

Percebemos que, além do compromisso de fornecer, também existe o comprometimento de consumir. E embora a resposta dada ao questionário do *google forms* seja objetiva, e vezes empobrecida da dimensão que tem no cotidiano, dialogando e observando sua interação naquele espaço, compreendemos que existe uma relação de pertencimento, de amizade e de afetividade. Por exemplo, quando o produtor e a produtora chegam à COOPERSSOL para entregar seus produtos há interação tanto com o espaço quanto com as pessoas presentes: eles/elas mesmos organizam seus produtos nas prateleiras, voluntariamente, conversam sobre uma série de assuntos, trocam receitas, informações, etc.

A situação mais corriqueira é a de pessoas irem até a COOPERSSOL apenas para conversar, sem a obrigação de comprar ou vender. Vão para dialogar sobre a vida, sobre política, sobre trabalho, sobre filosofia e assim sucessivamente. Pergunto: o que tem esse espaço que, em tempos tão hostis, agrega pessoas dos mais diversos contextos para dialogar? Acolhida e receptividade explicam isso?

Observamos, nesse período de pandemia, em que estávamos impossibilitados de realizar encontro presencial e as feiras públicas, que a COOPERSSOL foi o espaço de encontro, reencontro, conexão e reconexão desses sujeitos que, a partir da produção, comercialização e consumo dos alimentos se relacionam e compartilham a existência em um espaço comum que, de certo modo, evidencia a diversidade e as contradições desse tempo histórico.

Cáceres é um município de médio porte, com Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, conforme o IBGE de 2010, de 0,708<sup>10</sup>. Segundo especialistas, quanto mais perto de 1 (um) melhor e mais alto é o IDH; e quanto mais próximo de 0 (zero), pior e mais baixo é esse índice, apenas para comparar com o do Brasil que é de 0,759 e dizer que esse índice leva em consideração três critérios importantes: a educação, a saúde e a renda do município ou país. A educação avalia o nível de conhecimento dos munícipes, a saúde, a qualidade de vida destes e a renda, e a qualidade de vida no que se refere à questão econômica da população.

É importante entender que esse índice se refere ao ato de medir e avaliar o desenvolvimento de um município ou país segundo seus aspectos sociais e econômicos quanto à qualidade de vida, renda e escolaridade em nível de comparação global para mensurar o desenvolvimento social dessas unidades populacionais no contexto global.

---

<sup>10</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default\\_territ\\_area.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm).

Nesta pesquisa voltamos nosso olhar para a realidade local e avaliamos a experiência desses sujeitos a partir da produção de suas existências nesse território histórico e de contradições. Em seu processo histórico, esse território tem uma realidade de cultura marcada pelo grande latifúndio, pela monocultura, pela exploração dos recursos naturais, implementação tardia de assentamentos rurais, etc.

Nesse sentido, o que pretendemos fazer nesse espaço tempo com essas pessoas e esse empreendimento, perpassa e exige processo formativo, profundas reflexões, além de muito diálogo, exercício constante da práxis, porque sem isso não há questionamento aos padrões e a cultura da sociedade capitalista. E conseqüentemente, viabilidade da cultura do bem-viver.

A COOPERSSOL tem se destacado no cenário local por possibilitar a comercialização de produtos da agricultura familiar, de artesanato local, extrativistas e de empreendedores familiares. E isso gera renda e oportunidades justamente para aqueles sujeitos que não tinham como comercializar seus produtos nos mercados convencionais da cidade.

Para além disso, é possível contabilizar os ganhos em termos de representatividade, engajamento e mobilização junto aos as entidades para reivindicar políticas de incentivo e reconhecimento de direito para a agricultura familiar e para os empreendimentos da economia solidária.

Passamos a analisar os registros fotográficos que, assim como os documentos revelam as atividades e ações desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos com esse empreendimento.

A fotografia abaixo registra, uma reunião de reivindicação junto ao poder Executivo municipal. Essa agenda foi solicitada no início do atual governo, e realizada quase um ano depois, o que demonstra a falta de prioridade dessa gestão com a pauta da agricultura familiar e economia solidária.

No entanto, as organizações e entidades, COOPERSSOL, FASE/MT, UNEMATE, Centro de Direitos Humanos-CDH, STTR, CRDH e outras persistiram na agenda até que a referida reunião foi marcada.

Entre as reivindicações feitas nessa ocasião uma delas foi o pedido para reestruturação do Conselho Municipal de Economia Solidária – CMES, desarticulado a mais de três anos. Políticas de fomento e fortalecimento da agricultura familiar e das iniciativas da economia solidária, espaços permanente e periódico (espaço nos eventos

organizados pelo município) para comercialização dos produtos e divulgação dos grupos e organizações, entre outras.

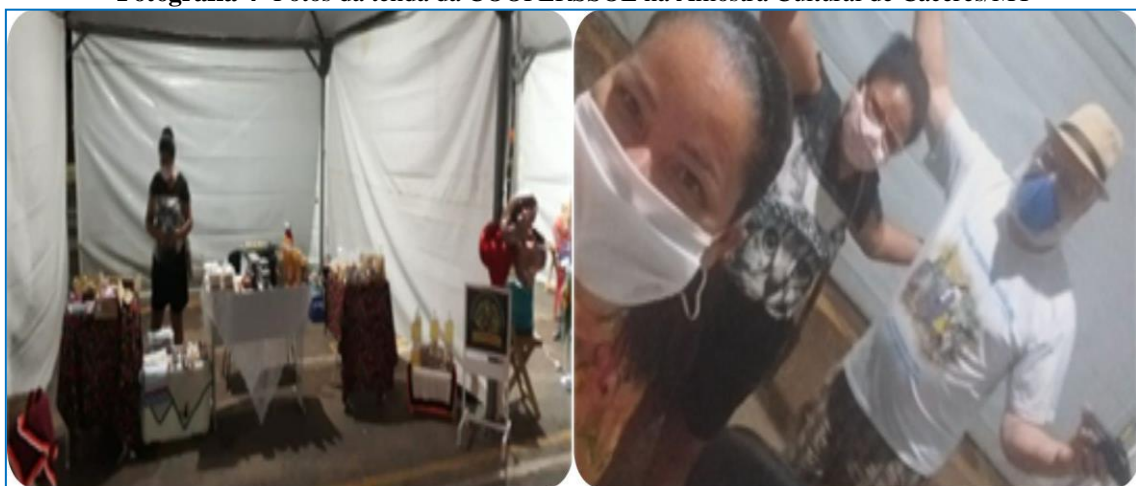
**Fotografia 3-** Reunião das organizações sociais com a administração municipal



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

As imagens a seguir são registro da participação em um evento municipal em que a COOPERSSOL mobilizou grupos e pessoas da agricultura familiar e artesãos/ãs para expor e comercializar seus produtos.

**Fotografia 4-** Fotos da tenda da COOPERSSOL na Amostra Cultural de Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

Veja que, a participação da COOPERSSOL na Amostra Cultural de Cáceres/MT, um evento organizado pela Secretaria de Cultura do município, atendeu a reivindicação feita na reunião com o coletivo acima exposto. Ou seja, essa foi uma



participação em evento público organizado pelo município no qual o mesmo, convidou os empreendimentos da economia solidária para expor e comercializar seus produtos.

É importante registrar que, eventos com esses geralmente contavam com a participação dos artesãos membros da associação local, mas não havia espaço para os empreendimentos da economia familiar e sua diversidade representativa, nem tampouco, para exposição e comercialização dos produtos da agricultura familiar. A participação nesse evento inaugurou um processo de participação desses grupos em espaços antes proibidos para eles. Esse movimento de tirar os marginalizados da margem e trazer para centro, para o campo visível das relações é um movimento de desconstrução do pensamento hegemônico. São ações sutis mas, como um valor simbólico incalculável.

Na sequencia temos fotografias de um evento articulados por entidades e organizações não governamentais no qual a COOPERSSOL participou com parceria, articulação e fornecedor de produtos da agricultura familiar. Esse evento mobilizou um número considerável de organizações que atuaram conjuntamente para, mais uma vez, visibilizar comumente excluídos da sociedade capitalista, mas que são responsáveis, embora não reconhecidos, por alimentar a cidade com o fruto de seu trabalho, bem como, são guardiões das identidades e culturas dos povos da fronteira, dos, indígenas, dos ribeirinhos, dos quilombolas etc.

**Fotografia 5** – Fotos do evento de comemoração ao dia do Rio Paraguai





**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

Nesse evento, organizado por instituição/entidades não governamentais ligadas ao “Humedales Sin Frontera” um programa composto por entidades brasileiras, bolivianas, paraguaias e argentinas, aqui em Cáceres representadas pelo Instituto Gaia e pela Fé e Vida, organização da igreja católica, que organizaram uma programação em comemoração ao “Dia do Rio Paraguai” e ao “Dia do Pantanal”. Entre os eventos tivemos a feira com produtos da agricultura familiar.

A COOPERSSOL articulou junto com a COOPERNOSSASSENHORA do município de Livramento/MT, os indígenas Umutina de Barra do Bugres/MT, os assentados do Florestan Fernandes, Silvio Rodrigues, Margarida Alves, Roseli Nunes, Facão, São José, Vale do Mangaval e outros da baixada cuiabana a chegada dos produtos expostos na feira que aconteceu às margens do Rio Paraguai em Cáceres/MT.

É importante ressaltar que, participações em evento e atividades como essas são extremamente pedagógico, ensina o coletivo a se organizar, a integrar a rede, a se articular com a rede e principalmente a se reconhecer como parte dessa rede, constituída de cooperativas, associações, entidades não governamentais (ONGs), instituições religiosas, organizações internacionais, movimentos sociais etc.

Como exemplo de unidade representativa e integrativa dessa rede de cooperação para o fortalecimento da economia solidária e agricultura familiar temos a UNICAFES, as imagens seguintes são o registro de uma reunião entre COOPERSSOL e UNICAFES.

**Fotografia 6 - Fotos da reunião de articulação com a UNICAFES**



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

Estas fotografias registram a reunião de articulação com os/as representantes da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – UNICAFES/MT, a quem a COOPERSSOL é filiada, uma entidade representativa com quem tem somado esforços para fortalecer da agricultura familiar e economia solidária local e no estado, são momentos formativos, de trocas e fortalecimento do movimento.

Na sequência, temos registros de atividade a campo que, integra cooperados e produtores no processo que vai da organização da produção, colheita e comercialização dos produtos na COOPERSSOL.

**Fotografia 7** – Fotos dos cooperados/as com os agricultores/as em atividades a campo



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020/2021.

São registros realizados com os produtores da agricultura familiar no território da grande Cáceres/MT e região, isso porque temos produtores/as dos Assentamentos Roseli Nunes, Margarida Alves e Silvio Rodrigues que estão localizados na Região do município de Mirassol D'Oeste/MT. A primeira fotografia é um diálogo com os produtores para organiza a produção. A segunda imagem registra a busca dos produtos (hortaliças) diretamente na horta da produtora/fornecedora da COOPERSSOL.

Em processo de articulação como esse, a COOPERSSOL com outras entidades parceira como a UNEMAT, a FASE/MT, o Centro de Tecnologias Alternativas – CTA, o Instituto GAI, e outros, promovem diálogos com os produtores/as da agricultura

familiar na busca por organizar a produção alinhando-a as demandas apresentadas pelos consumidores.

Essa articulação tem como objetivo, incentivar e viabilizar a produção agroecológica, orgânica, extrativista, sem o uso do agrotóxicos, respeitando a produção sazonal, em uma perspectiva sustentável.

Esse processo organizacional ainda é uma desafio para os grupos articuladores e principalmente para os agricultores/as da região, empobrecidos e sem política pública de incentivo se desafiam a uma produção sustentável com pouco ou quase nenhum recurso material.

E mesmo diante das dificuldades existentes, exibem como sorriso no rosto, os frutos de sua produção. As imagens abaixo expõe a satisfação das produtoras em meio a sua plantação de milho e mandioca.

**Fotografia 8** – Fotos das agricultoras com sua produção de milho e mandioca respectivamente



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

Vejam que, as fotografias captam de modo objetivo um momento, que revelam a viabilidade produtiva da terra e das pessoas, que materializam visualmente aquilo que produtores e consumidores experienciam no cotidiano dessas relações. Ir a campo para os cooperados/consumidores é conhecer e reconhecer os produtores/as e seus territórios é dialogar e estabelecer com eles uma relação de proximidade.

Participar de atividades com os produtores em seus territórios também tem essa função, vejam:

**Fotografia 9** - Fotos do evento “Troca de sementes” no Assentamento Vale do Mangaval, Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

Esses são registro da participação da COOPERSSOL no evento: “Festa e Feira de troca de sementes” ocorrido em 23 de outubro de 2021 no Assentamento Vale do Mangaval com a participação das comunidades Laranjeira, Sadia, Paiol, Limoeiro e Tarumã da região de Cáceres/MT, esse evento teve o apoio da FASE, Fundo da Amazônia, Sindicatos dos /das Trabalhadores/as Rurais – STTR e das comunidades rurais, na ocasião além dos debates houve troca de sementes e mudas entre as comunidades. Atividade como essa promove entre outra coisa o reconhecimento dos povos e seus territórios, quais suas demandas na produção e, o que produzem no local? Como comercializam o excedente? Esse diálogo presencial ambientado no espaço como dessas comunidades proporciona aos cooperados/as consumidores o estreitar das

relações, conhecer quem e como produzem o alimento que vai para sua mesa. A aproximação desses sujeitos possibilita a interação comunitária entre o campo e a cidade e o reconhecimento do território comum.

Ir às comunidades dialogarem sobre a temática, “segurança alimentar, sementes crioulas” é um modo de experienciar as práxis, pois o tema não é objeto apenas de reflexão, mas também de ação concreta da COOPERSSOL e seus parceiros de lutas, como veremos no subtítulo seguinte quando, trataremos do projeto com sementes crioulas.

Vejam que, essa vivência soma ganhos que ultrapassam os limites materiais financeiros, e ganham contornos muito mais valiosos para a comunidade local. Tudo isso é a viva expressão de um processo corroborativo de uma prática social humanizadora. Isso não tem preço, tem valor humano e humanizador.

## **4 A RELAÇÃO CONSUMIDOR/PRODUTOR NO PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS EXPERIÊNCIAS DE CONSUMO SOLIDÁRIO E SUSTENTÁVEL**

### **4.1 A COOPERSSOL como espaço de práticas pedagógicas**

Nessa subseção trabalhamos, fundamentalmente, com dois conceitos-chave: espaço pedagógico e práticas pedagógicas.

É importante, portanto, ressaltar que a COOPERSSOL é um espaço criado em um contexto de formação e extensão universitária, ou melhor, de extensão popular que se substancia materialmente em um espaço não formal, com natureza educativa por ser um lugar onde se vivenciam processos educacionais e práticas pedagógicas.

Nesse momento, cabe uma breve reflexão sobre os termos “extensão universitária” e “extensão popular”, evidenciando nossa escolha pela utilização do segundo termo em nossa pesquisa. A “extensão universitária”, entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e que viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. E a expressão “extensão popular” propõe a superação desse modelo e de valores educacionais, e é encarada como um “trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir da realidade e sobre essa realidade objetiva, produzindo conhecimento que visam à transformação social” (Fórum de Pró-Reitores *apud* NETO, 2014, p. 41).

Para Melo Neto (2019),

A construção dessa perspectiva teórico-prática cobra uma caracterização, mesmo tênue, do tipo de sociedade que se deseja superar e as suas políticas dominantes. Dessa forma, urge um olhar crítico sobre aquilo que se está vivenciando e, assim, abre-se a possibilidade de ações na perspectiva coletiva de sua superação, a partir de uma melhor compreensão do mundo que se vive (MELO NETO, 2019, p. 36).

Compreender o mundo que se vive é fundamental e imprescindível para entender, entre outras coisas, que a formação acadêmica sem a prática social do trabalho é um processo de alienação dos sujeitos, futuros trabalhadores/as, que irão exercer suas profissões sem conhecer sua realidade social e sem implicação com a coletividade a qual pertence.

Como isso, afirmamos que, o que a Unitrabalho-Unemat tem buscado fomentar como seus projetos de extensão, é esse processo interativo de educação e trabalho entre



academia e sociedade. Promovendo com isso, o pensamento crítico dos sujeitos envolvidos, em relação à realidade e as suas práticas sociais.

O trabalho, em sua perspectiva educacional, ocupa um papel central nesse processo porque tem o condão de ligar o ensino e a pesquisa à realidade, ao mesmo tempo em que promove reflexão sobre as práticas acadêmicas de docentes e estudantes para um ensino crítico, não alienado e comprometido com a sociedade.

A COOPERSSOL é um exemplo desse processo educativo que une academia e sociedade em torno de um objetivo comum para repensar a existência coletiva nesse modelo social no qual estamos inseridos.

A experiência com a COOPERSSOL, espaço de comercialização organizado com perspectivas distintas ao do mercado capitalista, vem buscando fomentar a interação entre produtores e consumidores no sentido de que juntos possam experimentar e fazer trocas de saberes que promovam e aperfeiçoem práticas de produção responsável e sustentável e de consumo como ato político crítico e consciente das suas interligações educativas e culturais.

Nesse sentido, observamos que diálogos formativos, com temáticas sobre agroecologia, agrofloresta, produção sustentável, segurança alimentar, sementes crioulas, orgânicos etc., têm ultrapassado os limites da fala/debates e se estendido às práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos.

Ao serem questionados sobre os temas: agroecologia e agrofloresta, obtivemos as seguintes respostas dos produtores,

“A agrofloresta é um sistema que une as culturas de consórcio de plantas com floresta e recupera a floresta também, é um consórcio de planta com floresta né” (Aucilene).

“Agroecologia produção de alimentos de forma sustentável e sem agredir o meio ambiente. Agrofloresta é a produção de alimentos de forma sustentável e agroecológica em consórcio com a floresta nativa sem precisar derrubar uma planta para plantar outra. Ex. cacau, cupuaçu e outras variedades que se adaptam em consórcio com outras plantas” (Adriano).

“A agroecologia é você produzir tendo os cuidados com o solo com a água que garanta a continuidade da produção e não contamine as águas. E a agrofloresta é muito importante para agroecologia porque através das árvores temos a cobertura do solo, nutrição etc.” (Mariah).

“Agroecologia é uma ciência, que se desenvolve articulada com uma proposta, método, um modelo produtivo e em forma de um movimento político de sociedade. Já a agrofloresta é um sistema produtivo que se encaixa dentro da agroecologia” (Sagio).

As respostas dos/as produtores/as demonstram familiaridade e compreensão sobre a temática, o que nos remete a dois elementos importantes: o primeiro relacionado ao processo formativo educativo desses sujeitos; o segundo, ao aspecto cultural de trabalho, produção e manejo da terra.

É importante ressaltar que os sujeitos da pesquisa são pequenos produtores assentados da reforma agrária, muitos deles têm sua reserva produtiva em áreas degradadas, que antes eram de pastagem e o solo precisou passar por um processo de recuperação.

Esses produtores produzem para subsistência e comercializam o excedente. A relação que têm com a terra e com o processo produtivo é objetivamente distinto da produção em alta escala das monoculturas. O trabalho por eles realizado nesses espaços produtivos tem natureza significativa e qualitativa para si e para a comunidade à qual pertencem.

Para Marx (1983), é,

o processo de trabalho como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana [...] (MARX, 1983, p. 153).

O que os sujeitos dessa pesquisa têm buscado experienciar constituindo essas relações e interações nesse empreendimento, é a transformação social, possível e viável no espaço tempo em que estão. Desse modo, as práticas pedagógicas, consideradas práticas sociais complexas, as quais, no espaço escolar exige planejamento, método e sistematização, no espaço da COOPERSSOL adota a dinâmica dos movimentos sociais, na perspectiva da educação solidária. E o que isso significa?

Nessa análise, podemos dizer que o processo de interação e diálogo desses sujeitos, ao refletirem sobre seus espaços e realidade local, do cotidiano, apresentam demandas, as quais são transformadas em temas geradores e, a partir desses, são pensadas e articuladas ações concretas. Essas ações apresentam planejamento e métodos alinhados ao saber-fazer das pessoas envolvidas.

Nessa experiência, as relações se desenvolvem de modo horizontal e entre a diversidade de saberes de professores/as, de produtores/as, consumidores/as, estudantes e profissionais das diversas áreas de formação, pois, nesse processo, são todos aprendizes.

O projeto “Sementes Crioulas” é um bom exemplo dessa prática pedagógica. Em 2020, no auge da pandemia do covid-19, com o distanciamento social, os diálogos nos grupos de *WhatsApp*, que reúne uma diversidade de sujeitos, se intensificaram e em dado momento falou-se sobre o enfraquecimento e a dificuldade de conseguir as sementes para o plantio. Desse debate surgiu o tema “Segurança Alimentar”, e a partir dele foi elaborado o projeto “Sementes Crioulas”, como forma de prevenir ou minimizar uma possível e iminente crise alimentar.

Esse tema, em foco no Brasil e no mundo já há algum tempo, foi percebido como demanda local com base na realidade vivida por esse grupo de sujeitos nesse tempo espaço comum.

A COOPERSSOL, em parceria com a Fase/MT, Instituto Gaia e comunidades indígenas e agricultores/as familiares viabilizou a aquisição das sementes crioulas de arroz, milho, feijão, mandioca e amendoim. As referidas sementes foram distribuídas entre os agricultores para o plantio em suas terras, com o compromisso de, ao colher a produção, devolver uma pequena parte para a cooperativa redistribuí-la entre outros produtores. Nessa retroalimentação, a cada ano haveria mais pessoas plantando essas sementes e, conseqüentemente, em áreas maiores. O objetivo do projeto era o de colaborar com as comunidades rurais no processo de resgate e produção de alimentos com as sementes crioulas, viabilizado pelo sistema de troca. Com os resultados desse projeto, em 2021 já foi possível consumir produtos dessas sementes e ampliar o acesso às áreas plantadas com sementes crioulas.

**Fotografia 10** - Sementes de arroz e rama de mandioca.





**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020.

O papel da COOPERSSOL, nesse projeto, era de articular a aquisição e distribuição dessas sementes entre os/as produtores/as e, tendo o fruto, também fazer a comercialização.

As fotografias acima registram a aquisição da semente do arroz vindas de um grupo de indígenas da região de Barra do Bugres/MT, comunidade Umutina, essas sementes foram entregues aos agricultores/as em Cáceres/MT e região para plantio em suas áreas cultiváveis.

**Fotografia 11 - Colheita do arroz**





**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020.

Aqui temos o registro feito pelos próprios produtores da colheita do arroz recebido pelo projeto “Sementes Crioulas”.

O importante nessa dinâmica é identificar, nesse processo, os elementos constitutivos dessa ciranda educacional e cultural que esses grupos têm viabilizado para ressignificar as relações coletivas.

É no cotidiano desse percurso, não livre de agruras, que vão surgindo, numa frequência abismal, as seguintes questões: o pouco comprometimento dos sujeitos, a competição nas relações, a concorrência do mercado, a fadiga da luta, a descrença na causa etc.

É no processo que esses óbices se apresentam interna e externamente ao grupo e os desafia. A reflexão precisa ser constante, apreender a realidade e lidar com o quê, o como e o porquê de cada coisa/situação, e ensina o grupo a buscar elementos que o ajudem a superar as demandas insurgentes.

Na condição de empreendimento econômico solidário, a COOPERSSOL agrega em si três grupos de pessoas, sujeitos desta pesquisa: os/as cooperados/as, os/as agricultores/as e os/as consumidores/as. Esses sujeitos se relacionam no âmbito da cooperativa e fora dela em maior e ou menor frequência.

E no período da Pandemia do COVID-19, que colocou o mundo inteiro em alerta e em distanciamento social, medida de proteção necessária para minimizar a propagação do contágio pelo referido vírus, foi também decisivo para encontrar alternativas para continuar viabilizando a comercialização e o consumo solidário de modo seguro e viável na COOPERSSOL.

É importante ressaltar que, a COOPERSSOL é um empreendimento econômico solidário que tem como objetivo desenvolver concepções e práticas sociais fundamentadas nos princípios da economia solidária e da agroecologia, tendo como valores orientadores a cooperação, a mutualidade e a comercialização solidária.

Nesse sentido, sensíveis aos reflexos da crise sanitária na vida das pessoas, foram necessários redefinir ações e atuações para não fechar as portas e para exercer sua missão nesse espaço comum.

Logo o envolvimento em campanhas de solidariedade a grupos populares para atender demandas urgentes no cenário pandêmico exigiu uma atuação em rede de cooperação com: UNEMAT, UNITRABALHO, IFMT, FASE, CTA, Instituto Gaia, Centro de Direitos Humanos, Instituto Federal de Cáceres/MT, ADUNEMAT, SINASEFE, FAINDI, Diocese de Cáceres, STTR, Pastorais Sociais entre outras entidades e instituições, que articularam campanhas de solidariedade e promoção do bem-viver, de março a dezembro/2020.

A primeira ideia foi à implementação das cestas quinzenais de produtos da agricultura familiar para os cooperados e consumidores. Que tinha como objetivo, movimentar o caixa da cooperativa, vender os produtos agroecológicos, motivar e fidelizar o consumo dos cooperados na cooperativa e gerar rendas para os produtores que estavam impedidos de vender seus produtos diretamente por conta da suspensão das feiras populares.

No ano de 2020 foi três edições das cestas como produtos da agricultura familiar como resultados financeiros no caixa da cooperativa, uma soma de \$ 5.890,39: 1ª Edição da Cesta – caixa \$ 2.332,91; 2ª Edição da Cesta – caixa \$ 2.092,88 e 3ª Edição da Cesta – caixa \$ 1.464,60, respectivamente.

Os ganhos coletivos foram maiores, comida de qualidade na mesa dos consumidores e agricultores/as como renda, um espaço de comercialização da produção.

**Fotografia 12** - Produtos vindos da ARPA para confecção das cestas.



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020.

A segunda ideia foram as Campanhas de solidariedade com a entrega de Material de Higiene e Máscaras a população de baixa renda, Entidades, Instituições, Grupo de pessoas, Unidades Públicas de serviço de Saúde, Segurança, entre outras. Nessa ação mais de 4.500 pessoas na cidade de Cáceres/MT foram beneficiadas recebendo principalmente álcool em gel produzido pelo IFMT, máscaras e sabão líquido.

**Fotografia 13** - Entrega de kits de higiene na UBS – Bairro Jardim Guanabara



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020.

Na sequência teve a Campanha de solidariedade ao **Povo Indígena Chiquitano** – 1ª Parte. Setembro e outubro/2020, beneficiou com cestas básicas, álcool gel e máscaras grupos de famílias chiquitanos nos municípios de Porto Esperidião/MT - 18 famílias do Bairro Aeroporto, 27 da Vila Nova Barbecho, 70 nas quatro aldeias do Portal do Encantado; Vila Bela/MT - Comunidade Aparecida, 11 famílias, Pescaria 01 família, Bocaina 35 famílias, Associação Chik Bela 100 famílias e parte das 90 famílias da Organização Chiquitana Aeroporto (OCA).



**Fotografia 14-** Entrega das cestas básicas no Centro Comunitário São Jerônimo no Bairro Empa de Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2020

**Fotografia 15 -** Entrega das cestas básicas a comunidade do EMPA em Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2020.

Campanha de solidariedade ao Povo Chiquitano – 2ª Parte. Novembro e Dezembro/2020.

Outra campanha de solidariedade às famílias do Acampamento Renascer em Cáceres/MT foi arrecadada na COOPERSSOL: alimentos, quites de higiene, roupas usadas e lonas novas.

É importante ressaltar que, essas campanhas de arrecadação e doação de alimentos e materiais de higiene e outros, realizadas nesse período de pandemia, foram

ações emergenciais para atender a demanda de grupos de sujeitos em situação vulnerável e para denunciar as condições de desigualdade da sociedade capitalista, e levar essa temática para o campo da reflexão e percepção acrítica da realidade.

**Fotografia 16** - Entre das doações no Acampamento Renascer



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2020.

Ainda no período de pandemia do covid-19, realizaram o evento “Galinhada COOPERSSOL” em 05/12/2020, foi um evento promocional e de socialização dos cooperados e consumidores com a finalidade de movimento de caixa para pagar contas (energia, aluguel etc.) e promover a socialização obedecendo às normas de segurança.

**Fotografia 17** - Fotos dos preparativos da galinhada gerenciada por D. Dionice<sup>11</sup>.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2020.

O evento mobilizou produtores, consumidores, cooperados e diretoria de uma forma muito interessante, cada um contribuiu com o que foi possível, com doações em produtos, dinheiros e serviço. O envolvimento dos voluntários nas comissões de trabalho: venda e controle dos cartões e entrega dos combos, cozinha, infraestrutura, gerou uma atmosfera sensacional de cooperação e solidariedade.

O resultado econômico foi fundamental para que dezembro/2020 e janeiro/2021 não ficassem com saldos negativos, e ainda resultando no pagamento de quase todas as despesas fixas da COOPERSSOL.

Com a continuação da crise sanitária no ano de 2021, a responsabilidade da COOPERSSOL só aumentou, pois com a pandemia veio também o aumento da fome, do desemprego e do empobrecimento da classe trabalhadora.

Mais esforços e processos criativos para a COOPERSSOL manter as portas abertas e desempenhando seu papel de articulação e solidariedade a comunidade local.

Era preciso superar o distanciamento social obrigatório, sem, contudo, infringir as normas sanitárias, manter as atividades sem colocar em risco a vida e a saúde das pessoas. E definitivamente essa não foi uma tarefa fácil.

---

<sup>11</sup> Dionice é produtora/fornecedora da COOPERSSOL, é cervejeira do grupo de mulheres que produz a cerveja da marca “Crioula” no Assentamento Roseli Nunes, território de Mirassol D’Oeste/MT.

Novas campanhas de solidariedades às comunidades foram feitas no ano de 2021, com doação de alimentos a famílias do EMPA, do Assentamento Cascalheira e água (caminhões pipa), e material para construção de poço na comunidade do Assentamento Renascer.

**Fotografia 18** - Doação de alimentos e material para construção de um poço no Assentamento Renascer – Cáceres/MT





**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2021.

**Fotografia 19 -** Doação de alimentos da cesta básica na comunidade do Empa – Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

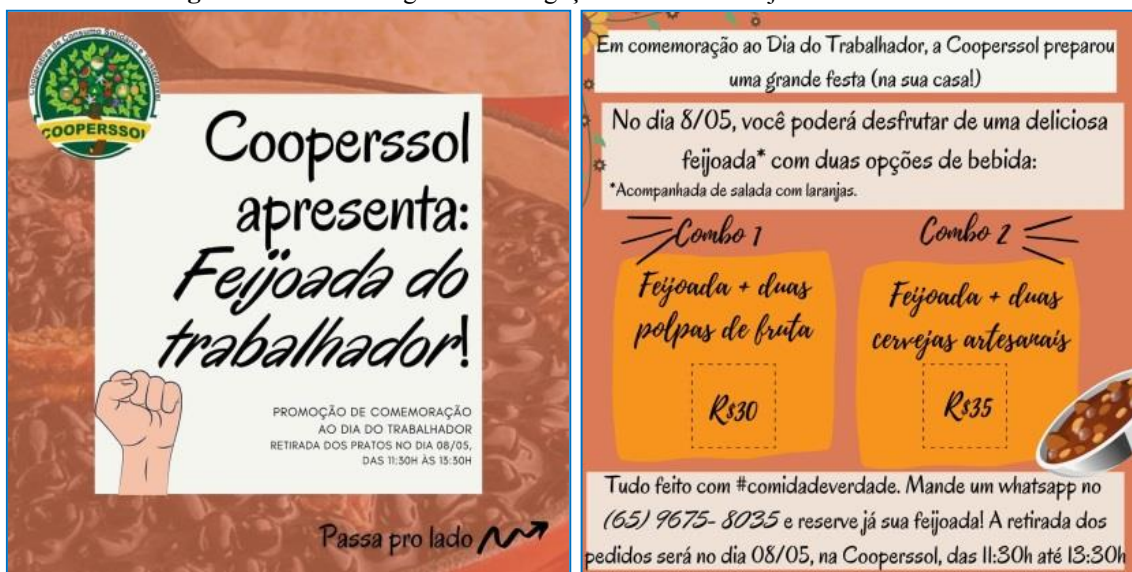
**Fotografia 20** - Doação de alimentos da cesta básica no Assentamento Cascalheira no município de Cáceres/MT



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2021.

Em maio/2021 realizamos mais um evento de sociabilização e movimento do caixa da cooperativa, “A feijoada do Trabalhador”, um evento similar a “Galinhada da COOPERSSOL” realizado no ano anterior, mobilizou diretoria, cooperados/as, consumidores/as e produtores/as para a venda dos combos: feijoada e cervejas artesanais, a Crioula produzida por um grupo de mulheres do Assentamento Roseli Nunes e Cabocla Serrana produzida por outro grupo de mulheres na região do Facão.

**Fotografia 21** - Carde digital de divulgação do evento “Feijoada do Trabalhador”



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2021.

O evento foi divulgado nas redes sociais da cooperativa e dos associados, teve ampla exposição e todos os cartões foram vendidos, mais uma vez o retorno financeiro ajudou para pagar as contas da loja. E promoveu um encontro e reencontros dos sujeitos.

**Fotografia 22** - Pessoas na frente da COOPERSSOL aguardando a entrega da feijoada



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2021.

É importante ressaltar que, essas atividades são pedagógicas, o movimento solidário, o trabalho cooperado é a tradução de práticas sociais que ensinam as

comunidades a viverem em unidade, em mútua ajuda e experimentando múltiplas formas de aprendizagem da vida prática em um grupo tão diverso.

#### 4.1.1 As práticas de produção, comercialização e consumo solidário

Neste tópico abordamos os eixos: produção, comercialização, consumo, na perspectiva da sustentabilidade, da solidariedade e da cooperação, três palavras que, na língua portuguesa pertencem à classe gramatical de substantivo feminino, ou seja, é aquilo que dá significado à substância. Na práxis vivenciada no âmbito da COOPERSSOL, essas palavras estão incorporadas também como elementos indissociáveis, porque trazem consigo a essencialidade daquilo que se faz nesse processo de interação.

Também é possível questionar: se a COOPERSSOL, como espaço de comercialização, é um lugar de articulação, mobilização para a produção sustentável e o consumo solidário, promove a interação de grupos e sujeitos com objetivos e valores comuns?

Para responder a essa questão dispomos dos dados coletados na pesquisa. Inicialmente com o quadro de caracterização dos sujeitos por categorias objetivas, vejamos:

**Quadro 2** - Caracterização dos sujeitos da pesquisa

<b>Naturalidade</b>	<b>Cooperados</b>	<b>Produtores</b>	<b>Consumidores</b>
Paraná/PA	0	1	1
Mato Grosso do Sul/MS	0	1	0
Mato Grosso/MT	8	8	6
São Paulo/SP	2	2	2
Bahia/BA	0	0	1
Paraíba/PB	1	0	0
Goiás/GO	2	0	0
Minas Gerais/MG	1	0	0
Sergipe/SE	0	0	1
Rio Grande do Sul/RS	1	0	0
<b>TOTAL</b>	15	12	11
<b>Gênero</b>			
Mulheres	7	8	7
Homens	8	4	4



TOTAL	15	12	11
<b>Faixa etária</b>			
20 a 40	4	2	3
41 a 50	0	4	2
51 a 60	10	3	2
61 a 80	1	3	4
TOTAL	15	12	11
<b>Escolaridade</b>			
Fundamental	0	4	1
Médio	0	3	0
Superior	15	5	10
TOTAL	15	12	11
<b>Grupo familiar</b>			
Uma pessoa	2		2
Duas pessoas	1	5	4
Três pessoas	6	4	3
Quatro pessoas	4	1	1
Acima de quatro pessoas	2	2	1
TOTAL	15	12	11

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2021.

Foram selecionadas cinco características gerais e objetivas para fazer uma breve identificação dos três grupos de sujeitos da pesquisa. Olhando para esses dados identificamos que a maioria dos três grupos é natural do Estado de Mato Grosso/MT, embora apareça nessa mesma amostragem pessoas vindas de nove estados diferente do território nacional. O primeiro indicativo da diversidade cultural desses sujeitos. Quando analisamos os dados em relação ao “gênero” temos uma participação expressiva das mulheres nos três grupos. Em relação ao critério “faixa etária”, os grupos são constituídos predominantemente por adulto, e em menor expressão jovens e idosos nos três grupos. Quando se refere ao item “escolaridade”, a expressiva maioria tem ensino superior, nos três grupos. Esse é um dado relevante sobre a educação, pois revelar nesse contexto, o reflexo da interação universidade-comunidade, da extensão popular. Isso porque, parte significativa desses sujeitos se conheceu, em contextos de formação, viabilizados pelo Núcleo Unitrabalho.

Continuando a análise dos dados, agora com as falas dos sujeitos sobre sua relação com a COOPERSSOL.

Para tanto, perguntamos a cada grupo qual sua relação/ação/interação com aquele espaço e o que representava para eles. Por exemplo, perguntamos aos consumidores: “*Para você, o que a COOPERSSOL representa?*”

E obtivemos as seguintes respostas,

“Uma possibilidade de contribuir com um novo sistema de consumo baseado na sustentabilidade e solidariedade” (Renata).

“Uma alternativa de consumo de produtos frescos, sem agrotóxicos, e direito do produtor, bem como, um meio de fortalecer os pequenos agricultores da região e a economia sócio solidária” (Iraci).

“Um meio de cooperação para o desenvolvimento de atividades solidárias para uma economia sustentável” (José).

“Representa o fortalecimento da agricultura familiar na região de Cáceres e ao mesmo tempo mais saúde e qualidade de vida àqueles que consomem seus produtos” (Cristiane).

“Um espaço de solidário, responsável de ajuda e consciência política participativa” (Lygia).

Vejam os elementos que essas falas nos revelam sobre o ato de consumo na COOPERSSOL: “sustentabilidade, solidariedade, fortalecimento dos pequenos agricultores da região, economia sustentável, consciência política e participativa”. Manifestam valor comum, consciência política e condição de escolha.

Aos produtores perguntamos: *Você entende, sabe, como funciona uma cooperativa?*

“A cooperativa de consumo solidário que não visa só o lucro, mas também viabilidade de vendas de produtos da agricultura familiar e uma aproximação de produtor e consumidor” (Adriano).

“Sim, a cooperativa tem vários segmentos, igual a que eu participo, a COOPERSSOL, tem os segmentos de compra e venda, a compra justa e a venda pelo preço justo e além disso tem a parte solidária, de ações solidárias de promoção social” (Mariah).

“É um espaço para o pequeno vender seus produtos sem atravessadores. E para minha empresa foi e é uma oportunidade, porque os grandes mercados compram produtos de grandes empresas e não dão espaço para o pequeno” (Thais<sup>12</sup>)

“O que eu sei da COOPERSSOL é uma cooperativa de consumidores que são solidários e que se propuseram a fazer parte desse projeto para comprar esses produtos mais saudáveis, da agricultura familiar, produtos agroecológicos, da agrofloresta, justamente para estimular e gerar renda para essas famílias, para esses pequenos agricultores” (Bernadete).

---

<sup>12</sup> Thais de Carvalho Sabino, é membro de microempresa familiar de embutidos de carnes suínas, aves e ovinos. “Carnes Estrela”.

Encontramos nessas respostas elementos como: aproximação entre produtor e consumidor, preço justo, inclusão dos pequenos produtores, e venda de produtos saudáveis. Aqui temos o reflexo de relações dialógicas, de práxis, de pertencimento e de valorização e reconhecimentos das pessoas.

Aos cooperados perguntamos: *“Qual o seu papel na COOPERSSOL?”*

“Consumidor solidário e membro associado” (Mendes).

“Desenvolver práticas solidárias que visão trazer princípios da economia solidária, da agroecologia, da cooperação e da comercialização solidária” (Felix).

“Eu faço parte como sócio da COOPERSSOL. E como sócio procuro colaborar pelo melhor desenvolvimento da cooperativa. Também procuro interagir com os produtores/as” (Aparecido).

“Além de participação como sócia (que deveria envolver atividades desde o planejamento até a execução e avaliação dos objetivos propostos), hoje sou membro do conselho fiscal” (Heloisa).

Foram três perguntas diferentes feitas aos integrantes dos três grupos de sujeitos que compuseram esta pesquisa. E cada uma delas contém elementos capazes de responder as questões acima expostas de modo contundente e esclarecedor. As respostas ratificam os termos que apresentamos inicialmente como perspectiva essencial dessa experiência.

Os termos: sustentabilidade, solidariedade e cooperação são elementos que fundamentam essa experiência. Ou seja, produção, comercialização e consumo são praticados por esses sujeitos que têm esses princípios como base fundamental de suas práticas.

É possível identificar a correlação desses elementos nas respostas obtidas em cada uma das perguntas. Quando perguntamos ao consumidor porque ele consome na COOPERSSOL, ouvimos: “porque é um meio de cooperação para o desenvolvimento de atividades solidárias para uma economia sustentável”. Quando perguntamos ao produtor sobre como funciona a cooperativa, obtivemos a seguinte resposta: “... uma cooperativa de consumidores que são solidários e que se propuseram a fazer parte desse projeto para comprar esses produtos mais saudáveis, da agricultura familiar, produtos agroecológicos, da agrofloresta, justamente para estimular e gerar renda para essas famílias...”; e, finalmente, quando perguntamos ao cooperado qual o papel dele na cooperativa obtivemos a seguinte resposta: “desenvolver práticas solidárias que virão

trazer princípios da economia solidária, da agroecologia, da cooperação e da comercialização solidária”.

As respostas revelam compreensão e assimilação dos elementos, e também afinidade de propósito/objetivo comum. E, mesmo assim, identificamos que a resposta escrita não contempla toda a dimensão que a prática revela. Esses sujeitos, nesse processo de interação, manifestam, no cotidiano, um modo de ser e fazer a revolução pacífica; refletem a realidade concreta, se opõem a ela com atitudes, e fazem isso de modo pacífico, ordeiro e até poético. Mas nem por isso é menos revolucionário. Portanto, o que afirmamos com a pesquisa é que essa experiência revela o protagonismo de um povo que luta desde sempre, e luta porque não se acomoda aos modelos de sujeição que lhe são colocados ao longo da história. Luta porque acredita na mudança, mesmo que essas mudanças sejam uma utopia, dificilmente desfrutada plenamente pelos que lutam hoje. Isto porque os/as lutadores/as de hoje são semeadores/as, do mesmo modo que foram os que lutaram antes e em outros tempos históricos.

É nesse processo de luta, no campo educacional, político, econômico e cultural que se faz a semeadura para a cultura do bem-viver.

E essas semeaduras muitas vezes são experiências pequenas, até sutis, como por exemplo: a busca por espaços de comercialização solidária no mundo digital. A COOPERSSOL firmou parceria com o CTA no projeto “Caminhos da Agroecologia – Rota de comercialização” para por meio de um aplicativo digital fazer vendas *online* a consumidores solidários que estivessem nos territórios que vai do município de Pontes e Lacerda/MT até a capital Cuiabá/MT.

A COOPERSSOL participou dessa experiência junto com o CTA (gerenciador do projeto e do aplicativo) de maio a dezembro/2021, fornecendo produtos para as compras realizadas via aplicativo, feitas por consumidores/as solidários/as dessa expansão territorial, que faziam seus pedidos pelo aplicativo e o recebia em sua casa.

Um dos objetivos dessa experiência foi viabilizar a comercialização da produção da agricultura familiar com o alcance de mais pessoas e em mais municípios. Só que a Rota tinha custos que ao longo daquele ano as vendas não cobriram.

Essa experiência foi suspensa no ano seguinte e debates foram retomados para pensar estratégias de viabilidade e sustentabilidade da “Rota de Comercialização Agroecológica”. O projeto mostrou os desafios e as possibilidades, que precisam ser refletidos e repensados para que esse canal de comercialização funcione. Tais como: a venda *online* é viável do ponto de vista da acessibilidade dos consumidores aos

produtos da agroecologia, só que exige regularidade e valor mínimo para a compra, maior número de consumidores etc.; a extensão territorial pode ser um gargalo se não houver estrutura material adequada no transporte dos produtos, principalmente dos produtos frescos perecíveis; a estrutura da produção também requer organização e planejamento para expor o produto para a venda. Entre outros desafios que foram identificados e precisam ser superados. Isso envolve mobilização e trabalho cooperado de todos os grupos envolvidos nesse projeto.

Outro exemplo de busca por novos canais de comercialização, que a COOPERSSOL também participou foi a de compras coletivas, uma experiência no projeto “Terra Limpa” organizada pela UNEMAT do Campus de Sinop/MT. O projeto articulava produtores/fornecedores com produção orgânica, agroecológica e da economia solidária e consumidores, em um aplicativo disponibilizava produtos para compras *online* os consumidores compravam e recebiam os produtos em suas cidades de origem. Como projeto era viabilizado pela UNEMAT e FAEPEN, os fornecedores tinham que estar regularizado e cumprir todas as normas legais para disponibilizar produtos para a compra coletiva que mobilizava empreendimentos em vários municípios do estado. Ou seja, ter CNPJ e inscrição estadual, a COOPERSSOL viabilizou a disponibilização para venda apenas do mel de abelha e própolis, pois eram os únicos produtos que cumpria as exigências pelo projeto.

**Fotografia 23** - Logo do projeto e organizações articuladas



**Fonte:** Acervo do projeto “Terra Limpa”, 2021.

Participar dessa experiência ensinou aos sujeitos da COOPERSSOL a refletir comercialização solidária percebendo os limites impostos pelo sistema do mercado capitalista ao mesmo tempo em que se conecta com a atuação em rede entendendo a força desse movimento.

Quando o campo popular começa a falar em Rede, a construir Rede e a integrar Rede, está criando espaços e dispondo de recursos para a circulação consciente, nesse novo contexto do mundo globalizado e veloz, sem abrir mão de suas conquistas, de suas capacidades de decisão, de sua forma de praticar a resistência às relações de poder fundadas na referida exploração, opressão e dominação. Está encontrando formas de tomar as rédeas do tempo/espaço, promovendo um movimento que integra pessoas, lugares e propósitos. Está se opondo também ao individualismo a que hoje as pessoas são induzidas (Quem é a Rede, CONTAG/2013-2017. p.21).

Nesse sentido, é que toda experiência vivenciada nesse processo é pedagógica porque ensina aos sujeitos a compreender as situações limitantes e, compreendendo-as os ensina a abrir caminhos de possibilidades. E isso não ocorre de modo instantâneo, o aprendizado é processual, entre tentativas, erros, acertos, ação e reflexão.

#### **4.1.1.1 Como se constitui a relação para a cultura do bem-viver?**

Para aprimorar essa reflexão sobre a cultura do bem-viver traçaremos um breve paralelo entre esta e a cultura capitalista.

Sob a ótica marxista, a sociedade capitalista é uma engrenagem ardilosa que funciona para promover a alienação dos sujeitos. O processo de alienação tem como pilar a propriedade privada e a divisão do trabalho, ou seja, juntos fundamentam e produzem a alienação. Isso porque divide homens e mulheres entre os que possuem bens e os que não possuem, e o simples fato de não possuírem os tornam “objetos” exploráveis. Na divisão do trabalho ocorre algo similar, pois há a negação da condição natural e universal do sujeito, que, ao ser inserido em um quadro de alienação do trabalho, aliena-se de suas ações, sentidos e pensamentos passa a considerar um objeto como seu apenas quando o tem, portanto, quando existe para si como capital, ou seja, “quando é diretamente comido, bebido, vestido, habitado etc. Em síntese, quando é utilizado de alguma forma” (MARX, 1975, p.58).

Em síntese, a sociedade capitalista maneja instrumentos e estratégia de submissão, divisão, negação da humanidade, subversão da condição natural e universal dos sujeitos e na deturpação dos valores humanos. E nesse processo de coisificação e

sujeição humana, as pessoas continuam perdendo a capacidade de ser e de se relacionar com os outros numa perspectiva respeitosa, solidária e humanizadora.

A cultura do bem-viver se opõe a esse modo de existir no mundo. E busca resgatar valores e princípios que orienta a existência humana em relações capazes de promover processos transformadores para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. Nesse sentido, a COOPERSSOL tem buscado estabelecer relações que sejam o reflexo da cultura do bem-viver.

A presente pesquisa também revelou que os sujeitos envolvidos se relacionam em uma dinâmica de ressignificação da vida comum. Ou seja, há uma comunhão entre o que fazem e o que aprendem juntos para fazer melhor para si e para os outros.

Em observação e interação na cooperativa a seguinte pergunta foi lançada aos sujeitos que permaneceram no espaço por algum tempo, vejamos: O que a/o faz interagir nesse ambiente de comercialização com tanta familiaridade e espontaneidade?

Respostas,

**Sujeito 01:** “Aqui na COOPERSSOL é um lugar muito simples, todo mundo conversa com todo mundo, tem uns que já conheço há muito tempo: como o professor João Ivo, outro estou conhecendo agora, são pessoas legais, divertidas, agente compra coisas boas e ainda dá boas risadas. Compro produto sempre fresquinho, vejo quando chega, aí já venho logo. Eu participo de tudo que eles fazem, empresto as coisas, o que precisarem se eu tiver, empresto! Sempre devolvem direitinho”.

**Sujeito 02:** “Sabe que eu não tinha para pensar nisso ainda, verdade! Eu gosto de vir aqui para prostrar um pouco, aí tomo uma cerveja, encontro pessoas, um povo bom de prosa e quando vejo já se foram horas, ninguém me manda embora (risos), falamos sobre as mais variados temas de política a vida íntima, tudo vira debate para repensar a vida. Daqui surgem muitas ideias e projetos que dá sentido a vida”.

**Sujeito 03:** “A COOPERSSOL é nossa cooperativa, assim eu não sou cooperada ainda, mas sou produtora e fornecedora, então é como se fosse minha também, chego aqui arrumo meus produtos na prateleira, e as meninas vendem, nessa pandemia foi ela quem nos salvou, ter um lugar para vender nossos produtos, quando muitos fecharam as portas. A cooperativa nos acolheu mesmo em dificuldade nos ajudou e nós, ajudamos também, porque é assim que funciona uma ajudando o outro para prosperar junto”.<sup>13</sup>

As falas nos revelam relações sociais baseadas na confiança, no respeito, na amizade, na solidariedade, na cooperação, etc. São valores que revelam as raízes das convivências comunitárias, que constrói vínculos indenitários com o que fazemos e desejamos ver no mundo.

---

<sup>13</sup> Falas de pessoas que estiveram na COOPERSSOL entre os dias 07/04 a 08/05/2021.

#### 4.1.1.1 A experiência com a cultura do prossumidor

A ideia de experienciar a cultura do prossumidor surge a partir da proximidade e da interação entre produtor/a e consumidores/as na COOPERSSOL espaço de comercialização e que se estende aos sujeitos moradores desse território.

Nesse processo de conhecer e reconhecer o outro e o local onde ele vive possibilita estabelecer diálogos e refletir sobre sua cultura alimentar, sobre os processos de produção e consumo, entre outros, o que viabiliza o intercâmbio entre demandas e produção, e, assim, um ajuste coerente entre ambos.

O que se pretende, ao viabilizar a proximidade entre quem produz e quem consome, é que estes, de modo democrático, possam dialogar e articular a produção que atenda a demanda de consumo. E que essa articulação seja possível para os sujeitos envolvidos, ou seja, esse processo exige que essas pessoas conheçam a realidade local, a região, o clima, a cultura alimentar, a capacidade produtiva, a viabilidade sustentável da produção, a dinâmica sazonal, entre outros elementos que vão tornar possível esse alinhamento entre produção e consumo nos modelos comunitários. A projeção é que, sendo viável e praticada em âmbito local, essa cultura sirva de exemplo e se estenda para outros territórios.

Portanto, é imprescindível entender que essa cultura surge numa economia não capitalista. Segundo França Filho (2007),

nesta economia de prossumidores, a regulação ocorre através de debates públicos no espaço associativo, num exercício de democracia local em que os próprios moradores planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços (ou seja, a criação das atividades socioeconômicas), em função de suas próprias demandas, que são identificadas previamente (FRANÇA FILHO, 2007, p. 161).

Nesse sentido, a COOPERSSOL é um espaço onde se promove a cultura de prossumidores/as. O processo de interação e troca entre produtores/as e consumidores/as ocorre de modo dinâmico e interativo, nos encontros na própria loja e também nos debates virtuais no grupo de *WhatsApp*. As temáticas postas em debates têm relação com a produção e o consumo, complexo denominado de comercialização solidária. As relações sociais solidárias implicam pessoas em sua totalidade nos processos comerciais. Além da troca de mercadorias, na troca de produtos tem-se o intercâmbio de identidades sociais e culturais, o homem e a mulher na sua integralidade.



As relações da comercialização solidária fazem os sujeitos sociais implicados a pensar sobre suas existências a partir de fatos da vida diária. De um ou outro modo, os acontecimentos no cenário político, econômico, educacional etc., possibilitam a homens e mulheres em formação e conscientização a se posicionar de modo crítico frente às suas existências. No movimento de interação intersubjetiva, de certo modo eles continuam tomando consciência das contradições sob as quais se encontram os/as trabalhadores/as associados/as e quais são os movimentos e as atitudes organizacionais para a superação das condições materiais que freiam a historicidade organizacional coletivizada.

O modo com que a COOPERSSOL tem interligado pessoas em torno de alguns temas geradores consumo solidário, agricultura familiar agroecológica, extrativista ecológico, segurança alimentar, economia solidária entre outros tem impactado diretamente a ação e a atuação das pessoas envolvidas. Há uma caminhada conscientizadora de entendimento e de compreensão das relações sociais e do desenvolvimento socioeconômico das organizações do trabalho associado.

Esses impactos se traduzem, primeiro, no interesse pelos produtos, depois pela identificação com as causas, na sequência pela decisão de ficar e participar porque desejam fortalecer, apoiar e contribuir com a proposta a economia solidária. E ao ficar, seja como membro do grupo de “consumidores/as solidários”, de “cooperados/as” e/ou “produtores/as” da COOPERSSOL, participam dos debates formativos, consomem produtos da cooperativa, colaboram com ações de solidariedade, na socialização dos fundamentos e da funcionalidade do cooperativismo solidário.

A organização das relações sociais de cooperação uma dinâmica que movimenta as pessoas para fora do campo do individualismo e da competição, e as leva para o campo da pronúncia, do reconhecimento de si e do outro, da ação conjunta. São dinâmicas pedagógicas e sociais de constituição e de fortalecimento da cultura da solidariedade. E é assim que a COOPERSSOL, um espaço de práticas pedagógicas, de espaços não formais, de intercâmbios sociais e de relações ecológicas, é uma construção social necessária e viável em um contexto global de mudanças, de ressignificação de valores e de urgência de escolhas que contemplem o bem-viver individual e coletivo.

A COOPERSSOL vai subvertendo a lógica do mercado capitalista, e segue enfrentando, cotidianamente, desafios gigantescos para se manter e se tornar um empreendimento autossustentável e também um palco de resistências e proposições. Por isso, é um espaço político de ação, de reflexão e práticas sociais que se contrapõem ao

modelo dominante da sociedade capitalista. Nesse lugar, são colocados em ação princípios e práticas sociais de modo efetivo para atuar em coletividade, constituindo relações democráticas, participativas, para reduzir os impactos ambientais das ações humanas; para exercitar o consumo solidário; estabelecer relações de cooperação de trabalho; praticar o preço justo; aprender sobre produção agroecológica, defensivos naturais, tecnologias sociais, receitas e técnicas, produção e comercialização; compreender as relações comerciais para definir como queremos realizar as nossas, entre tantas outras práticas que vão se constituindo no cotidiano.

Viabilizar esse processo exige movimento constante de mobilização, articulação, organização e atuação em rede, para cultivar a reciprocidade, a complementariedade, a amizade, a esperança, o amor. Para renovar as utopias, acolher os diferentes saberes, as diferentes culturas e crenças, embalar os sonhos e corações e construir pertencimento, pois uma condição para estar em rede é se permitir, é dar-se conta de que não sabemos tudo e de que precisamos uns dos outros. (“Quem é a Rede”, CONTAG 2013-2017. p.06).

A experiência com a cultura do prossumidor na COOPERSSOL integra pessoas em um lugar/espço/tempo comum, nas suas múltiplas atividades de trabalho e existência humana. São 23 cooperados/as associados regularmente, cerca de 36 produtores/as cadastrados/as, sendo que esse número é variável tem ciclo que tem mais outros ciclos menos, em dois grupos de *whatsApp* são 215 consumidores/as integrados e cerca de 27 organizações sócias e entidades parceiras. Isso considerando as pessoas do contexto local do município e da região da grande Cáceres/MT. Se olhar as relações constituídas com grupos e pessoas de outros municípios, os números inegavelmente serão maiores.

Em relação à aquisição e comercialização dos produtos, apresentamos os seguintes dados. Sobre a variedade de produtos expostos para venda na loja, temos 93<sup>14</sup> itens, sendo que desses, 83 são do gênero alimentícios e 10 itens de artesanato de uso e decoração. Todos esses vindos de grupos ou pessoas que compõem esse coletivo que faz a COOPERSSOL ser o empreendimento que é múltiplo, diverso e solidário.

O reflexo financeiro que a COOPERSSOL teve comparando os anos de 2020 e 2021, representa um crescimento sutil, mas simbólico, considerado que foram anos em que o Brasil viveu a crise sanitária em seus níveis de contaminação e morte mais

---

<sup>14</sup> Dados extraídos do relatório do sistema de vendas utilizado pela COOPERSSOL.

alarmante. Seguida pela resseção econômica e a crise política, que impactaram diretamente na vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

**Quadro 3 - Síntese do balanço financeiro do ano de 2020.**

<b>Mês</b>	<b>Entradas R\$</b>	<b>Saídas R\$</b>	<b>Saldo R\$</b>
01	3.995,32	5.557,87	-2.315,55
02	8.002,16	10.068,71	-2.066,55
03	5.020,80	5.765,71	<b>- 744,91</b>
04	11.976,31	6.284,68	5.691,63
05	12.879,62	11.141,58	1.738,04
06	7.558,82	7.388,97	169,85
07	8.964,81	5.980,38	2.984,43
08	11.017,53	10.382,62	634,91
09	12.126,82	10.402,25	1.724,57
10	7.726,68	9.812,78	- 2.086,10
11	7.357,00	7.701,39	- 396,39
12	10.473,40	7.759,48	2.713,92
<b>Total de 2020</b>	<b>107.099,27</b>	<b>94.359,14</b>	12.740,13

**Fonte:** Relatório Financeiro da COOPERSSOL, 2020.

**Quadro 4 - Síntese do balanço financeiro do ano de 2021.**

<b>Mês</b>	<b>Entradas R\$</b>	<b>Saídas R\$</b>	<b>Saldo R\$</b>
01	10.470,72	8.494,03	1.976,69
02	7.828,58	10.126,10	- 2.297,52
03	11.722,66	14.155,44	- 2.432,78
04	16.357,67	12.195,37	4.162,30
05	18.194,56	17.225,98	968,58
06	12.596,15	10.297,56	2.298,59
07	16.821,79	13.065,02	3.756,77
08	9.771,50	12.175,12	- 2.403,62
09	8.023,60	11.735,25	- 3.711,65
10	7.479,47	10.369,68	- 2.890,21
11	31.673,71	24.692,64	6.981,07
12	13.208,60	13.348,87	-140,27
<b>Total</b>	<b>164.149,01</b>	<b>157.881,06</b>	<b>6.267,95</b>

**Fonte:** Relatório Financeiro da COOPERSSOL, 2021.

Essa amostra dos balancetes anuais da COOPERSSOL representa o movimento da comercialização e o volume das despesas que o empreendimento tem para viabilizar esse projeto coletivo e que, apesar do esforço comum dos envolvidos, fechou o ano de 2020 com cinco meses com saldo negativo e em 2021 foram seis meses com saldo negativo, embora tenha tido o volume de entradas maior em todos os meses, comparados aos do ano anterior.

Em linhas gerais, a COOPERSSOL em três anos de existência da abertura da loja para comercialização dos produtos, ainda não é um empreendimento autossuficiente sob a perspectiva financeira. Isso porque, o volume de vendas é inferior ao de despesas/saídas. Não temos política municipal de incentivo a esses projetos de empreendimentos da economia solidária, e a nível estadual e nacional, houve diminuição e extinção das poucas políticas e/ou programas que destinavam verbas para esse fim. Nesse cenário, a sobrevivência da COOPERSSOL é um legado da força coletiva dos sujeitos envolvido diretamente nesse projeto.

Sem capital de giro a COOPERSSOL, conta com a relação de confiança estabelecida com os produtores/as, artesão/ãs, extrativistas para aquisição dos produtos, que em sua maioria são deixados na loja em consignação para pagamento posterior.

E em parceria com o CTA, num projeto intitulado: “Semeados Nossos Biomas”, a cooperativa teve acesso a uma ajuda de custo, basicamente ao pagamento do aluguel, energia, telefone e o uso em consignação de um veículo, por um período de 24 meses, essa parceria teve início em 2021.

As fotografias a baixo registrou o dia em que a diretoria do CTA, nesse ato representados por Miraci (presidenta) e Vilmon (diretor executivo), fizeram a entrega do veículo aos representantes da COOPERSSOL, João Ivo (presidente) e Cristiane (vice-presidente), esse veículo vem sendo utilizado pelos cooperados para buscar produtos nas comunidades rurais que não tem como trazer até a loja.

Mais abaixo, são registro de reuniões virtual e presencial da equipe do CTA e COOPERSSOL, avaliado e planejando as atividades do referido projeto.

**Fotografia 24** - Entrega do veículo a diretoria da COOPERSSOL



**Fonte:** Acervo da COOPERSSOL, 2021.

**Fotografia 25** - Reunião *online* de planejamento das atividades e reunião presencial de avaliação e retomada das atividades





**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2021/2022.

Durante o ano de 2021 as reuniões COOPERSSOL – CTA, de planejamento, avaliação e monitoramento do projeto: “Semeados Nossos Biomas”, foram feitas na modalidade *online*. Individualmente ou geralmente em duplas dos envolvidos no projeto, que saiam a campo para realização de atividades presenciais, cumprindo as normas de segurança e protocolo de saúde.

Somente em janeiro de 2022, (foto à direita), realizaram a primeira reunião presencial com a equipe para avaliação, monitoramento e planejamento das atividades e ações do segundo ano de execução projeto.

Assim, destacamos a importância da atuação em rede, sem essa conjugação de forças e estratégias a resistência não teria acontecido. A COOPERSSOL é o resultado de um querer coletivo que se reinventa diante dos obstáculos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa jornada querendo saber se a COOPERSSOL promove o desenvolvimento da economia solidária e da agricultura familiar no território de Cáceres/MT, no processo, identificamos a trajetória ousada desse empreendimento econômico solidário, que nasce das provocações dos sujeitos em contexto de formação e extensão popular da Universidade com a comunidade urbana e rural desse município.

Que em um processo de articulação e mobilização se constituiu a COOPERSSOL, um espaço de comercialização para a produção da agricultura familiar, extrativista, artesão e grupos familiares, gerando inclusão e renda para essas pessoas.

Por meio da articulação do consumo solidário tem-se experienciado um processo educativo que desafia a participação cotidianamente tanto nas demandas gerenciais de funcionalidade da cooperativa enquanto ponto de comercialização, como nos processos de articulação com e na rede de cooperação. O exercício é olhar para dentro e para fora e articular a “engrenagem” para que o movimento ocorra de modo sincrônico e constante. Identificando as demandas e articulando a resolutividade, com consciência crítica da realidade, compreendendo e validando a atuação coletiva, a diversidade de saberes e a gestão democrática dos conflitos.

A consolidação da COOPERSSOL na perspectiva econômica, social, cultural ecológica, política etc. vem se tornando um objetivo comum dos cooperados, consumidores e produtores, que são desafiados no dia a dia, a compreender esse espaço comum, e a imprimir esforços para viabilizar sua sustentabilidade. Essa percepção tem sido gerada nesse contexto formativo da educação popular e o trabalho associado. A educação popular instrumentaliza os sujeitos envolvidos a se reconhecerem capazes de identificar as contradições objetiva e subjetivas do coletivo e do sistema e a se contrapor as condicionalidades em curso. E ao fazer isso coletivamente, validando as relações humanas, de afeto, de amizade, de reciprocidade, de reconhecimento do outro, da diversidade, da inclusão, da força produtiva, de trabalho coletivo e cooperativo.

Vejam que, a COOPERSSOL é um projeto coletivo de sujeitos implicados, mas mesmo assim, a participação efetiva de todos/as ainda é um desafio que exige estratégias de superação dessa contradição, porque nem todos/as se propõem a atuação concreta do dia a dia. Ou seja, a participação ativa dos sócios/as cooperados/as na maioria das vezes se resume ao conselho administrativo, sete pessoas, mais ou menos.

Para ampliar essa participação nas atividades e/ou ações, ainda há necessidade de provocação, convocação etc. simboliza o que chamamos de participação reativa.

O que demonstra que, ainda há muito que aprendermos sobre a pedagogia da participação. Entre outras práticas essenciais ao movimento solidário que nos propomos.

Nesse sentido, por que a Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável - COOPERSSOL é um espaço pedagógico?

Esse empreendimento foi gestado nos espaços comuns da universidade e grupos populares que viveram processos formativos e educativos para a prática política e para o exercício consciente de direitos e deveres no âmbito de uma organização social.

Essa experiência, também possibilitou a restauração da condição de sociabilidade fortalecendo os laços de confiança, respeito mútuo, pertencimento, entre outros. Ao mesmo tempo em que, valoriza o ser humano, desenvolve a ética participativa, a cultura da solidariedade, a política democrática, o trabalho associado, entre outros.

A COOPERSSOL é um espaço de convivência, de práticas sociais, de aprendizagem, de motivação, de (re) construção de valores humanos, de relações criativas, de respeito mútuo, de solidariedade, de trabalho cooperativo, de troca de saberes, de experiências humanas, de resistência, de luta, de engajamento etc.

No caso desta dissertação expomos e analisamos a experiência do espaço da COOPERSSOL. Que é um projeto vinculado a uma política e movimento social maior de economia solidária, que nasceu das orientações da política de extensão universitária de incubação. Está alicerçada nos princípios e nas concepções da economia solidária, do trabalho associado, da educação crítica libertadora, anticapitalista, com objetivos de ser autogestionária e propagadora da cultura “prossumerista” na perspectiva de promover a cultura do bem-viver.

E é a prática, a presença, a participação, o fazer cotidiano que tem ensinado a esse grupo a se movimentar na direção do inédito viável.

Na organização da COOPERSSOL, o consumo é ato político relevante, pois, as escolhas de consumo refletem diretamente nos sistemas de produção, nas relações de trabalho e no meio ambiente social e natural. Quando se opta por consumir produtos da agricultura familiar, sem agrotóxicos, artigos artesanais; quando se dispensa o uso das sacolas plásticas e descartáveis; quando se adquirem os insumos dos/as “pequenos/as” produtores/as ou se compra nos “pequenos” espaços de comercialização, as escolhas têm implicação política, social e cultural.



Na perspectiva exposta estamos, claramente, nos posicionando contrários ao poder de dominação capitalista e tudo o que ela representa: a precarização das relações de trabalho, a produção contaminada por agrotóxicos, a degradação do meio ambiente natural, a cultura do consumo de acumulação entre tantas outras. Ou seja, ao escolher o que consumir, como consumir e por que consumir esse e não aquele produto disponível no mercado impacta diretamente em todo o processo produtivo desses insumos. Ao fazer isso fortalecemos um grupo de sujeitos em detrimento do sistema, com a inclusão da força produtiva dos/as trabalhadores/as, que estão em experiências produtivas diversas da do mercado capitalista. Isso fortalece a economia local, gera renda, inclui força produtiva limpa e sustentável, promove diálogo simbólico e significativo entre produtores e consumidores. Nutre as relações humanas entre os grupos que estão no campo e os que estão na cidade. Os reúnem em prol de pautas comuns na luta por políticas públicas, por direitos, por espaço, por voz e vez na sociedade.

No campo da práxis, aprendem entre outras coisas, a gerar menos danos à natureza, produzir menos lixo, a não acumular, a reutilizar, a estabelecer conexões entre as pessoas que produzem, comercializam e consomem. A atuar em rede de cooperação, a desenvolver tecnologias sociais para a utilização dos recursos naturais e humanos que dispõem.

E, mesmo diante de um momento desafiador como o da pandemia do Covid-19 que, de algum modo, veio a ressaltar a urgência de a humanidade repensar as relações existenciais e as relações com a própria natureza. A COOPERRSOL desenvolveu ações capazes de gerar alternativas de sobrevivência e suporte as pessoas em situação de maior vulnerabilidade. Mobilizou e uniu pessoas em torno de pautas relevantes e urgentes sem perder de vista seus objetivos e sua missão nesse território e nesse tempo histórico comum.

Minimizou o distanciamento social, outro desafio, vivenciado nesse período de pandemia, com a mobilização das pessoas pelas redes sociais. Mantendo diálogos com e nos grupos de *whatsApp*, identificamos demandas, acolhemos pedidos de ajuda e reinventaram a atuação em rede. Ajudando, foram ajudados. Cooperando aprenderam a cooperar e seguem aprimorando esse princípio tão essencial ao movimento. A luta é pedagógica e o aprendizado é contínuo. É no movimento que aprendemos a nos movimentar, e na ação-reflexão que aperfeiçoam a atuação.

A relação universidade-comunidade-universidade promove a interação mais que devida, natural ou que deveria ser natural, entre os saberes acadêmicos e populares para

possibilitar ganhos a sociedade e a academia. O mundo do trabalho precisa de profissionais implicados, comprometidos com a sociedade, conhecedores de suas realidades, atuantes para a melhoria da coletividade e com a coletividade e não apartados dessa, movidos por um individualismo competitivo que não torna o mundo melhor para todos.

Nessa trajetória, aprendemos que essa parceria é viável, promissora e que gera condições válidas para superação das contradições geradas pelo sistema capitalista.

O consumo pode ser um ponto de partida para a transformação da cultura consumerista voraz e predatória. De acordo com o pensamento de Boff (2020) o Planeta Terra é nossa casa comum, e o autor nos alerta sobre a urgência de tomada de consciência, porque, não teremos existência futura nessa casa comum se as gerações não entenderem isso. É urgente mudarmos nossa consciência, o modo como nos relacionamos e forjamos nossa existência nesse lugar-tempo-espaco-território.

A COOPERSSOL nasce, com essa proposta e se projeta no mundo material como experiência prática para e com um coletivo de sujeitos implicados, que se envolvem e, com ações e interações, estão envolvendo outras pessoas nesse projeto.

Como empreendimento da economia solidária, por meio desse movimento associativos/cooperativos, possibilita e viabiliza o processo de tomada de consciência, mobilização das pessoas para desenvolver e usar tecnologias sociais capazes de produzir de modo sustentável, relacionar-se de modo respeitoso, humanizador e ainda ser capaz de gerar uma nova cultura de consumo, responsável, compartilhado e solidário.

E isso justifica a persistência em trabalhar com os grupos associados e na perspectiva de uma formação crítico-libertadora, porque isso possibilita o processo de transformação social.

O olhar sobre a realidade local, a identificação das demandas sociais, econômicas, políticas etc., vivenciadas por esse coletivo os tem mobilizado e os tem colocados no campo da práxis de modo relevante e criador de uma cultura solidária.

Parafrazeando Paulo Freire (2017), nessa ambiência pedagógica, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, sem hierarquia de saber e sem limites para o aprendizado. É assim a experiência com a COOPERSSOL, estamos no campo da práxis e compreendemos que é a dinâmica das relações sociais que vai indicando os caminhos presentes e futuros a serem feitos, nada é permanente, mas sim um processo sociometabólico de retroalimentação pela relação de homens e mulheres

em movimento histórico-dialético e cultural-dialógico de transformação e de humanização.

A caminhada até aqui reitera, entre outras coisas, a importância do trabalho associado e coletivo, dos movimentos sociais, da educação solidária e da organização do povo trabalhador. A frase que diz: “juntos somos mais fortes” não é um clichê, é uma realidade concreta que precisa ser vivenciada e aprimorada para romper com a dominação aniquilante do sistema capitalista, para superar o individualismo, a alienação, a competitividade exacerbada. Resgatar e viver os valores humanos é, obrigação de todas as pessoas que refletem a realidade social, cultural, econômica e política deste tempo e compreende que, a estrutura capitalista é contrária aos processos de humanização e a todos os valores e princípios éticos que os constituem. A economia solidária e o cooperativismo solidário podem ser o caminho dos aprendizados para a produção-comercialização-consumo solidários. É a efetividade da educação solidária. Por isso a COOPERSSOL é um espaço pedagógico, espaço-tempo de encontros, de vivências de conhecimentos e de práticas sociais de cooperação e de solidariedade.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. Editora: Elefante, 2015.
- ANDALOUSSI, Khalid. **Pesquisa-ação: ciência, desenvolvimento**. Trad. Michel Thiollent. São Carlos: EduFSCar, 2004.
- ARROYO, M. **Trabalho, Educação e Teoria Pedagógica**. In: FRIGOTTO, G. (Org) Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BARRETO, André Valente Barros. **Cultura da Cooperação: subsídios para uma economia solidária**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BOTERF, Guy Le. **Pesquisa participante: Propostas e reflexões**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BOCAYUVA, Claudio Cunha; VARANDA, Ana Paula de Moura (Organizadores). **Tecnologia Social, Economia Solidária e Políticas Públicas**- 1.ed.- Rio de Janeiro: FASE: IPPUR, UFRJ,2009.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 20 abril de 2017.
- CUNHA, Gabriela Cavalcante. **Dimensões da luta política nas práticas de economia solidária**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CULTI, Maria Nezilda; KOYAMA, Mitti Ayako; TRINDADE, Marcelo. **Economia Solidária no Brasil. Tipologia dos Empreendimentos Econômicos Solidários**. UIN-Unitrabalho, Todos os Bichos, 2010.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELLIOTT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In:
- FICHER, Maris Clara; TIRIBA, Lia. **Saberes do Trabalho Associado**. CATANNI, Antônio D. Et al in: Dicionário Internacional da Outra Economia. Almedina/CES: Coimbra, 2009.
- FILHO, Genauto Carvalho de França. **Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação**. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v.7, n. 1, jan-jun, 2007.
- FILHO, Genauto Carvalho de França. **A via sustentável-solidário no desenvolvimento local**. o&s – v.15 – n.45 – abril/junho – 2008.
- FARIA, Mauricio Sardá. **Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital**. Florianópolis, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 51ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

- FREITAS, Helena C. L. de. **O Trabalho como Princípio Articulador na Prática de Ensino e nos Estágios**. Campinas-SP: Papirus, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Paulo Freire, 2009.
- GIL, Antonio Carlos; **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOERGEN, Pedro. **Pós-Modernidade, Ética e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como Práxis Pedagógica**. São Paulo: Paulo, 2009.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRUNER, Eduardo. **A Teoria Marxista Hoje: Problema e Perspectivas**. Buenos Aires: Expressão Popular, 2006.
- MANCE, Euclides André. **A Revolução das Redes**. Editora Vozes, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da Educação e do Ensino**. Trad. de Ana Maria Rabaça. Lisboa: Moraes, 1978.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Victor Hugo Klagsbrunn. Rocket Edition, 1999.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. IN: FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- MACHADO, Ilma Ferreira. **Organização do Trabalho Pedagógico em uma Escola do MST e a Perspectiva de Formação Omnilateral**, Campinas: Editora RG, 2010.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a Pedagogia Moderna**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.
- MELO, Ana Beatriz. **Cooperativismo e trabalho autogestionário: entre o real e o possível**. Curitiba: Appris, 2012.
- MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular**. 2.ed. João Pessoa: Editora da Ufpb, 2014. 122 p. Disponível em: <http://www.ccm.ufpb.br/vepopus/home/todos-os-projetos/vepop-sus/biblioteca-vepop/%20livros%20/>. Acesso em 07 mar. 2021.
- MOTHÉ, Daniel. Autogestão. In: CATTANI, Antonio D. *et al.* (org.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Almedina/CES: Coimbra, 2009.
- NETO, João Carlos da Mota. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Editora CRV. Curitiba/PA, 2012.
- PALUDO, Conceição. **Educação popular**. In: CALDART, Roseli. S. Et al: (org.) **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788p. – p. 282-287.
- PRAXEDES, Sandra Faé. **Políticas públicas e economia solidária: novas práticas, novas metodologias**. Ipea, Mercado de Trabalho: 2009.

PUHL, João Ivo. **Participação Política**. In Caderno Pedagógico I. Educação no Campo: Formação e Desenvolvimento comunitário. Cáceres/MT, PIESES, UNEMAT, RPOEC-UNEMAT, 2001(Série: Sociedade Solidária, caderno I).

Site: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/28/coronavirus-e-ultimato-para-mudarmos-a-relacao-com-a-terra-afirma-leonardo-boff>. Pesquisando em agosto de 2020.

SCHAR, J. F. **A Missão Econômica e Social das Cooperativas de Consumo**. 4 ed. São Paulo: Serie Consumo, 1967.

SGUAREZI, Sandro Benedito. **Autogestão e Economia Solidária: limites e possibilidades**, São Paulo, 2011.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação Comunitária: Além do Estado e do Mercado?** Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 85-97, março/ 2001.

SOUZA, André Ricardo de; CUNHA, Gabriela Cavalcanti; DAKUZAKU, Regina Yoneko (Org.). **Uma Outra Economia é Possível**. Paul Singer e a Economia Solidária. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista de Educação**. Vol II. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).11. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ZART, Laudemir Luiz. **Política e Participação**. In: Caderno Pedagógico III. Cáceres/MT, UNEMAT Editora, 2014(Série: Sociedade Solidária, caderno III).

ZART, Laudemir Luiz. **Produção social do conhecimento nas experiências da socioeconomia solidária no Núcleo Unemat-Unitrabalho**. In: Fundamentos da Produção Social do Conhecimento. ZART, Laudemir Luiz, PAEZANO, Eliane dos S.M, MARTINS, Jucilene de Oliveira (Org.). Educação e Socioeconomia Solidária. Cáceres: Editora Unemat, 2019. p.157-184; Vol. VIII.

ZART, Laudemir Luiz. **Produção social do conhecimento na experiência do curso de agronomia dos movimentos sociais do campo (camosc): interação da Unemat e de movimentos sociais do campo**. Campinas/SP, 2012.

## APÊNDICE A - SUJEITOS DA PESQUISA CRITÉRIO DE ESCOLHA

### GRUPO 1: Cooperados/as

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Dinairan	Aparecido de Assis
Heloisa	Edson Felix
Jucilene	Edson Penha
Ilma Machado	Otávio
Cristiana G. Ribeiro	João Castrillon
Leni	Eliel
Rita Borges	Admilson
Taciane	João Ivo

#### **Crítérios:**

- a) Participação proativa e participação reativa;
- b) Sócios fundadores e novos associados;
- c) Representatividade de gênero;
- d) Representatividade étnica.

### GRUP 2: Agricultores/as

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Alcilene	Adriano
Argentina	João Paulo
Bernadete	Icáro
D. Dionice	José Aparecido
Eliane	José Gomes
Mariza	Neuzo
M <sup>a</sup> Antônia	Saguio
Thais	Sebastião

#### **Crítérios:**

- a) Representatividade territorial;
- b) Diversidade sociocultural;
- c) Gênero e geracional (idade);
- d) Experiências de trabalho e organização camponesa;
- e) Unidade familiar e produção diversificada;
- f) Processos de transição da produção in natura a industrialização;
- g) Formação e os reflexos na prática do trabalho camponês.

**GRUPO 3:** Consumidores/as

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Susane	José Ferreira
M <sup>a</sup> Adorno	Malheiros
Leonice	Maluf
Maria Rita	Guilherme
Iracy	Humberto
Renata Lourenço	Jesus
Solange	
D. Rosa	
Cristiana	
Zenaide	

**Crítérios:**

- a) Regularidade no consumo;
- b) Representatividade de gênero;
- c) Participação no grupo dos consumidores.



## **APÊNDICE B - RELATÓRIO DA COLETA DE DADOS**

1. Primeira coleta realizada por formulários na plataforma do *google forms*: foram três questionário de caracterização um para cada grupo de sujeitos (cooperado, consumidor e produtores);
2. Um segundo momento da coleta utilizei o aplicativo whatsApp, foi necessária para sanar as dificuldades de acesso dos produtores a plataforma *forms*. Nesse momento da coleta facultei aos participantes que respondesses as perguntas por áudio, por escrito ou via entrevista gravada via *google meet*, conforme fosse melhor para cada um, sendo assim dos doze entrevistados: 4 respondeu por escrito no whatsApp; 4 por áudio no whatsApp e 3 responderam via entrevista gravada via *google meet*.
3. Realizei também duas entrevistas sendo uma com: Eliane dos Santos Martinez Paezano, na condição de primeira presidenta da Cooperssol e outra com João Ivo Phol, presidente atual da cooperativa.

### **Entrevistas complementares produtores:**

Dionice Gonçalves Ribeiro – 13.05.2021

Mariah Antônia Rlon de Souza – 01.07.2021

Neuzo Antônio Oliveira – 02.07.2021

### **Entrevistas Presidentes:**

Eliane dos Santos Martinez Paezano – 24.06.2021

João Ivo Phol – 04.08.2021.

### **Resposta complementares via whatsApp:**

Alcilene Borges Freitas – 09.08.2021

Adriano Rodrigues Galha – 03.08.2021

Argentina Martins - 04.08.2021

Catarina de Magalhães Ribeiro – 03.08.2021

Jandira Alves Terena – 26.04.2021

José Gomes da Silva – 03.08.2021

Mariza de Fatima da Silva – 03.08.2021

Saguio Moreira Santos – 03.08.21021

Thaís de Carvalho Sabino – 03.08.2021

### **APÊNDICE C - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS:**

1. Identificação pessoal - falar sobre si (origem, formação, participação no núcleo...)
2. Contar sobre seu envolvimento no processo de constituição da cooperativa – (processo histórico)
3. Quais os desafios enfrentados (concepção do empreendimento, construção e registro da Cooperssol, abertura da loja, viabilidade econômica, busca por produtos, funcionalidade e gestão do empreendimento, relação e articulação com os agricultores/fornecedores, participação dos cooperados)
4. Quais conquistas/possibilidades experienciadas nesse processo.

Observação: Subverter a ordem - Homem-objeto – homem-sujeito.

## APÊNDICE D – QUESTIONARIOS APLICADOS AOS SUJEITOS DA PESQUISA

### QUESTIONÁRIO I

(Este questionário foi aplicado aos participantes produtores com a finalidade de realizar a caracterização desse grupo e de sua unidade familiar).

I – DADOS FAMILIARES	
1.	Nome _____ do Entrevistado _____
2.	Naturalidade /Cidade _____ Estado/ _____
3.	Em que ano chegou aqui? _____
4.	Idade _____
5.	Aposentado/a: (___) Sim (___) Não
6.	Profissão Atual _____
7.	Grau de escolaridade: (___) Ensino fundamental Completo (___) Incompleto (___) Ensino médio Completo (___) Incompleto (___) Ensino Superior Completo (___) Incompleto (___) Nunca estudou
8.	Estado Civil: (___) Solteiro. (___) Casado. (___) Divorciado. (___) União Estável. (___) Viúvo
9.	Qual é o tipo de residência da família: ( ) Casa própria na cidade ( ) no sítio ( ) Casa alugada na cidade ( ) no sítio ( ) Casa Cedida em sítio por amigo/familiar/parente/empregador ( ) Outros _____
10.	Tipo de propriedade Rural: Própria (___) Arrendada (___) Posse (___) Outros (___)

Qual? \_\_\_\_\_

11. A família tem propriedade rural? ( ) Sim ( ) Não

a) Se sim, qual área aproximada da propriedade:

( ) sítio até 10 alqueires ( ) sítio até 20 alqueires

( ) sítio até 30 alqueires ( ) sítio acima de 50 alqueires

12. A propriedade rural está localizada em qual comunidade?

\_\_\_\_\_

13. Cônjuge (Idade): \_\_\_\_\_ 14. Aposentado? ( ) Não. ( ) Sim.

15. Escolaridade do cônjuge? \_\_\_\_\_

16. Profissão atual do cônjuge: \_\_\_\_\_

17. Têm filhos: ( ) Não. ( ) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_

18. Os filhos trabalham na propriedade? ( ) Não. ( ) Sim.

a) Caso SIM, quantos? \_\_\_\_\_

b) Se NÃO, onde trabalham: ( ) Autônomo. ( ) Órgão público. ( ) Privado. ( )

Aposentado. ( ) Agricultor. ( ) Criança. ( ) Outro \_\_\_\_\_

19. Quantas pessoas moram com você na sua residência (incluindo você)? \_\_\_\_\_

20. A mão de obra desenvolvida na sua casa e/ou propriedade é: ( ) Contratada, ( ) Fixa, ( )  
Diarista, ( ) Familiar.

21. Se mão de obra externa, quantas? \_\_\_\_\_

22. Quais das fontes abaixo fazem parte da renda familiar? (Enumere da maior fonte de renda para a menor. Observação marque somente as questões que fazem parte da renda familiar)

- Funcionário público
- Trabalho assalariado setor privado
- Autônomo
- Comerciante
- Profissional liberal
- Do lar/domestica
- Artesão/ã
- Extrativista
- Pequeno agricultor – produção de hortaliças/legumes/frutas
- Pequeno agricultor – produção de leite e derivados
- Pequeno agricultor – produção de carnes/peixes/aves/suínos
- Pequeno agricultor – produção de grãos e afins
- Outros \_\_\_\_\_

23. Qual é a renda mensal de família?

- Um salário mínimo (\$1.100,00)
- Dois a três salários mínimos
- Quatro a cinco salários mínimos
- Seis a sete salários mínimos
- Oito a dez salários mínimos
- Acima de dez salários mínimos

#### PRODUÇÃO E CONSUMO:

24. Especifique o número de instalações na propriedade e o tipo das benfeitorias:

- Casa de moradia  Fornos  Cerca  Barracão  Curral  Chiqueiro  
 Galinheiro  Outro \_\_\_\_\_

25. Para consumo humano, qual a origem da água?

- Poço artesiano.  Poço comum  Água encanada.  Outro

26. Responda quais das alternativas a seguir fazem parte das atividades desenvolvidas na propriedade:

Produção	Quantidade	Finalidade (venda e/ou consumo)
----------	------------	---------------------------------

<input type="checkbox"/> Aves		
<input type="checkbox"/> Suíno		
<input type="checkbox"/> Caprino		
<input type="checkbox"/> Bovino para corte		
<input type="checkbox"/> Bovino Leiteiro		
<input type="checkbox"/> Peixe		
<input type="checkbox"/> Cerveja		
<input type="checkbox"/> Pães		
<input type="checkbox"/> Doces		
<input type="checkbox"/> Leite		
<input type="checkbox"/> Queijo		
<input type="checkbox"/> Ovos		
<input type="checkbox"/> Manteiga		

27. Para quem são comercializados esses produtos?

Atravessadores  Consumidores  mercados  outros \_\_\_\_\_

28. Quais atividades agrícolas são desenvolvidas na propriedade?

Produção	Quantidade	Finalidade (venda e/ou consumo)	Produção	Quantidade	Finalidade (venda e/ou consumo)
<input type="checkbox"/> Arroz.			<input type="checkbox"/> Inhame/Cará.		
<input type="checkbox"/> Batata Doce			<input type="checkbox"/> Abacaxi.		
<input type="checkbox"/> Cana de açúcar.			<input type="checkbox"/> Banana.		
<input type="checkbox"/> Feijão.			<input type="checkbox"/> Mamão.		
<input type="checkbox"/> Mandioca.			<input type="checkbox"/> Melancia.		
<input type="checkbox"/> Milho			<input type="checkbox"/> Laranja.		
<input type="checkbox"/> Poncã			<input type="checkbox"/> Mexerica.		
<input type="checkbox"/> Laranja.			<input type="checkbox"/> Goiaba.		
<input type="checkbox"/> Limão.			<input type="checkbox"/> Hortaliças/ verduras		

<input type="checkbox"/> Legumes					
<input type="checkbox"/> outros _____					
29. Para quem é comercializado? <input type="checkbox"/> Feira comunitária. <input type="checkbox"/> Mercado. <input type="checkbox"/> Ao consumidor. <input type="checkbox"/> Ao atravessador. <input type="checkbox"/> Associação. <input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> COOPERSSOL <input type="checkbox"/> Outros _____					
30. Realiza cálculos sobre custo de produção e de venda? <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Sim.					
31. Na sua comunidade existe associação? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não					
a) Se sim, você participa? De que forma? _____					
32. Que tipo de associação existe em sua comunidade? _____					
33. O que você entende por trabalho? Explique. _____ _____					
34. O que você entende por trabalho associado e cooperado? Explique. _____ _____					
35. Acredita que esse tipo de trabalho cooperado pode ser desenvolvido em sua comunidade? Como? _____ _____ _____					
<b>CUIDADOS COM PREPARO DO SOLO</b>					
36. Como faz para restaurar ou manter a qualidade do solo? _____ _____					

37. Já fez alguma análise de solo? ( ) Não. ( ) Sim. Quando: \_\_\_\_\_

38. Usa recomendações agronômicas de adubação das culturas? ( ) Não. ( ) Sim. Se SIM, qual? \_\_\_\_\_

39. Usa adubo químico? ( ) Não. ( ) Sim.

40. Qual fonte de adubo orgânico? ( ) Aves. ( ) Bovino. ( ) Caprino. ( ) Equino. ( ) Suíno. ( ) Outros: \_\_\_\_\_

41. Como maneja o solo? ( ) Tração animal. ( ) Mecanizada.

42. Se MECANIZADA, é ( ) própria, ( ) da prefeitura, ( ) de associação ou ( ) terceirizado?

43. O que você entende por agroecologia e agroflorestal?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

44. Cite ações desenvolvidas na propriedade pela família para preservar o meio ambiente.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

45. O que você entende por agricultura familiar? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### **CONSUMO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

46. O que compram? ( ) Vestuário ( ) Higiene pessoal ( ) Alimentos cesta básica ( ) Produtos de limpeza.

47. Quanto em média gastam com cada, em valores R\$ ( ) Vestuário ( ) Higiene pessoal

( ) Alimentos cesta básica ( ) Produtos de limpeza.

48. Possuem veículo próprio? ( ) Moto. ( ) Carro. ( ) Carroça. ( ) Trator. ( ) Bicicleta.



( ) Outros: \_\_\_\_\_

49. Possui algum financiamento? ( ) Não. ( ) Sim. Se SIM, qual? \_\_\_\_\_

### EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

50. Você participa ou já participou de alguma formação realizada pelo Núcleo Unemat-Unitrabalho?

( ) sim ( ) não

51. Você participa ou já participou de algum movimento social?

( ) Sim ( ) Não

Se **sim** qual? \_\_\_\_\_

52. O que você entende por Economia Solidária? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

51. O que você entende sobre cooperativismo solidário?

\_\_\_\_\_

52. Você entende sabe como funciona uma cooperativa? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

53. Qual a sua relação com a COOPERSSOL?

\_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO II

(Este questionário foi aplicado aos participantes cooperado/as com a finalidade de realizar a caracterização desse grupo e de sua unidade familiar).

#### I – DADOS FAMILIARES

1. Nome do Entrevistado \_\_\_\_\_

2. Naturalidade /Cidade \_\_\_\_\_ Estado/ \_\_\_\_\_

3. Em que ano chegou aqui? \_\_\_\_\_

4. Idade \_\_\_\_\_

5. Aposentado/a: (\_\_\_) Sim (\_\_\_) Não

6. Profissão Atual \_\_\_\_\_

7. Grau de escolaridade:

(\_\_\_) Ensino fundamental Completo (\_\_\_) Incompleto

(\_\_\_) Ensino médio Completo (\_\_\_) Incompleto

(\_\_\_) Ensino Superior Completo (\_\_\_) Incompleto

(\_\_\_) Nunca estudou

8. Estado Civil: (\_\_\_) Solteiro. (\_\_\_) Casado. (\_\_\_) Divorciado. (\_\_\_) União Estável. (\_\_\_) Viúvo

9. Qual é o tipo de residência da família:

( ) Casa própria na cidade ( ) no sítio

( ) Casa alugada na cidade ( ) no sítio

( ) Casa Cedida em sítio por amigo/familiar/parente/empregador

( ) Outros \_\_\_\_\_

10. Cônjuge (Idade): \_\_\_\_\_ 14. Aposentado? (\_\_\_) Não. (\_\_\_) Sim.

11. Escolaridade do cônjuge? \_\_\_\_\_

12. Profissão atual do cônjuge: \_\_\_\_\_

13. Têm filhos: (\_\_\_) Não. (\_\_\_) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_

14. Quantas pessoas moram com você na sua residência (incluindo você)? \_\_\_\_\_

15. Quais das fontes abaixo fazem parte da renda familiar? (Enumere da maior fonte de renda para a menor. Observação marque somente as questões que fazem parte da renda familiar)

- Funcionário público
- Trabalho assalariado setor privado
- Autônomo
- Comerciante
- Profissional liberal
- Do lar/domestica
- Outros \_\_\_\_\_

16. Qual é a renda mensal de família?

- Um salário mínimo (\$1.100,00)
- Dois a três salários mínimos
- Quatro a cinco salários mínimos
- Seis a sete salários mínimos
- Oito a dez salários mínimos
- Acima de dez salários mínimos

### CONSUMO E POLÍTICAS PÚBLICAS

17. O que compram? () Vestuário () Higiene pessoal () Alimentos cesta básica () Produtos de limpeza.

18. Quanto em média gastam com cada, em valores R\$ () Vestuário () Higiene pessoal

() Alimentos cesta básica () Produtos de limpeza.

19. Possuem veículo próprio? () Moto. () Carro. () Carroça. () Trator. () Bicicleta. () Outros: \_\_\_\_\_

20. Possui algum financiamento? () Não. () Sim. Se SIM, qual? \_\_\_\_\_

### EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

21. Você participa ou já participou de alguma formações realizadas pelo Núcleo Unemat-Unitrabalho?

- sim
- não

22. Você participa ou já participou de algum movimento social?

- Sim
- Não

Se **sim** qual? \_\_\_\_\_

23. O que você entende por Economia Solidária? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

24. O que você entende sobre cooperativismo solidário?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

25. Você entende sabe como funciona uma cooperativa? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

26. Qual o seu papel na COOPERSOL?

\_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO III

(Este questionário foi aplicado aos consumidores que consomem produtos comercializados na COOPERSOL com a finalidade de realizar a caracterização do grupo de consumidores não associados)

Nome: \_\_\_\_\_

1. Idade \_\_\_\_\_

2. Sexo ( ) M ( ) F

3. Estado civil? ( ) solteiro/a ( ) casado/a ( ) convivente ( ) viúvo/a

4. Naturalidade /Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

5. . Grau de escolaridade:

( ) Ensino fundamental Completo ( ) Incompleto

( ) Ensino médio Completo ( ) Incompleto

( ) Ensino Superior Completo ( ) Incompleto

( ) Nunca estudou

6. Estado Civil: ( ) Solteiro. ( ) Casado. ( ) Divorciado. ( ) União Estável. ( ) Viúvo

7. Qual é o tipo de residência da família:

( ) Casa própria na cidade

( ) Casa alugada na cidade

( ) Outros \_\_\_\_\_

8. Você utiliza meios de transporte para locomoção?

sim     não    Qual? \_\_\_\_\_

8. Incluindo você, quantas pessoas vivem em sua residência?

Duas     Três     Quatro     Cinco     Seis pessoas ou mais.

9. Por que você compra na COOPERSSOL:  Porque é um empreendimento econômico solidário  Porque vende produtos livre de agrotóxicos  Por ser um espaço de comercialização com práticas e produtos diferente das do mercado convencional  Outro

\_\_\_\_\_

10. Consumir os produtos da COOPERSSOL significa que você:

Contribuí para o fortalecimento da economia familiar, agroecológica e artesanal.

Prefere consumir produtos frescos e sem agrotóxicos.

Tem consciência de que o consumo é um ato político e deve ser realizado com responsabilidade e com proximidade entre quem produz e quem consome.

Fortalece a rede de produção e comercialização de empreendimento da economia solidária.

Outro \_\_\_\_\_

11. Para você o que a COOPERSSOL representa? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12. A COOPERSSOL desenvolve ações e/ou atividades de solidariedade e cooperação?

Sim     Não

Quais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

13. Descreva o que você entende por trabalho cooperado.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

14. Em sua comunidade quais os trabalhos cooperados e/ou coletivos que você conhece?

---

---

15. Qual a diferença de trabalho associado e trabalho assalariado?

---

---

16. O que você entende por economia solidária?

---

---

17. O que leva você a consumir os produtos da COOPERSSOL é:

Qualidade e variedade dos produtos ofertados

Bom atendimento

Preço justo

Outro \_\_\_\_\_

18. A cooperativa de consumo Solidário e Sustentável - COOPERSSOL desenvolve uma comercialização diferente da do mercado tradicional?

Sim  Não

Se sim, como? \_\_\_\_\_

---

19. Como que frequência você compra na COOPERSSOL:

semanalmente  mensalmente  esporadicamente

Por \_\_\_\_\_ quê?

---

---

20. Pra você tem alguma relevância o fato da COOPERSSOL se ocupar em difundir valores como a cooperação, a solidariedade, respeito à natureza e as relações de trabalho etc.?

Sim  Não

Por quê? \_\_\_\_\_

21. O que você entende do que é consumo solidário e sustentável?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

22. Você considera que a cooperativa desenvolve práticas pedagógicas voltadas para a promoção de uma nova cultura de consumo?

(\_\_\_) Não ( ) Sim

Se \_\_\_\_\_ sim,

Como? \_\_\_\_\_

23. Descreva as temáticas que você gostaria que a Cooperssol desenvolvesse para esclarecer melhor sua atuação no município de Cáceres/MT: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS/AS COOPERADOS**

(AS)

### 1) TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

- a) Quais experiências profissionais e/ou acadêmicas da sua vida contribuíram para prepará-lo (a) para se associar e atuar na Cooperssol?
  
- b) Você identifica as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito da Cooperssol para viabilizar a comercialização e o consumo solidário e sustentável? Quais?

### 2) CONCEPÇÃO SOBRE AS TEORIAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO POPULAR

- a) O que você entende sobre Educação Popular?
- b) Para você o que é prática pedagógica?
- c) Como as práticas pedagógicas desenvolvidas na COOPERSOL corroboram para a cultura do consumo solidário e sustentável?
- d) Defina o que você entende por trabalho associado?
- e) As práticas pedagógicas fazem relações entre o trabalho associado e educação? Como?
- f) A prática desenvolvida possibilita aos cooperados fazer relações entre o conhecimento científico e a realidade? Como?
- g) O que entende por cultura do prossumidor?
- h) Você em conjunto com os projetos e/ou ações realizados pela na COOPERSOL promovem práticas e/ou estudos que permitem aos cooperados (as) desenvolverem conhecimentos para se auto organizarem na cooperativa? Como?



## **APÊNDICE F - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

### **1. ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS:**

#### **PLANEJAMENTO**

- a) Este item envolve a análise do plano trabalho e sua execução
- b) Existe coerência entre o proposto no plano de trabalho e o que foi realizado na prática dos cooperados (as)?
- c) As atividades são desenvolvidas de acordo com a programação e disponibilidade dos cooperados (as)?

### **2. A INTERAÇÃO ENTRE OS/AS COOPERADOS/AS E O CONTEÚDO**

- a) Os assuntos/temas/atividades trabalhados tem relação com os objetivos da cooperativa e seus/suas associados/as?
- b) As atividades e/ou os problemas propostos são desafiadores e significativos para todos os/as associados/as?
- c) Os recursos utilizados são adequados ao conteúdo?
- d) Como está organizado o tempo da atividade? Foi reservado períodos de duração suficiente para os/as cooperados se pronunciarem, exporem as dúvidas, debaterem e resolverem problemas?

### **3. INTERAÇÕES E RELAÇÕES NOS MOMENTOS DAS RODAS DE CONVERSA, ENCONTROS SOCIABILIZAÇÃO E ATIVIDADES.**

- a) Quais as percepções que cooperados/as, produtores/as e consumidores/as têm sobre as temáticas abordadas?
- b) Existe cooperação entre os sujeitos pesquisados?
- c) Os trabalhos em grupo são facilmente desenvolvidos?
- d) Como ocorrem as relações interpessoais existentes entre os sujeitos?
- e) Os pesquisados se sentem à vontade para colocar suas hipóteses e opiniões na discussão?
- f) Nas atividades em grupo, há uma troca produtiva entre os sujeitos?
- g) A relação desenvolvida em reunião apresenta-se de forma harmônica.
- h) Como a diretoria lida com as diferenças em relação a participação dos/as cooperados/as nas ações da cooperativa?

i) Os sujeitos envolvidos estão satisfeitos com as práticas pedagógicas que vem sendo desenvolvida no empreendimento?

j) Na hipótese das praticas pedagógicas não estarem sendo suficientes para atender as expectativas de viabilidade de uma nova cultura prossumerista. Quais são as possibilidades para viabilizar o processo de aprendizagem? Quais as sugestões?

**\*Observações:** as coletas de dados ocorrerem de forma *on-line*, e alguma destas de modo presencial, em meio aberto e com todos os cuidados para evitar contaminação.

**ANEXO A – ATA DE FUNDAÇÃO E ESTATUTO DA COOPERSOL**